

A dramatic, sepia-toned photograph of a man in a dark suit and tie looking down at a woman holding a baby. The woman has long, wavy hair and is wearing a light-colored dress. The baby is looking directly at the camera. The background is dark and moody, with a window visible behind the man.

UMA FILHA PARA O PREFEITO

BÁRBARA LORRANY

UMA FILHA PARA O PREFEITO

BÁRBARA LORRANY

COPYRIGHT © 2024 BÁRBARA LORRANY

REVISÃO TEXTUAL: Amanda Mont'Alverne e Vinicius Oliveira

LEITURA CRÍTICA: Amanda Mont'Alverne

DESIGN CAPA: Ctrl Designer

IMAGENS CAPA: Depositphotos

ILUSTRADOR: Daniel Sousa

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais, é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

LIVRO ÚNICO

Criado no Brasil, 2024 | 1^a edição digital

Índice

[ALERTA!](#)

[PLAYLIST](#)

[NOTA](#)

[SINOPSE](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[1.](#)

[2.](#)

[3.](#)

[4.](#)

[5.](#)

[6.](#)

[7.](#)

[8.](#)

[9.](#)

[10.](#)

[11.](#)

[12.](#)

[13.](#)

[14.](#)

[15.](#)

[16.](#)

[17.](#)

[18.](#)

[19.](#)

20.

21.

22.

23.

24.

25.

26.

27.

28.

29.

30.

31.

32.

33.

34.

35.

36.

Epílogo

Agradecimentos

ALERTA!

Esse livro é registrado na CBL (Câmara Brasileira do Livro).

Eu, como autora e única detentora dos direitos autorais, **não autorizo** qualquer tipo de distribuição ou comercialização fora desta página de vendas da Amazon Kindle, único local em que ele pode ser comercializado.

Se você fez download e está o comercializando por outras vias, é importante que saiba que está sujeito a um processo criminal, uma vez que distribuição ou comercialização ilegal é crime e com pena de um à três anos de reclusão, previsto no artigo 184 da Lei nº 9610, de 19 de fevereiro de 1998.

Atenciosamente,

Bárbara Lorrany.

PLAYLIST

Preparei uma playlist deliciosa que me acompanhou repetidamente, enquanto escrevia essa história. Se você gosta de ler, enquanto escuta música, talvez goste da sugestão.

Tenha acesso, clicando no link: [PLAYLIST OFICIAL "UMA FILHA PARA O PREFEITO" NO SPOTIFY](#)

Ou pode escanear pelo qr code abaixo:



NOTA

Esse livro é um romance clichê erótico entre um prefeito mal-humorado e uma jovem inesperiente focada demais no trabalho.

Se você não gosta de romances que sejam puramente para entretenimento, esse livro não é indicado para você.

Se você gosta de romances com homens dominantes, possessivos e arrogantes, esse livro se encaixa bem para você.

Não é recomendado, entretanto, **para menores de dezoito anos**, por conter cenas de sexo explícito e conteúdo adulto.

Se isso não incomoda a você, espero que goste da leitura e, que ao fim, deixe uma avaliação. Ela é muito importante para que novas leitoras possam dar uma chance para conhecer essa história.

Sem mais,

Vamos ler?

SINOPSE

UMA JOVEM VIRGEM DESESPERADA;
UM PREFEITO SEDUTOR E MUITO POSSESSIVO;
**E UMA GRAVIDEZ INESPERADA QUE VAI RECONSTRUIR
UM FUTURO PARA OS DOIS!**

Malcolm Walker é o primeiro prefeito a ser eleito com o maior número de votos em Newark. Aos trinta e seis anos, ele está certo de que o seu único interesse é cuidar da sua cidade para que ela se torne o destaque de toda Nova Jersey.

Sedutor, intenso, possessivo e muito dominante, o prefeito não está nem um pouco preocupado com uma vida fora do trabalho...

...até que uma mulher substitui uma das suas funcionárias mais confiáveis e ele se diverte ao perceber que ela não consegue parar de olhar para o seu corpo sarado e os seus lábios sedutores.

Aria Corbin está desesperada. Trabalha muito, recebe pouco e não tem nenhuma expectativa de que essa situação mude.

Quando a sua tia se acidenta, Aria precisa enfrentar uma dupla jornada de trabalho.

Não esperava, entretanto, se deparar com o prefeito da cidade de uma forma inédita em diversas situações constrangedoras.

Como se resistir a intensidade desse homem não fosse o bastante, há um detalhe desesperador: ela engravidou.

E a sua vida está prestes a mudar para sempre.

“Antes que o mundo acabe,
deita-te e prova
Esse milagre do gosto
Que se fez na minha boca
Enquanto o mundo grita
Belicoso...
E nos cobrimos de beijos
E de flores...
...antes que o mundo se acabe.
Antes que acabe em nós
Nosso desejo.”

HILDA HIST



@dansouzaarts

Prólogo

MALCOLM WALKER | DEZ ANOS ANTES...

— Tive um sonho tão incrível que você não vai acreditar, filho — diz a minha mãe com um sorriso enorme ao aparecer na sala de jantar.

Sorrio, sentindo-me contagiado.

Sempre que a senhora Walker levanta de bom humor é como se o mundo pudesse sorrir para o nosso lar.

— Juro que estou morrendo de curiosidade.

E não estou mentindo.

Se foi bom o bastante para fazê-la exibir um sorriso tão lindo, deve ser o suficiente para me fazer feliz também.

Empolgada, olha para os lados antes de se aproximar a passos rápidos da mesa de café da manhã. O seu sorriso largo não se desfez em nenhum momento e, quando senta ao meu lado, parece que só aumenta.

— No meu sonho você era pai — diz de uma vez e é o bastante para me fazer engasgar com o gole de café que sorvi. — É sério, Malcolm. — Puxa o meu braço na sua direção, pouco se importando com a minha crise de tosse. — Você estava em um campo aberto, cheio dessas folhas de outono, sabe? — De olhos arregalados, assustado demais para dizer que ela não está bem, permito que continue o relato. — Ao seu lado, uma mulher de cabelo ondulado, de cor castanho escuro, brincava com uma menina de olhos azuis como os seus.

Como uma pessoa é capaz de lembrar, com tantos detalhes, de uma pessoa que estava no seu sonho?

Desde que completei vinte anos, a minha mãe insiste com essa conversa de que devo ser pai logo para curtir ao máximo a vida com o meu filho *hipotético*.

Tenho algo a dizer sobre isso: na minha idade, a última coisa que pretendo é ser pai. Se, em algum momento de um futuro *muito* distante, eu me apaixonar por uma mulher e, como resultado do nosso amor, tivermos uma filha, eu a aceitarei com bom grado o que o destino quer para mim.

Mas agora?

Nem pensar.

— Mãe, isso não vai acontecer — digo, tentando me afastar dela que, logo, cerra os olhos.

— Eu juro, Malcolm, o sonho foi muito real. Parecia que você estava na minha frente curtindo com as duas. — Coloco a xícara sobre a mesa e forço um sorriso para tentar fugir dessa conversa. A minha mãe, ao contrário, ainda está sonhadora ao meu lado. — O jeito que parecia rendido naquela situação, filho, foi tão... mágico! — Sem conseguir disfarçar o quanto está contente, a minha mãe suspira. — Antes, o meu sonho era só que você se casasse. Agora, eu só quero uma neta fofa como era a menina do meu sonho.

Céus.

Pigarreio e, tendo a certeza de que essa conversa não vai acabar por aqui, pego as chaves do carro que eu já tinha deixado ali e levanto da cadeira.

— Só pelo fato de eu estar rendido, sabemos que esse sonho é mais como uma idealização de um desejo seu, mãe. Não tenho nenhum estereótipo de homem que aceita viver na coleira de alguém.

Ela cerra os olhos, mas o sorriso que ela exibia quando surgiu na sala de jantar permanece.

E isso me arrepia inteiro.

— Você saiu de mim, Malcolm. — Suspiro, porque ela sempre enfia isso no meio de qualquer argumentação. — Conheço o meu filho melhor do que a mim mesma. — Então fica em pé. Os seus olhos travam em uma determinação que me assusta. — Você ainda será pai de uma menina. Tenho certeza que esse sonho não é fruto da minha imaginação. Talvez eu esteja até prevendo o seu futuro. — *E eu não sei como ainda fico surpreso com as suas loucuras.* — Quando você encontrar aquela mulher, vai descobrir como é amar e ser amado.

A segurança das suas palavras me faz recuar mais um pouco.

— Serei o futuro prefeito dessa cidade, minha mãe. — Engulo em seco mais uma vez, porque ela avança um passo. — Não terei tempo para romance. Quem dirá para uma criança.

Ela arqueia uma sobrancelha e cruza os braços na frente do peito.

— Espero estar viva para ver você morder a língua.

Sacudo a cabeça e, para evitar que essa conversa se prolongue, recuo mais alguns passos até que posso correr para a porta da rua.

Os arrepios que tomam conta de cada pedaço do meu corpo não me assustam tanto quanto as suas palavras.

Dizem que mães têm um sexto sentido que as permite ver além do que qualquer filho conseguiria, mas eu espero que, ao menos dessa vez, ela esteja errada.

Se depender de mim, não serei pai tão cedo.

Só espero que essa ideia saia da sua cabeça ou não sei se terei paz.

1.

DIAS ATUAIS | Dez anos depois...

ARIA CORBIN

Os últimos dias têm sido mais exaustivos do que o normal.

E, por consequência, estou dando razão a todos os meus colegas de trabalho que me chamam de zumbi ambulante.

Parece que todos os problemas da empresa se concentraram na área de TI e eu estou a ponto de jogar esses malditos computadores na parede e mandar o meu supervisor dar uma volta lá onde o diabo mora.

Maldição!

— Estão procurando por você na sala, Aria — alerta Wade, um dos meus colegas de trabalho, e eu não consigo deixar de soltar um longo suspiro.

Só parei para lavar o rosto.

E, ao que tudo indica, nem isso vou poder fazer.

— Já estou indo — respondo.

— É bom não demorar. — Restrinjo a minha vontade de revirar os olhos e junto as duas mãos para aparar a água, então a jogo no rosto. *Preciso acordar!* — O supervisor parece que chupou um limão azedo.

Eu poderia rir se tivesse forças para isso.

Mas não tenho.

— Quando parece que ele não chupou? — questiono, irônica, e escuto a sua risada do outro lado da porta.

Deveria ser proibida a entrada de homens no banheiro feminino, certo?

Nessa empresa, não é.

Eles podem abrir a porta, entrar, bater nos espaços individuais, puxar a profissional e colocá-la na frente de um supervisor abusivo que não faz nada além de forçar que a gente trabalhe sem parar.

Já perdi as contas de quantos dias estou trabalhando direto, sem descansar.

Sobrevivo a base de *fast food* e “banhos” ocasionais, porque ainda preciso manter o mínimo de dignidade.

— Ninguém avisou na época da faculdade que eu teria esse tipo de vida — murmuro sozinha, encarando o meu reflexo desgrenhado na frente do espelho.

Com o cabelo bagunçado, os fios espalhados para os lados, olheiras terríveis e uma aparência de quem realmente não dorme há décadas, aceito o título de zumbi ambulante com um sorriso no rosto.

Aqui é rir, literalmente, para não acabar chorando.

— Vamos lá enfrentar aquele tirano maldito — murmuro em um sussurro e me encaminho para fora do banheiro.

Com a toalha desgastada no ombro, enxugo o meu rosto, mas não paro de andar até que me deparo, pela transparência do vidro da sala, com as costas do digníssimo supervisor encarando a tela do meu computador.

Já conheci tanta gente escrota nessa vida, mas como ele?

Não existe comparação.

— Onde está Aria Corbin?! — grita ele, colocando as duas mãos na cintura.

Coloco a mão na fechadura e a giro.

Como esse é só mais um dos problemas dessa empresa, é claro que, no menor movimento, ela vai fazer barulho e isso é o bastante para que os olhos endiabrados de George Hartman se voltem para mim.

— Com tudo o que está acontecendo, tem a audácia de sair daqui? — O seu olhar está no meu e eu juro que nunca senti tanta vontade de socar alguém na minha vida. — Que falta de comprometimento!

Ah, tem mais um detalhe.

Não posso abrir a boca para respondê-lo, porque isso contaria como rebeldia no ambiente de trabalho.

Pois é.

Se eu tiver mais de dez pontos, estou demitida por justa causa.

E, no caso, já tenho cinco.

Cada um conta com um desconto altíssimo no meu salário, que já é uma merda.

— Desculpa, senhor — digo com a maior calma possível.

Deus é testemunha de que não sou uma pessoa agressiva.

Provavelmente, se eu tivesse com o meu sono em dia, não iria me estressar nem um pouco com ele.

Além de estar com a minha barriga roncando por não ter tempo nem de sair para comer, não tomo um banho decente há dias e a minha menstruação está prestes a chegar.

O ponto positivo é que terei três dias de folga.

Usarei cada segundo deles para dormir.

Então, quando voltar na segunda, terei um sorriso no rosto e a mente tranquila para lidar com esse desgraçado sem noção.

— Desculpa? — Bufa, revirando os olhos e eu aproveito para caminhar para a minha mesa. Sento e encaro o computador. — Está fazendo isso só porque é a sua folga em breve, não é?!

Reviro os olhos e engulo a vontade de xingá-lo.

Concentro-me nos números e nos problemas que continuam aparecendo no banco de dados da empresa.

Sterling Enterprise deveria passar por uma intervenção o mais rápido possível.

A empresa tem sido vítima de ataques de *hackers* quase toda semana e os números indicam que esses ataques estão sendo feitos por alguém de dentro da empresa.

Infelizmente, ainda que o supervisor tenha sido avisado, ele parece não se importar com isso.

— Em breve vamos embora — sussurra Wade, o jovem sentado ao meu lado.

Seus dedos são tão rápidos quanto os meus e o meu sorriso é a minha última resposta.

Sim, estamos perto de ser livres desse inferno.

Serão três dias de folga.

Três dias sem ver o rosto desse supervisor desgraçado.

Sem sentir o odor surreal desta sala, já que não temos o direito de sair da frente da tela nem para tomar um banho decente.

Três dias em que posso comer o quanto for necessário para me sentir humana novamente.

— O que são mais algumas horas? — questiono com um sorriso, o olhar focado na tela do computador.

— E vocês são pagos para conversar? — Respiro fundo, aumentando a velocidade dos meus dedos no teclado já endurecido.

Tudo nesse inferno é precário.

Mecanismos, profissionais qualificados e, agora, tratamento humanitário.

Se eu tivesse outro lugar para ir e, ao menos, dois mil dólares na minha conta de reserva, sairia daqui sem olhar para trás. Mas como não é o caso, sou obrigada a suportar essa situação degradante.

Engulo o desafogo, selo os lábios e foco.

Em breve estarei livre.

Isso vai me bastar por enquanto.

2.

ARIA CORBIN

Os meus ouvidos estão zumbindo quando abro a porta de casa.

O cheiro de lugar limpo me faz fechar os olhos e quase gemer de prazer. Se vier junto com uma comida pronta é certeza de um orgasmo potente.

Deus, em comparação ao chiqueiro ao qual fiquei condicionada, a minha casa é um paraíso de onde nunca mais quero sair.

— Tia! — grito, deixando a bolsa com laptop sobre a mesa quebrada na entrada.

Quanto mais entro em casa, mais o meu olfato reconhece o cheiro de comida pronta.

Engulo em seco, sentindo o meu estômago roncar.

Céus! Como senti falta de casa!

— Tia? — chamo mais uma vez e caminho direto para a cozinha.

Arregalo os olhos, entretanto, ao me deparar com a nossa vizinha mexendo uma panela no nosso fogão.

— Aria, não grite demais. A sua tia conseguiu dormir há pouco — diz ela com uma tranquilidade surreal. *O que ela está fazendo aqui?* E por que a minha tia dormiria antes das dez horas da noite? Ela sempre me espera chegar em casa. — Ela sofreu um acidente no trabalho.

O choque dessa informação é o bastante para expulsar qualquer célula de sono que ainda existia dentro de mim.

Ok, a minha tia sofreu um acidente no trabalho.

Isso acontece.

É normal.

Sacudo a cabeça, confusa.

É normal? Bianca Corbin, a mulher mais forte, irreverente e inquebrável que eu conheço? A única pessoa que eu posso chamar de família no mundo? A... Engulo em seco, tentando manter a calma, mas é impossível.

A culpa deve ser minha.

Passei muito tempo fora de casa por causa dessa empresa maldita e, agora, a minha tia está machucada.

— O... o-que aconteceu? — Acho que a minha voz mal está saindo, devido ao choque. — Como ela...

Ela solta um suspiro e deixa o seu avental de lado.

— Ela escorregou e caiu da escada — diz com uma calma invejável, então volta a sua atenção para mim. De olhos arregalados e uma careta, Nancy parece prestes a me puxar daqui com força. — Garota, você precisa de um banho agora. Está podre! Por onde andou?

Isso importa?

Com a impaciência no controle de qualquer atitude minha, ignoro-a. A minha tia está machucada e eu sequer pude estar aqui para ajudá-la.

A minha vontade é de praguejar esse mundo injusto, mas opto por ir checar com os meus próprios olhos se está mesmo tudo bem.

Ela é mais importante do que qualquer revolta ou sentimento extremo nesse momento.

Sigo pelo corredor, me distanciando de Nancy e da sua comida no fogo, então caminho diretamente para o quarto dela.

Sem pensar, só consigo agir.

Empurro a porta e entro. O ar é suprimido dos meus pulmões quando os meus olhos assimilam a imagem do seu corpo.

No pequeno quarto sem espaço para caber nada além de uma cama de solteiro e um guarda-roupas em frangalhos, a minha tia está deitada, com as duas mãos abertas ao lado do corpo, os lábios semiabertos e uma perna toda enfaixada.

O último detalhe teve a minha atenção completa e não consegui fazer nada além de encurtar o espaço que nos separa.

Com poucos passos até à cama, paro ao lado do seu corpo e já sinto as lágrimas que começam a brotar nos meus olhos.

Ah, tia, a nossa vida não deveria ser assim...

— Ela relaxou há pouco — sussurra dona Nancy, com a sua mão no meu braço. Com força, afasta-me para trás. — Estava sentindo muita dor.

Engulo em seco, sem conseguir parar de pensar.

Se aquela maldição de supervisor não estivesse por tanto tempo no meu pé, obrigando a equipe a trabalhar sem folga, eu teria tempo para prestar mais atenção nela, na sua saúde.

Bianca não é idosa, mas também não é mais tão jovem.

Com cinquenta e cinco anos, dedicou muito da sua vida para cuidar de mim, da casa e nos dar o melhor sustento possível.

Eu sei que não é mais da sua competência fazer isso por mim.

— Venha, vamos deixá-la — diz Nancy, puxando-me e é quando solto um suspiro, sem conseguir me conter.

Que azar é esse, meu Deus?

— Quando isso aconteceu? — questiono, depois que ela fecha a porta.

— Não sei, filha. — Logo, me dá as costas e volta para a cozinha, onde está com uma panela sobre o fogão que tem mais tempo de vida do que eu. — Quando cheguei em casa, o meu neto me disse que ela tinha chegado com um homem de terno preto. Curiosa, vim saber quem era e acabei me deparando com ela machucada.

Suspiro.

Isso é um motivo muito plausível para Nancy, o ódio de todas as minhas manhãs, estar aqui nos ajudando.

Não que ela não seja uma boa vizinha ou que não seja prestativa. Sempre que precisamos, ela está disponível para ajudar.

Mas ela tem um combo de defeitos que me deixam muito irritada.

Por exemplo, ela tem um papagaio.

Qual a serventia de um bicho de penas que só sabe gritar como se estivesse prestes a ir ao matadouro? Não há! Ele grita, assobia e grita mais, porque isso é tudo o que sabe fazer.

O pior é que é sempre no mesmo horário.

Há tantos outros momentos para esse bicho dar o seu show, mas ele acha prudente começar às quatro horas da manhã.

Já reclamei tantas vezes que já até perdi as contas e, por muito pouco, quase não a estrangulo no processo, porque, para Nancy, é Deus no céu e esse papagaio maldito na Terra.

Mas nada aconteceu.

O papagaio ainda existe, dona Nancy continua sendo a fofoqueira mais sem noção da vizinhança de Ironbound, o meu bairro, e eu sigo acordando às quatro da manhã, mesmo que eu tenha ido dormir, sei lá, às duas.

Tem como uma pessoa se manter sã?

Não tem!

— Que droga! — murmuro com o meu peito pesado, cheio de dor e preocupação. — Ainda bem que tenho mais três dias de folga para cuidar dela.

Engulo em seco, sem um pingo de concentração.

— Talvez você precise falar com o patrão dela — diz ela e eu solto um suspiro. — E explicar o que aconteceu, que ela não vai poder ir trabalhar enquanto não melhorar.

Fecho os olhos, sentindo um bolo ansioso crescer cada vez mais no meio da minha garganta.

— Aria? — Arregalo os olhos com a voz fraca um pouco distante e fico em pé. — Aria?

Caminho de volta para o quarto e, preocupada, me aproximo de onde ela está.

Com os olhos entreabertos e um suspiro pesado, a minha tia ergue um braço para me chamar.

Sem pensar, sento no curto espaço que o seu corpo deixa na beirada da cama.

Fungo, sentindo as lágrimas nublarem a minha visão.

— Filha, você chegou — diz ela, com um olhar de pesar profundo. — Já comeu?

Ela ainda tem cabeça para se preocupar comigo.

Como é possível?

— E a senhora? Está sentindo alguma dor? — Deslizo os dedos no rosto para afastar as lágrimas intrusas que começaram a escorrer. — Como aconteceu e...

Ela suspira com um sorriso.

— Está tudo bem, filha. — Desliza a sua mão na minha perna, tentando passar algum conforto. — Fui muito bem tratada logo quando caí. — Suspiro, sem conseguir me conter, mas ela exibe uma careta. *Está com dor?* — Será que você tomou banho esses dias que passou longe de casa?

Ah, tem isso também.

— Não, mas isso não é importante agora — responde em um fio de voz. De tudo o que está acontecendo aqui, esse é o detalhe que menos importa. — Como se machucou?

— Não se preocupe com isso. Já disse que estou bem. Escorreguei da escada, enquanto estava limpando, mas fui levada para o hospital logo que aconteceu. — Exibe um sorriso para me trazer um pouco de tranquilidade. — Preciso de repouso por uns dias, mas não é nada que eu não possa lidar.

O arrependimento me atropela tão logo ela termina de falar.

Quando fiz entrevistas de emprego nas empresas de Newark, apenas duas me chamaram. Uma delas é essa em que estou hoje. Se não fosse pelo meu desespero para encontrar um emprego com carteira assinada, eu não teria aceitado.

— Está sentindo alguma dor?

Ela sacode a cabeça.

— Nada, filha, mas... — Pigarreia e eu me apresso em pegar um copo com água para ela. Vou à cozinha, pego um pouco de água e volto para o quarto. — Você precisa de um banho agora! Eu juro que no momento é só o que eu preciso para melhorar.

Ignoro-a e tento ajudá-la a sentar.

Quando está bem sobre a cama, entrego o copo com água para que ela possa beber. Espero que tome tudo e, quando não há mais nada no copo, pego-o novamente.

— Vá tomar um banho, comer e descansar. Não querovê-la tão cedo na minha frente, entendeu?

Me sinto tão cansada e, ao mesmo tempo, a preocupação é crescente no meu peito. Solto um suspiro, triste que ela esteja assim.

Não faço a menor ideia de tudo o que ela viveu durante todos esses dias para que se distraísse e acabasse caindo.

Será que temos muitas dívidas?

E se ela estava tão enfadada pensando em tudo que...

— Aria! — grita e eu arregalo os olhos, assustada. — Vá tomar um banho, pelo amor de Deus!

Antes de ficar em pé e sair do seu quarto, inclino-me na sua direção e deposito um beijo na sua testa.

— Não se move daqui enquanto eu não voltar — digo e ela só me empurra.

— Sim, sim. Vá. Não é como se eu pudesse ir muito longe com essa perna enfaixada.

Mesmo com o coração apertado, e com a minha cabeça sem parar um segundo de trabalhar, obedeço-a.

3.

ARIA CORBIN

— Bem que eu queria, minha amiga, mas não vou conseguir ir dessa vez.

Não sei o que é mais forte: a minha fome, representada pela minha barriga roncando repetidamente, ou o visível cansaço que me impossibilita até de me mexer na cama.

Remexo-me um pouco, enquanto a voz de Nancy faz eco no meu quarto e solto um suspiro.

Que horas são?

— Nossa, Nancy... — Agora é a minha tia. Reconheceria a sua voz em qualquer lugar do mundo. — Já não sei o que fazer.

Pela primeira vez em meses, o papagaio irritante da Nancy não fez tanto barulho a ponto de me fazer levantar querendo matar toda Ironbound. Me sinto adorável, mas com uma vontade surreal de só dormir mais um pouco.

— Se não fosse o meu neto, eu iria — diz Nancy, ainda com a voz abafada e isso é o bastante para me fazer pegar o meu celular.
— Deus me livre de levá-lo para a casa de uma pessoa tão importante.

Escuto a minha tia rir.

— Ele colocaria terror em tudo.

— Não quero nem dormir para sonhar com isso — responde Nancy e eu desbloqueio a tela do meu aparelho.

O quê?! O dia sequer chegou?

Uma hora da madrugada e elas estão conversando desse jeito?

Solto um suspiro pesado ao lembrar do maldito papagaio. Não é que ele não fez barulho hoje. É que *não é a hora* dele fazer barulho *ainda*.

Maldição.

Devo ter me acostumado a dormir pouco ou a não dormir de jeito nenhum. O meu organismo está acordado, mas o meu corpo segue tenso, como se ainda estivesse dormindo.

— E se ele me demitir? — Ok, a conversa com o tom de preocupação tão elevado me deixou atenta demais para o meu gosto. — O que vou fazer se ele contratar outra funcionária? Esse emprego é quase como o nosso seguro de vida. — Acho que ela está fungando e isso é o bastante para me fazer levantar da cama.
— Eu sei que se a gente precisar de qualquer coisa, o senhor Malcolm vai nos ajudar, mas... se eu perder esse emprego, as coisas vão ficar bem mais difíceis.

Com o meu coração batendo na garganta, a cabeça começando a doer e as mãos trêmulas, me aproximo da porta para escutar tudo.

— É, minha amiga. Você quase não conseguiu pagar o aluguel esse mês...

Arregalo os olhos.

Como não? Se o meu salário é todo... Fecho os olhos quando me dou conta do quanto descontaram, como sempre fazem.

Trabalho muito, recebo pouco e ainda sofro com os descontos disciplinares.

E, por mais que eu saiba que é indevido, não posso fazer nada.

Preciso do trabalho mais que qualquer coisa.

— Se eu perder esse emprego, a nossa vida vai ficar ainda mais difícil — diz a minha tia e eu acho que ela está chorando. — Sabe, Aria já trabalha dia e noite sem tempo para tomar um banho... se ela ficar sabendo das contas atrasadas e que, talvez, ficaremos sem o meu salário, ela vai ficar mal.

Contas atrasadas.

Contas e mais contas.

A questão é que esse, a partir de agora, é um problema só meu.

Sinto tanto pela minha tia que mal sou capaz de respirar.

Desde que os meus pais morreram, quando eu tinha cinco anos, ela dedicou a sua vida à minha criação. Nunca tivemos uma condição que fosse grande o bastante para encher os olhos, mas dava para viver sem muitas dívidas.

Quando eles morreram, tudo começou a se acumular.

A minha tia se virou para trabalhar desde então e eu não tive o que fazer, além de, para ajudá-la, estudar como uma louca.

Fiz faculdade enquanto trabalhava meio período nas lanchonetes próximas e conseguia me virar, mas quando se é universitário, sempre há um custo adicional, seja com transporte ou material didático.

Enfim, as minhas dívidas começaram desde então.

E as da minha tia só triplicaram com o tempo.

Tenho o meu diploma, a minha carteira está assinada, mas não consigo prover uma boa estabilidade para nós.

Sinceramente, odeio cada segundo disso.

Encarar a minha conta bancária a cada recebimento de salário e sóvê-la se desintegrar na frente dos meus olhos, ao direcionar o

dinheiro às dívidas, é frustrante, porque só eu sei o que passo, mês após mês, trabalhando naquela empresa.

Mas, agora, isso não importa.

Respiro fundo, ergo o nariz e abro a porta do quarto.

— Aria? Já acordou? — A minha tia parece surpresa enquanto desliza os dedos no rosto na tentativa de esconder a sua tristeza de mim.

Deitada no sofá da sala, com o pé para cima, conversa com Nancy sentada ao seu lado, enquanto descasca alguma fruta.

— Eu disse para a senhora não se mover enquanto eu não viesse — digo com a minha voz rouca.

— Nancy me ajudou. Não se preocupe.

Como eu poderia não me preocupar?

Ela está mal, com tantos pensamentos negativos sobre o nosso futuro e ainda pensa em mim?

— Que horas a senhora entraria no serviço amanhã? — questiono, me afastando para a cozinha.

O meu coração está batendo apressado à espera da sua resposta.

— Às sete — responde e eu não consigo deixar de suspirar.
— Por quê?

Em dias que eu preciso ir para o trabalho, vai ser complicado fazer qualquer faxina durante a manhã.

E esse é um detalhe que não sei se consigo reverter na empresa, com aquele supervisor maldito.

— Me dê o endereço e me repasse as suas funções que eu vou substitui-la — digo, encarando as panelas cobertas sobre o fogão. — Se a senhora conseguir falar com o seu patrão e pedir

para mudar o horário de entrada, posso ir cumprir as obrigações assim que sair do meu trabalho.

Ela fica em silêncio por um tempo e Nancy é quem dá voz ao que quer que ela esteja pensando.

— Você vai conseguir dar conta de dois trabalhos? — questiona ela e eu suspiro.

— Não será por muito tempo — digo, sem dar muita importância para não acabar preocupando ainda mais a minha tia. — E eu devo conseguir, sim.

Enquanto coloco a comida que Nancy preparou, tudo fica em silêncio.

E eu sei que é porque a minha tia não consegue lidar com o fato de que estou me sobrecarregando.

Ela não precisa dizer isso em voz alta.

Vivo com ela há tempo o bastante para saber até o que está pensando.

— Aria, não precisa fazer isso — diz ela, solidificando o que eu já achava que iria dizer. — Posso conversar com alguma outra amiga e...

Com um bolo preso no meio da minha garganta, continuo colocando uma comida que mal sei o que é, porque não prestei nenhuma atenção.

Ela não precisa ver o quanto essa situação me machuca.

— Mas eu vou fazer, tia. — Viro-me na direção da pia e respiro fundo. — A senhora só precisa me dizer exatamente o que devo ou não fazer, onde não posso entrar, essas coisas. O resto consigo resolver sozinha.

Ela não me responde, mas escuto, de longe, o seu fungado.

— Bem, vou para casa — diz Nancy, quebrando o silêncio que se espalhou entre nós. — Volto pela manhã para ficar com você, Bianca.

Não escutei uma resposta da minha tia, mas senti no meu coração que deveria me aproximar dela para dizer, com todas as letras, que me sinto grata por ter ficado com a minha tia enquanto estava ocupada no trabalho.

Sei que, em breve, vou estar bufando com ódio do seu papagaio intruso e das suas palavras que não servem como desculpas.

Mas a consideração de alguém em um momento de necessidade é muito mais falante do que qualquer palavra sua.

Deixo o meu prato sobre a pia e me aproximo da porta aberta, antes que ela saia.

— Obrigada por toda a ajuda — digo, sentindo que não há nada mais que eu possa fazer. Nunca tivemos ninguém para nos ajudar quando precisávamos. Tê-la era como um bálsamo, afinal, posso seguir trabalhando sem me preocupar que a minha tia estará sozinha. — De verdade, muito obrigada mesmo.

Nancy exibe um sorriso e, logo, o seu olhar desce pelo meu corpo.

— Se cuide, jovem — diz ela e deposita batidinhas no meu ombro. — E vá dormir. Está precisando. Talvez não tenha percebido, mas está só de calcinha e sutiã... — Arregalo os olhos e baixo o olhar para o meu corpo. Com um sorriso amarelo, recuo para o lado, assim ninguém que passar na rua vai conseguir me ver. — Vá comer. Deve estar faminta. Até amanhã.

Abro a boca para agradecê-la mais uma vez, mas ela só fecha a porta.

— Aria, filha, não quero que você se esforce mais do que já tem se esforçado — diz a minha tia da sala e a sua voz está

trêmula. — Eu sei o quanto tem se dedicado no seu trabalho.

— Está tudo bem, tia. — Tento tranquilizá-la ao voltar para a sala. — Ainda sou jovem e consigo dar conta de tudo. — Com um sorriso, me aproximo do sofá da sala. — Não pense demais em nada disso, ok? Eu posso lidar com tudo.

A maneira como os seus olhos se arregalam em expectativa, como se buscasse algo que é contrário ao que estou dizendo, me quebra.

— Isso não deveria ter acontecido — sussurra, desviando o olhar para a perna. — Desculpa, eu não deveria ter....

Sento ao seu lado e a puxo para um abraço sincero.

— Tia, está tudo bem — sussurro, afagando as suas costas.

Não está tudo bem.

Na verdade, o nosso mundo está prestes a cair sobre as nossas cabeças, mas não há muito o que possamos fazer para evitar tudo isso.

Respiro fundo, mantendo-a onde está.

Se eu conseguir suportar aquela maldição de supervisor por mais um tempo e ir bem no trabalho da minha tia, tudo vai ficar bem.

Certo?

4.

MALCOLM WALKER

Odeio desorganização.

Odeio sujeira.

Odeio bagunça.

Odeio falta de compromisso.

E, sobretudo, odeio gente que não leva o trabalho a sério.

Ninguém, nessa vida inteira, consegue levar um negócio adiante sem organização, planejamento e compromisso.

Se em um negócio comum esses pilares se fazem necessários, por que as pessoas acreditam que à frente da prefeitura de uma cidade populosa como Newark, seria diferente?

— Senhor, eu juro que foi só dessa vez e...

Ergo a minha mão, sem um pingo de paciência para escutar qualquer tipo de desculpa esfarrapada.

Nunca pedi para os meus funcionários nada além do que a função de cada um delimita.

Mas as pessoas gostam de me testar e esperam bem demais de mim o tempo todo.

Ah, Malcolm Walker foi eleito há dois anos com um número de votos extraordinário que, antes dele, nenhum outro político conseguiu. Ele deve ser complacente, apaziguador e tranquilo.

Então, eu não sou nada disso.

— Não me interessa — decreto, sem espaço para qualquer discussão. — Está demitida. Não volte mais aqui. É uma ordem.

E, sem mais, viro-me.

Faço o meu caminho de volta para fora do gabinete e resolvo voltar para a minha casa.

Se eu estivesse no meu escritório pessoal, não teria flagrado a minha secretária de pernas abertas sobre a minha mesa, enquanto o meu assessor estava... bem, fazendo *coisas* com ela.

— Absurdo! — murmuro, sentindo tanta raiva que mal consigo me controlar.

É difícil entender um motivo plausível para que uma pessoa em seu melhor estado de sanidade possa fazer uma coisa dessas em horário de serviço.

— Senhor! Senhor!

Respiro fundo, já afrouxando a gravata no meu pescoço, então me viro.

O meu assessor está vermelho, com os olhos arregalados e a respiração acelerada, enquanto tento, do meu mais profundo ser, não ficar maluco e o demitir da mesma forma que fiz com ela.

— Perdeu a cabeça, Archer? — questiono, quando ele fica a poucos metros de mim. — O que diabos está fazendo?

Juro que se ele ousar abrir essa boca maldita para dar qualquer justificativa banal, não vou conseguir me controlar.

Para tudo nessa vida existe um limite, mas para esse tipo de comportamento?

Pelo amor de Deus! Esse cara só pode estar louco.

Trabalho com Archer desde muito antes de pensar em me candidatar a prefeito de Newark. Ele é uma das poucas pessoas que confio e que me conhece para muito além de um cargo, mas, de

repente, acha que está tudo bem transar com a minha secretária em cima da minha mesa?!

Parece que esqueceu que eu não sou o tipo que releva esse tipo de falha.

— Senhor, eu...

Fecho os olhos e ergo um dedo para que ele nem comece a falar.

O meu nível de irritação chegou ao limite.

Não quero saber de nada.

Não querovê-lo.

Não quero escutar a sua voz.

E não quero pensar na cena que vi sendo reproduzida na minha sala de trabalho.

NA. MINHA. SALA.

Que fetiche é esse que não poderiam ter usado qualquer outro lugar?

— Esse emprego é monótono para você? — questiono muito irritado. O meu coração está batendo tão rápido que, por um segundo, até considero que vou ter um infarto. — Sou um chefe tão fácil que fiz você achar que isso não seria nada? — Bufo, revoltado. — Suma da minha frente por, pelo menos, o mês inteiro. — Quando percebo que ele tem a pachorra de me encarar assustado, juro que quase o esmурro. — Agora, Archer! Suma junto com ela.

Sem saco para dizer mais uma só palavra, dou-lhe as costas e saio de uma vez do gabinete.

Todos os dias há uma nova demanda nesta prefeitura para ser administrada e uma agenda lotada a ser cumprida, mas hoje, pela primeira vez em dois anos de mandato, não vou fazer nada.

E isso porque o meu assessor é um babaca irresponsável.

Entro no carro estacionado na entrada do prédio e instruo o motorista para que me leve para casa.

Sequer deveria ter saído para começo de conversa.

— Aconteceu algo, senhor? — questiona Finlay, meu motorista. — Parece muito irritado.

Se ele soubesse, ficaria tão puto quanto eu.

Mas a sorte de Archer é que eu não tenho coragem para dizer em voz alta o que vi na minha sala.

A minha irritação toma conta da minha mente só em pensar no quanto ela gemia e nas documentações que eu tenho que analisar sendo jogadas para todos os lados.

Qual é o político que precisa de uma dor de cabeça como essa? Eu, com certeza, não preciso.

— Estou a ponto de matar o Archer — murmuro, fechando as minhas mãos em punhos.

Ele ri e eu acho que só pode ter ficado maluco também.

— Você precisa descansar, Malcolm — comenta ele, sem desviar a atenção da avenida. — Desde que os seus pais morreram, continua focado na candidatura como se fosse a única coisa que você tem para lutar na vida.

Os meus pais...

— Essa candidatura é tudo o que posso fazer por eles.

Eu sei que Finlay tem uma opinião contrária a essa.

Mas sinto que preciso honrar o sobrenome da minha família e a cadeira que o meu pai ocupou por oito anos.

Dedicou muito de si para manter essa cidade tão bem administrada.

A prova mais certa disso é que a população elegeu o seu filho um ano depois do seu falecimento.

— Você sabe que o seu pai gostaria de ter curtido muito mais tempo ao lado da sua mãe, não é? Mas o trabalho não permitiu. — Fecho os olhos e recosto a minha cabeça no banco do carro. — Quando a sua mãe morreu, ele ficou muito triste por não ter compartilhado de muitos outros momentos com ela.

E, poucos meses depois, ele morreu da mesma forma que ela: com um infarto fulminante. Aconteceu de repente, como o da minha mãe, e o levou abruptamente.

— Estou fazendo o que posso — sussurro.

— Não use os seus pais como desculpa para isso. — Suspiro, com um novo peso sobre os meus ombros. — A última coisa que ele queria era que o filho fizesse o mesmo que ele. Se dedicou anos por essa cidade e não pôde se dedicar a quem ele mais amava. — Sinto a exaustão me dominar sem, ao menos, ter feito nada demais nesse dia. — Isso sem contar que o maior sonho da sua mãe era que você casasse e tivesse uma filha. — Ele bufa, então, como se estivesse ultrajado com as minhas palavras. — Se quer fazer algo pelos seus pais, vá viver um pouco longe dessa prefeitura.

Engulo em seco, considerando o quanto certo ele está.

Ocupando a posição que era do meu pai e no controle dos negócios da minha mãe, tento fazer o bastante para manter tudo em pé, enquanto faço o mesmo por mim.

Se eu deixar que qualquer uma delas caia é como se o esforço que os dois tiveram durante a vida fosse em vão.

É complicado.

Não é tão fácil como ele faz parecer.

— Estamos chegando em casa — diz ele e respiro fundo, abrindo os olhos.

Finlay conhece o meu pai talvez bem melhor do que eu.

Aceito as suas palavras e a sua bronca, porque ele é uma das poucas pessoas que consigo confiar nessa vida.

O carro para na entrada e, em silêncio, abro a porta.

Saio dele e subo as escadas para a entrada.

Mas é aqui que, mais uma vez, o meu dia parece que vai se desintegrar.

Tão logo empurro a porta para ela ser aberta, coloco um pé para entrar, mas de repente, ela fecha na minha cara com tanta força que sinto o meu juízo rodar.

Sabe aquele segundo de reflexão que é base para não surtar?

Estou vivendo ele enquanto o susto some o meu ser e eu posso, finalmente, abrir os meus olhos.

O meu nariz está latejando.

E a minha testa não está diferente.

— Mas que droga! — urro, prestes a explodir. — Que dia de merda é esse?!

Deslizo a mão no meu cabelo e tento respirar fundo.

Por que o mundo está girando contra mim? Que pecado cometí para receber tanto na cara durante esses dias?

Fecho as mãos em punhos severos e considero retornar para as minhas aulas de boxe. Antes, era o meu melhor jeito de gastar energia, mas agora a prefeitura me tirou todo o tempo que me restava e eu não posso fazer nenhum exercício.

Graças ao gene perfeito que os meus pais me deram, os meus músculos não se desfizeram ainda, mas a verdade é que preciso voltar o mais rápido possível.

— Oh... — Atento, vejo a porta de entrada ser aberta devagar e uma desconhecida aparece do outro lado com um pano na mão.
— O s-senhor é...

— O dono dessa casa.

De olhos arregalados, o rosto vermelho e os lábios entreabertos, a mulher abre a porta. Recua alguns passos e observa o vazio ao meu lado.

— É... desculpa, eu...

Cerro os olhos e tento, do fundo do meu coração, não explodir.

— O que você está fazendo nesta casa? — questiono com uma mão no rosto e outra na cintura. — Quem deu permissão para entrar aqui?

Será que ninguém é capaz de fazer a merda do seu trabalho direito?

Ou hoje só não é a droga do meu dia mesmo?

— É... — Engole em seco, claramente nervosa. Aproveito que a porta está aberta e passo por ela. — A minha tia é funcionária daqui e...

Outra coisa que eu odeio é gente com discurso prolixo.

Qual a dificuldade que as pessoas têm em serem diretas, sem arrodeios? Por que não podem ir direto ao ponto?

— Quem é a sua tia? O nome dela? Qual é?

Ela pigarreia e recua.

É enquanto a vejo desviar o olhar para os lados que, por um segundo de relapso, consigo enxergar além da minha indignação.

— É Bianca Corbin — informa, parecendo assustada. — É-la se acidentou ontem e está em casa... — O quê?! Bianca está machucada? — Ela pediu que eu a substituísse.

Peço um segundo com um dedo para cima e sigo para dentro de casa.

Um copo com água vai me ajudar a entender o que essa mulher está dizendo.

Uma vez na cozinha, abro a geladeira e pego uma garrafa. Viro-a na boca de uma vez e sorvo longos goles. Quando a coloco de volta na geladeira, respiro fundo algumas vezes.

Por que o meu dia tem que ser confuso desse jeito?

Até o momento, só levantei da cama, me arrumei e fui trabalhar.

Eu, literalmente, não fiz nada e já passei tanta raiva que nem sou capaz de contabilizar.

— Se o senhor não acredita, posso ligar para ela e... — Ela surge de algum lugar atrás de mim e eu não consigo deixar de respirar fundo. — Desculpa por fechar a porta... a minha tia disse que o senhor não voltaria antes das seis e...

— Bianca se acidentou? Como? — Tiro a minha gravata e o olhar dela recai sobre o meu movimento. Noto que o seu rosto se torna mais vermelho do que antes e ela engole em seco, ainda observando o que faço. Será que é doida? A minha cota por hoje já encerrou. — Oi! — Estalo o meu dedo na frente do seu rosto. — Estou aqui!

Ela sacode a cabeça, como se precisasse esvaziá-la de algo.

Isso sou eu?

Os seus lábios entreabertos de um rosa claro e o olhar perdido me deixam atento demais ao que eu não deveria, como, por exemplo, a sua aparência. Está desgrenhada, com o cabelo todo bagunçado e suor escorrendo nas laterais do pescoço. Parece perdida, não só na minha casa, mas ainda mais na minha frente.

Bem, não sou cego.

E, ainda que eu esteja em contato com várias mulheres lindas durante o dia, não sou idiota o bastante para deixar que a sua beleza passe batida pela minha atenção.

— Ela caiu da escada e está em casa com a perna immobilizada
— informa e eu aceno.

Respiro fundo, em uma tentativa de me distanciar da breve avaliação que eu fazia nela. Tudo o que eu não preciso agora é de uma distração dessas.

Como ela caiu da escada e eu não fiquei sabendo?

Sacudo a cabeça e, ainda na frente dessa desconhecida, saco o celular do meu bolso e disco o número dela.

Sou apegado demais às pessoas que trabalham aqui em casa, afinal, estão comigo há muito tempo.

Tenho amigos, conhecidos e parceiros, mas nenhum deles tem metade da minha confiança. O que é diferente com Finlay e Bianca, funcionários fiéis aos meus pais há anos.

Nervoso, espero que ela me atenda.

— Oi, Malcolm — diz ao atender com a voz suave. — Aconteceu algo?

— Eu quem pergunto, Bianca. Como que você sofre um acidente na minha casa e eu não fico sabendo de nada?

Escuto o seu suspiro pesado do outro lado da linha.

— Eu não quis preocupar você, querido. — Fecho os olhos, já sentindo o nervosismo subir pelas minhas veias. Parece que não terei um mísero segundo de paz no dia de hoje. — Desculpa por isso.

— Você me preocupa mais quando não me conta essas coisas. Como você está?

— Bem. Finlay me levou ao hospital e me trouxe em casa também. Vou ficar bem logo.

— Assim espero. — Ergo o olhar para a mulher que se intitulou como sua sobrinha. — A sua sobrinha vai substituí-la?

— Por enquanto sim — diz ela e parece que há algo de errado. — Eu sei que você não gosta de bagunça. — Há um tempo de pausa. — Falei para ela tudo o que não podia fazer, bem como os lugares que não pode entrar. Ela não vai entrar no seu quarto, nem no seu escritório. Não se preocupe. Estarei bem até que precise de limpeza... assim espero.

Bianca me faz suspirar com uma frequência absurda.

Ela, assim como Finlay, se preocupa comigo como se eu fosse um filho.

E isso me deixa grato.

— Você se preocupa demais comigo, mulher. — Escuto o seu suspiro. — Finlay irá levar mantimentos para você. Fique bem e não faça esforço. — Encaro a mulher na minha frente e a vejo desviar o olhar do meu, assim que se cruzam. *Por que ela faz isso?* Tem medo de mim? Será que tudo o que aconteceu hoje me deixou com uma expressão tão severa que ela não quer sequer me olhar nos olhos? — A sua sobrinha deve dar conta do trabalho enquanto você se recupera. Abraço.

— Malcolm, não precisa enviar....

Encerro a ligação e encaro a mulher aqui na minha frente.

— Espero que não bata a porta na minha cara novamente — digo e guardo o aparelho no meu bolso. Sem tempo para discutir ou esperar a sua resposta, passo por ela e caminho para fora da cozinha. *Preciso trabalhar.* — Volte cedo para casa e cuide de Bianca. Ela é mais importante que a limpeza da casa. Me traga atualizações amanhã.

— Sim, senhor.

Suspiro.

Espero que, de agora em diante, não surja mais nada no meu caminho. Ou vou terminar o dia na maca de hospital depois de ter um infarto.

O que um homem precisa fazer para ter um dia calmo e sem estresse? Pelo jeito não irei descobrir tão cedo.

5.

ARIA CORBIN

Maldição de papagaio abusado!

Abro os olhos quando o barulho infernal dos seus gritos zera a minha capacidade dormir.

Eu deveria estar acostumada, afinal, não é de hoje que ele me enlouquece.

Mas, sabe, estou há dias sem saber o que é ter um sono decente.

E, sem conseguir dormir direito, não tenho como enfrentar esse mundo atribulado como um ser humano normal.

— Inferno! — praguejo, com as duas mãos no rosto.

Parece até que esse bicho está dentro da minha casa de tão alto que é o seu grito.

Chuto a minha coberta para longe e solto um suspiro profundo ao encarar as minhas chinelas. Preciso levantar, organizar o almoço da minha tia e, em seguida, partir para a casa do prefeito mais mal-humorado que existe.

Um ser humano bonito daqueles poderia ser um pouco menos rude, sabe?

Embora eu não tenha muita moral para esperar algo do tipo de alguém, levando em consideração o quanto estou me sentindo péssima nesses últimos dias, é uma merda ter que aguentar alguém que está tão desestruturado quanto eu.

Imagina só ter dois patrões como o meu supervisor?

É sério, vou acabar surtando!

— É sair de um inferno e entrar em outro — murmuro, sem um pingo de vontade de levantar. *Mas qual escolha tenho?* — Um dia, Aria, você será tão rica que vai poder pagar um assassino para matar papagaios intrusos como esse.

O bicho continua gritando como um desesperado.

Ele precisa disso para viver? Por que ninguém é capaz de intervir nessa merda?

Abro a porta do quarto e começo a fazer uma limpeza na casa toda bagunçada.

Posso fazer isso nessa manhã, porque levei a minha tia para o seu quarto na noite passada e, assim, consigo limpar sem acordá-la e sem ouvi-la falar no meu ouvido o quanto estou me desdobrando esses dias.

O sol já está nascendo quando tenho tudo pronto, incluindo o café da manhã.

O papagaio, é claro, parou de gritar, porque o seu horário preferido é quando estou dormindo.

— Esse desgraçado sem consciência! — murmuro, arrumando a minha mochila. — Odeio bichos! Odeio!

Bufo, ainda revoltada que esse animal seja tão sem noção e que eu, ao que tudo indica, seja a única a se incomodar.

Meus vizinhos já foram mais coerentes, sabe?

Antes, havia briga o tempo todo e pelos motivos mais banais, mas hoje em dia eles só... estão bastante cansados, como eu.

Solto um suspiro e, ainda que os meus ombros estejam pesados pelo cansaço, tento não pensar demais em tudo.

O meu celular vibra no meu bolso e, quando o pego, vejo que há uma nova mensagem. O nome do Wade, meu amigo do trabalho,

surge no topo da barra de notificações e um suspiro sai pelos meus lábios automaticamente.

Espero que não seja nenhum novo problema.

A última coisa que preciso hoje é lidar com o meu supervisor falando merda sem eu nem ter pisado meus pés naquele local.

Mas, considerando que essas folgas são, quase sempre, preenchidas por afazeres novos, ainda não sei por qual motivo abstraí tanta expectativa de descansar.

Clico na notificação e a mensagem abre.

“Ferrou! Aquele lunático está no fórum da empresa dizendo que precisamos voltar ao trabalho, porque o servidor caiu novamente!”

Primeiro comecei a sentir o meu coração acelerar como um louco no peito.

Então, os meus joelhos cederam o bastante para que eu caísse sentada na cama.

Por que não pensei nisso?

É demais esperar que esse maldito seja o mínimo coerente para deixar quem está de folga apenas curtindo o dia calmamente, sem aborrecimentos.

O meu celular vibra e a chegada de uma nova mensagem me causa uma palpitação imediata.

“Aria, ele está dizendo que vai descontar de quem não estiver disponível para trabalhar agora.”

Encaro o texto e releio mais algumas vezes, na tentativa de entender o porquê a minha vida está desabando sobre a minha cabeça.

Não tenho nenhuma condição de encarar uma redução salarial agora.

“A parte boa, talvez, é que podemos ficar em home office.”

Boa para quem?

— Aria? Filha? — O chamado da minha tia é o bastante para me tirar desse vazio existencial. — Já acordou?

Sem tempo para pensar muito, levanto, pego a mochila que sempre levo para o trabalho com o meu laptop e todo o resto que preciso para trabalhar, então a coloco nos meus ombros, junto com a que eu já estava arrumando.

Saio do quarto com as duas e me deparo com a minha tia em pé, com a perna machucada encolhida.

— A senhora pode ficar de pé?

Ela revira os olhos.

— Só não posso colocar muito do meu peso sobre o meu calcanhar, Aria. Estou bem, já disse. — Me aproximo para sustentar o seu braço no meu ombro e, com um braço ao redor da sua cintura, carrego-a para o sofá. Sentamos juntas e ela respira fundo. — Não acredito que limpou tudo.

Abro a boca para respondê-la, mas a campainha toca.

— Deve ser Nancy — sussurro e já me encaminho para a porta.

Abro-a e ali está a vizinha que eu poderia odiar fácil se não estivesse na minha casa, cuidando da minha tia, para que eu possa ir trabalhar.

— Bom dia! — O seu sorriso animado me traz dúvidas. Com um papagaio gritando como um louco todo dia às quatro da manhã, ela realmente tem como se sentir feliz? — Querida, como acordou?

Mal, como sempre, por culpa do seu bicho.

— Bem — minto com um sorriso e já me adianto para sair de casa. — Deixei café pronto e panquecas frescas sobre a mesa.

Tenho que ir!

E, sem tempo para esperar resposta, apresso os passos pela rua.

Se eu chegar logo na em Forest Hill, o bairro em que o prefeito mora, vou focar no trabalho e tentar ao máximo terminar logo as obrigações da casa.

Levando em consideração que tia Bianca disse que ele não é de ficar em casa durante o dia, presumo que vou poder trabalhar em paz.

Assim espero, afinal, ontem ele apareceu pela manhã enquanto eu limpava a entrada e eu tive o maior desprazer da minha vida ao fazê-lo bater a cabeça na porta.

Tenho vontade de chorar em pensar que isso poderia custar o emprego da minha tia. Mas, quando paro para pensar na forma como ele a tratou quando soube que ela estava machucada, talvez eu só esteja exagerando.

O ônibus não demora a chegar e, como o trajeto do meu bairro para o dele leva ainda alguns minutos, saco o meu laptop.

Confiro as urgências anexadas no meu e-mail e quase sinto que posso chorar ao ver que o programa que passei dias trabalhando com a minha equipe foi completamente destruído.

Como isso aconteceu? E por quê?!

É demais para a minha cabeça pensar nisso o tempo todo!

Se continua acontecendo é porque há algo errado. O correto seria investigar a causa e, embora o supervisor já tenha sido avisado, ele continua ignorando a equipe, sempre com a mesma justificativa.

Ao contrário, só nos faz trabalhar como burros de carga.

Insuportável!

“Ele nos deu dez minutos para começar a trabalhar!”

O quê?!

“Vai fazer corte salarial de todos que não entrarem.”

Que sorte é essa?

Arregalo os olhos ao ver que já estou nos arredores de Forest Hill. Apressada, fecho o meu laptop e o enfio na bolsa, então fico em pé para apertar na minha parada.

Espero que ele não esteja em casa.

Espero que ele não esteja em casa.

Espero que ele não esteja em casa.

Repto o mesmo mantra várias vezes, à espera de que se torne real.

Ainda que a minha mochila esteja pesada e que eu queira parar, a urgência de chegar logo não me permite. Quando entro nas dependências do casarão, não vejo nenhum carro e isso me faz sorrir automaticamente.

Ele não está em casa.

Ao invés de ir me trocar para começar o trabalho, paro na cozinha, coloco a mochila em cima da mesa e retiro o laptop, o caderno de anotações e o ipad do trabalho. Não posso esquecer, é claro, do modem com internet móvel, assim posso me conectar mais rápido à rede.

Ligo-os e sento em uma das cadeiras.

— Drogas, droga, droga, droga! — murmuro ansiosa ao ver que o ipad está descarregado. — Maldição!

Procuro o carregador na minha bolsa e tento manter a calma, embora ela seja inexistente dentro de mim.

Encontro duas tomadas e uso as duas para ligar tanto o laptop, quanto o ipad. Se eu não o fizer, é capaz do computador descarregar de repente, uma vez que está velho e não segura carga. Com o ipad da empresa não é muito diferente, então...

— Ah! — grito ao enfiar o plug na tomada.

Corro de volta para a mesa e me sento nela.

— Ok, ok, ok... liga logo — peço, encarando os aparelhos e quando as luzes acendem eu juro que posso sorrir. — Obrigada!

Estalo os dedos para começar a digitar e tenho a minha atenção focada inteiramente na programação quebrada à minha frente.

— Diabo dos infernos! — murmuro irritada, aproveitando para xingá-lo antes que o chat ao vivo se inicie. — Sempre a mesma merda por causa desse desgraçado!

Evito resmungar quando um bate papo virtual é aberto no programa.

Online com a equipe, somos supervisionados em tempo real. Cerro os olhos, em silêncio, e só faço o que sempre fiz para evitar que o servidor caia de uma vez por todas e precise ser construído do zero.

— Se perdermos clientes, não vou sentir um pingo de dó em descontar do salário de vocês! — Escuto o supervisor dizer em alto e bom tom. Não consigo deixar de engolir o desafogo. — Bando de incompetentes!

Eu juro que nunca odiei tanto uma pessoa em toda a minha vida.

Acabo descontando parte do meu ódio no teclado do laptop, mas não me importo uma merda com isso, porque, ou eu extravaso assim, ou acabo falando. E, se eu o fizer, sou demitida por justa causa.

Inferno!

— Sábado pela manhã e você, além de ter chegado muito cedo, ainda está com esse humor?

Arregalo os olhos e, antes que alguém presente no bate papo veja o que está acontecendo, desligo a câmera e o microfone.

Por que ele está em casa?!

Fico em pé e, sentindo a palidez tomar conta do meu corpo inteiro, viro-me lentamente.

Só não esperava me deparar com aquele homem mal-humorado do dia anterior, com as duas mãos posicionadas na cintura, usando apenas uma calça de moletom cinza.

Ele é o prefeito da cidade.

Famoso, aclamado e muito respeitado pela população que o elegeu, até hoje não saiu nenhuma matéria em que a cidade possa ter tido algum motivo para se envergonhar ou sofrido com a má gestão da sua família, mas o que, provavelmente, as pessoas não saibam é que ele, além de um bom prefeito, é também um homem lindo sem aquela quantidade infinidável de tecido que o cobre todos os dias.

Nunca imaginei que todos esses ternos guardassem um peitoral sarado, uma barriga de tanquinho trincada e uma sensualidade que emana como se fosse apenas sua.

Céus! Será que estou louca? Ou os meus anos enfurnada naquela maldita empresa derreteram o meu cérebro? Não duvido que isso possa ter acontecido, mas não deixo de estar em choque com a beleza deste homem.

Talvez, seja porque não estou habituada a ver um homem tão lindo, desses que parecem ter saído de uma revista de moda íntima masculina, na minha frente.

— Oi?! — Acena na frente do seu rosto, agora com um sorriso. Juro, que sorriso é esse? A barba bem cuidada com um cavanhaque loiro, da cor do seu cabelo, está me fazendo quase babar. — Jovem? Bom dia! — Bate palmas e é o suficiente para me fazer acordar desse meu relapso. — Olhe nos meus olhos, ok? Assim você não se distrai.

Respiro fundo, desviando o olhar dele completamente.

Sinto o meu rosto pegar fogo, tamanha a vergonha que estou sentindo.

Pelo amor de Deus! Por que isso tem que acontecer comigo?

— E-eu, é... — Pigarreio, empurrando algumas mechas de cabelo para trás da orelha e mantendo o meu olhar no chão. — Eu, eu sinto...

Ele bufa e isso interrompe o que eu tinha para falar.

— *Onde está Aria Corbin?!* — Escuto o meu supervisor gritar do meu laptop e, quando o meu olhar cruza com o do prefeito, ele arqueia uma sobrancelha.

— Desculpa, senhor... hum... — Torço os dedos, sem conseguir controlar o meu nervosismo. — Eu preciso...

Ele coça a cabeça e encara a tela do computador.

— *Pareço muito besta para vocês, não é?* — O meu supervisor não para. — *Se ela não voltar para essa tela agora, eu vou descontar na equipe inteira!*

Arregalo os olhos, assustada.

— Que diabos? — questiona o prefeito com as duas mãos na cintura e engulo em seco. — O que é isso?

A minha garganta fica seca.

— É... o meu supervisor do... — Respiro fundo, sem saber o que fazer. — Eu preciso voltar para o... — Aponto para a tela,

mortificada. — Mas eu vou preparar o seu...

Ele me encara com uma intensidade suficiente para tirar o resto da minha concentração.

— Pode voltar. — Aponta para o computador. — Estou de saída.

O medo de que ele, não sei, talvez queira contratar outra pessoa me atropela.

Mordo a pele interna do meu lábio inferior aovê-lo se afastar da cozinha para o corredor.

— Posso fazer algo para o senhor....

Ele não me dá ouvidos.

Continua andando e só ergue a mão.

— Vou tomar café fora. Tenho uma reunião.

E, sem mais, se afasta sem olhar para trás.

Deus, me ajude. O que eu deveria fazer sobre isso?

Estapeio a minha cabeça com uma frustração surreal dominando todo o meu corpo. Que droga! *Por que você não verificou se ele estava em casa antes de só chegar e sentar, Aria? Inferno!*

— *Ela tem um minuto para aparecer!* — grita o protagonista do maior castigo que eu tenho que pagar nessa minha vida.

Sem escolha, volto para a cadeira e ligo a câmera.

Você só precisa aguentar mais um pouco, Aria.

A sua tia precisa de você.

E as suas contas precisam desse trabalho para serem pagas.

Suporte! Você consegue.

6.

MALCOLM WALKER

Não tenho uma reunião e não sei o porquê de eu ter inventado isso.

Escolho não pensar demais sobre isso, mas a minha imaginação está me levando para um caminho que não faço a menor ideia de qual resposta vai me dar.

O que tenho a ver se ela parece estar cheia de funções para lidar? E que a manhã dela parece estar tão caótica que ela não consegue formular frases coerentes sem se perder no meio do caminho?

Desde quando sou compassivo com pessoas que conheço há tão pouco tempo?

Sequer sei quem ela é.

— Bianca deve estar melhor, não é? — questiono, de braços cruzados ao lado de Finlay. *Preciso desviar a minha atenção dessa mulher e da sua confusão atribulada na minha casa.* — O quão sério é o machucado dela?

Ele suspira, acho que pensando na melhor forma de me responder.

De onde estou, consigo ver a sua cabeça com o cabelo todo bagunçado, enquanto digita descontrolada no teclado do seu computador. Alheia a tudo, com uma atenção que me causa inveja, ela sequer pisca.

E eu sei que não deveria olhar tanto para uma familiar de alguém que tenho tanto respeito como Bianca, mas é quase impossível não reparar os seus fios sedosos em descontrole na sua

cabeça, que a tornam adorável. Logo eu que adoro o controle, não consigo parar de olhar para essa confusão de mulher.

Isso sem contar, é claro, que pela segunda vez, ela se perdeu facilmente em mim.

É estranha a forma como ela perde a atenção em alguma parte do meu corpo.

No seu primeiro dia, o seu olhar recaiu sobre o meu mínimo movimento na minha gravata. Hoje, ela encarou o meu peito nu como se fosse a sua primeira vez vendo um homem sem camisa.

— Até onde vi, foi uma torção no tornozelo — comenta Finlay, com as mãos nos bolsos da calça. Solto um suspiro, tentando manter o meu olhar no jardim ao nosso redor e longe de qualquer pensamento daquela mulher. — Ela me disse que o médico pediu um mês de repouso.

Aceno em concordância e solto um suspiro, pensando um pouco sobre isso.

— Se for o caso de ela precisar de mais tempo para se recuperar, podemos contratar outra pessoa... — Paro de falar tão logo a possibilidade de uma nova desconhecida na minha casa forme uma dor desconfortável na minha cabeça. — Se bem que... deixe isso para lá.

Uma curiosa, fofoqueira ou com a língua solta demais dentro da casa do prefeito, em que há muitas informações soltas o tempo todo não é uma boa opção.

E eu quero qualquer coisa, menos essa dor de cabeça agora.

Finlay sorri, sem desviar o olhar para o meu lado.

— Por um segundo considerei que estivesse maluco. — Sacode a cabeça, chutando uma pedra na sua frente. — Com os seus problemas de confiança, colocar uma desconhecida em casa é o bastante para que enlouqueça.

Exatamente.

Se com as pessoas que tenho segurança em confiar já estou prestes a perder a cabeça, imagine com as que eu nunca vi na vida.

Archer, meu assessor há quase uma década, não entendeu ainda que sexo no escritório do chefe é sinônimo de demissão, não quero imaginar o que será de alguém que está começando agora.

Em pensar nele, a minha vontade é de solicitar que o RH já dê baixa na sua carteira, como fiz com a secretária.

Sacudo a cabeça, mantendo o meu olhar na frente.

— A sobrinha da Bianca não está fazendo um bom trabalho?

Desvio o meu olhar para o seu.

— Não é isso — respondo quando o seu rosto cansado volta ao meu pensamento. — É que parece que ela não tem só uma coisa para fazer e que está exausta demais para dar conta das duas.

Ainda lembro de quando a vi pela primeira vez.

A mulher parecia tão cansada que até pensei que desmaiaria na minha frente a qualquer segundo. Atribulada, afoita e nervosa, não transmitiu muita segurança, além de que parece se perder muito fácil no corpo de um homem desconhecido.

— Ela é profissional de T.I — diz como se fosse a resposta para qualquer questionamento meu.

Surpreso, desvio o olhar para ele.

— Como? — questiono, surpreso, porque isso nunca passou pela minha cabeça. Então, a pressa dos seus dedos no teclado tinha um motivo plausível. — Ela é...

Finlay acena em concordância, mas noto que a sua expressão está mudando aos poucos. É como se ele estivesse se dando conta de uma informação nova por um segundo ou até dois.

— Mas a empresa que ela trabalha é um pouco... — Pigarreia, voltando o seu olhar para o mesmo lugar que eu. Observa a mulher sentada na mesa enquanto trabalha como uma louca, como se sua vida dependesse disso. — Severa.

Acho que é mais entendível, mas não justifica a maneira como o homem falava nessa manhã ao forçá-la a voltar para o trabalho.

Existem formas mais educadas de lidar com um funcionário, mas aquela é completamente mal educada e sem nenhuma noção.

— E por que ela está trabalhando com eles? — questiono realmente curioso.

A forma como o homem, que imagino ser o seu chefe, falava era dura demais para qualquer pessoa.

Não importa a motivação. O jeito que ela foi tratada mais cedo não é a conduta correta para ser usada por qualquer empregador.

— Quem tem contas para pagar e uma casa para sustentar não tem muitas escolhas, senhor prefeito.

— Uma profissional de T.I? — Sacudo a cabeça, com uma careta. — É uma boa formação. Se ela procurasse outros empregos, talvez....

Ele suspira e é o bastante para me fazer parar de falar.

— Ela pode ter a melhor formação do mundo, mas se as urgências da vida a obrigam a fazer o que precisa ser feito para conseguir um salário mínimo no fim do mês, é o que ela fará. — Um suspiro de puro exaspero procede a sua afirmação. — Não é todo mundo que pode escolher o que vai fazer da vida, Malcom. Quando há uma pilha de contas para pagar, não há muito o que fazer. Essa é a situação delas.

Aceno em concordância.

Ele está certo.

A jornada de sobrevivência de uma pessoa não pode ser baseada na minha experiência pessoal e esse é só um dos pontos que preciso levar em consideração como um prefeito que tenta melhorar cada vez mais para diminuir as taxas de pobreza da cidade.

— Veja como Bianca está e se precisa de algum cuidado extra — digo e me desencosto do veículo. — Talvez um fisioterapeuta ou massagista, não sei. Providencie o necessário para ela se recuperar logo e converse com o líder de finanças. Vou aumentar o salário dela. — Solto um novo suspiro quando a minha barriga ameaça roncar de fome. Já tinha esquecido que não comi nada ainda. — E traga algo para eu comer. Não vou atrapalhar a senhorita ocupada ali.

Em silêncio, vejo-o me observar como se eu estivesse fazendo algo além do que ele esperava de mim.

Escolho não pensar sobre isso e só me afasto de volta para a casa.

Não fui à prefeitura no dia anterior e hoje não há expediente, mas isso não quer dizer que eu não tenha trabalho para fazer e demandas para cumprir.

Tão logo volto para o escritório, ligo o meu computador e foco em tudo o que foi determinado ontem.

*

Acho que perdi a hora.

Os meus membros estão retesados e a necessidade de levantar dessa cadeira me domina. Desligo o computador e é quando desvio o olhar para a janela atrás de mim, que percebo a chegada da noite.

Estou surpreso, embora não devesse.

Sempre perco a noção do tempo quando estou imerso nos trabalhos das diversas áreas da Prefeitura.

Lembro de ter comido algo antes do almoço, mas depois disso, nada mais passou pela minha barriga.

Respiro fundo e, logo, me estico um pouco.

Preciso me levantar mais cedo a partir de agora e fazer o mínimo de exercício físico se eu não quiser perder o que ainda tenho de energia.

É pensando nisso que me encaminho para fora do escritório.

Não esperava que assim que abrisse a porta, o cheiro forte de comida dominasse o meu olfato e fizesse a minha barriga roncar em desespero.

Poderia tomar um banho antes, mas a minha fome é maior.

Caminho para a sala de jantar e me deparo com a mesa cheia de comida. Sequer paro para pensar em quem a preparou. Só me dirijo a ela e, com uma fome que não imaginei sentir e parecendo um animal enjaulado a vários dias, separo tudo no meu prato e exibo um sorriso satisfeito ao ver que, embora não esteja quente, ainda está tudo morno.

Sento à mesa e devoro o que encontro de gostoso na minha frente.

— *Não se fazem empregados como antigamente.* — Escuto a voz de alguém por perto e isso me faz arregalar os olhos. Interrompo o caminho do garfo para tentar entender de quem é essa voz. — *Aria dormiu? Ela está mesmo dormindo? Na minha frente?*

Baixo o talher até que ele está no prato mais uma vez e termino de mastigar o que já estava na minha boca.

— Já sabem o que quer dizer essa falta de respeito, não é? — Há uma pausa e ela é o bastante para que eu fique em pé. — Vou encerrar o expediente por hoje, mas espero que estejam todos aqui às cinco. Adeus.

Um barulho rompe o espaço e eu acho que é algo no computador.

Caminho para a cozinha, de onde o som está vindo, mas não há ninguém.

— *Juro que não estava aguentando mais* — diz uma voz masculina de algum lugar próximo. Quando o meu corpo está completamente no ambiente, coloco as duas mãos na cintura e olho ao redor. A mesa da cozinha está limpa e... — *Obrigado por isso, querida Aria.*

Desvio o olhar para baixo e não consigo deixar de soltar um longo suspiro.

— *Ela é linda dormindo* — comenta alguém do computador que ela tem no colo. — *Como, mesmo dormindo e exausta, uma mulher pode ser tão linda?*

Meio sentada, meio deitada, a sobrinha de Bianca está no chão, encostada no balcão ao lado da pia da cozinha, enquanto sustenta o laptop sobre as pernas e dorme um sono que, ao que tudo indica, está muito pesado.

Aproximo-me e, ignorando a conversa que está rolando na página, só fecho a tampa do aparelho, o que o faz desligar automaticamente.

— O que eu faço com você agora, mulher? — Pela posição em que está deitada, essa é uma péssima forma de passar a noite. — Esse lugar não é o melhor para você dormir.

O silêncio que se arrasta entre nós me permite observá-la um pouco mais.

Nas oportunidades anteriores não tive tanto tempo e nem coragem, sem parecer um lunático, e agora tenho maiores informações sobre ela.

Ao parar um pouco e ver o quanto os seus lábios são cheios, desenhados com uma perfeição que me domina no desejo de deslizar o meu polegar sobre ele, acho que perdi a pequena luta interna que tive mais cedo aovê-la apenas como a sobrinha da Bianca.

Céus, como uma mulher pode ser tão linda?

Há belezas que não precisam de nenhuma maquiagem para ser ressaltada.

E a dela se encaixa perfeitamente nessa categoria.

Pálida, desgrenhada e muito exausta, essa mulher não deixa de ser um foco nem para os seus colegas de trabalho e, muito menos, para mim.

Onde Bianca escondeu essa sobrinha tão encantadora?

— Acho que é melhor levá-la para o quarto — murmuro, pensando alto demais.

Tiro o seu computador do colo e o coloco sobre a bancada, então me preparam para pegá-la nos braços. Curiosamente, mesmo quando eu me inclino, ergo as suas pernas e passo um braço em torno da sua cintura, ela não se mexe.

Com um sorriso que não sei de onde surgiu, fico em pé com ela nos braços.

Devagar, temendo acordá-la, caminho para o quarto que deveria ser de Bianca, mas que ela nunca ocupou. Coloco-a sobre a cama e, com cuidado, deixo a sua cabeça sobre a travesseiro.

Algo como um ímã me atrai para perto do seu rosto por um segundo.

O meu coração bate em desenfreio, com o risco de acordá-la, quando empurro uma mecha de cabelo para longe dos seus olhos bonitos. Um choque suave me fez afastar os dedos para longe dela.

Com a boca seca, me sentindo perdido, afasto-me dela e da cama.

— Que diabos é isso, Malcolm? Ficou louco?

7.

MALCOLM WALKER

Nunca tomo boas decisões quando me sinto confuso.

A noite passada me deixou de olhos vidrados no teto por mais de duas horas até que o sono me atropelou com força o bastante para não me deixar pensar mais.

Agradeço ao meu corpo por ter me dado o mínimo de descanso, porque pelo jeito que me deixo levar pelas coisas com facilidade, é bem provável que eu ficaria o resto da noite em claro, pensando em como sou idiota ao ponto de tocá-la e notar o quanto é linda e...

— Está sonhando, Malcolm? — questiona Glandy, um dos amigos que não vejo há um bom tempo. — Parece perdido em seus pensamentos.

E eu estou.

O motivo é que tem uma mulher linda ocupando a minha casa e eu não consigo parar de pensar nisso.

Não sei o que eu tinha na cabeça ao ver a mensagem que ele deixou na minha inbox mais cedo e, apenas ter aceitado que ele viesse para a minha casa, com os seus amigos e... *bagunça*.

Glandy é um amigo antigo.

Nos conhecemos quando eu ainda estava na vida de Don Juan, paquerando e vivendo intensamente a fase da boemia, entre amores e alguns bilhões de tropeços.

Já faz um bom tempo que não faço ideia do que é fazer isso.

— Estou tentando entender o porquê de eu ter aceitado que você viesse para a minha casa — afirma e solto um suspiro em seguida.

Na verdade, eu sei.

Queria me distrair o máximo possível dos pensamentos intrusivos que nublam a minha cabeça desde a noite passada.

Ok, levei-a para cama.

Afastei o seu cabelo da frente do rosto e vi o quanto ela é linda.

E daí? O que eu tenho para pensar tanto sobre isso? Ou, pior, para não conseguir deixar de imaginar o quanto os seus lábios podem ser macios?

— É que está com saudades de mim e da luz que trago para a sua vida — afirma e, antes que eu possa fazer qualquer movimento, sai de onde está para me empurrar na piscina.

Prendo a respiração e o jogo para longe de mim.

Sou um idiota!

Ele disse na mensagem que queria me ver.

Eu disse que ele poderia vir para a minha casa, que eu tiraria um momento para interagir com ele.

Só não esperava que viesse com mais conhecidos, que traria bebidas e que colocaria um som para tocar bem alto.

Como prefeito, já tem um longo tempo que não me deixo viver esse tipo de diversão e agora que estou tendo a oportunidade, a culpa domina todo o cenário.

— Maluco! — resmungo quando volto para a superfície.

— Mal humorado! — grita ele de volta, mas isso não me ofende.

Jogo o cabelo para cima e deslizo a mão sobre os fios molhados.

— Malcolm — chama um dos conhecidos ao se virar para mim. Encaro-o, tentando lembrar o seu nome. — Quem é aquela nova empregada?

— Sobrinha da Bianca. — E eu não sei o porquê respondê-lo me deixa com um gosto estranho na boca. — Por quê?

Ele exibe um sorriso malicioso e eu cerro os olhos.

Se antes já estava arrependido de ter deixado Glandy vir para a minha casa, agora é que estou mesmo.

— Ela é uma gostosa — diz ele com a boca cheia, como se estivesse com muito prazer. — Estava de quatro, limpando a cozinha e não consegui desviar o olhar daquele monumento.

A minha impaciência e a falta de tato para com as pessoas sempre me deixou em apuros.

Quando era criança, me envolvia em brigas que sempre deixavam a minha mãe sem jeito frente às diretoras e professoras da escola. À medida em que fui crescendo, essa característica se tornou cada vez pior.

Uma vez que o fim da adolescência me fez entender que se eu não me controlasse, acabaria preso, precisei mudar.

Isso não quer dizer que eu tenha me tornado menos pavio curto.

— Vai embora da minha casa — ordeno, apontando para o caminho do corredor, então me viro para Glandy. — Pegue os seus amigos e vá embora. Não quero ver ninguém aqui pelos próximos minutos. Talvez décadas

Com um ódio genuíno me dominando, caminho para a escada da piscina e subo os degraus até que saio.

— Por quê? O que aconteceu? — pergunta o cara, mas eu não me importo com ele.

Quando profiro uma ordem, ela é irreversível.

Não espero questionamentos.

Ou que eu precise dar qualquer tipo de justificativa em seguida.

Se ele é inteligente, mesmo que não saiba quem eu sou ou do que sou capaz é melhor que escute cada palavra em silêncio.

— Ei, cara! — grita Glandy, batendo as mãos na água. — Faz tempo que a gente não se vê... só vai sair assim como se...

Então, eu paro de andar.

— Não vou repetir a ordem que acabei de dar, Glandy. — A minha paciência diminui consideravelmente a cada milésimo de segundo em que preciso olhar para o seu rosto. — Se queria passar um tempo comigo, não deveria ter trazido babacas como ele. É um ponto. Reúna as suas merdas e saia daqui!

Solto um profundo suspiro e caminho a passos duros e largos para a porta dos fundos, com o acesso mais rápido para a cozinha.

É quando me deparo com uma imagem que me faz entrar de uma vez e fechar a porta. Pelo amor de Deus! O que ela está fazendo de joelhos no chão?

— Com licença? — questiono, tentando não observar a sua bunda redonda e inclinada completamente na minha direção.

Foi essa visão que aquele desgraçado teve dela?

A incredulidade me domina tanto que mal consigo respirar.

Ela não deve ter me escutado, porque continua na mesma posição, imóvel. O meu coração não pode bater mais rápido do que já está, diante do fato de que a sua posição não me ajuda a manter um pensamento coeso.

— Olá, bom dia!

Bato palmas e o som é alto o bastante para que, mesmo que ela estivesse dormindo, me escutasse.

Mas não.

Ela continua do mesmo jeito.

Essa posição me tenta o bastante para sentir um calor que, há muito tempo, está apagado dentro de mim. Com a necessidade de fugir, rodeio a bancada da cozinha e paro na sua frente.

Longe do perigo, ao menos posso pensar melhor.

Não, não posso.

Há um decote surreal aberto na minha direção e eu juro que sou homem o bastante para não olhar para qualquer detalhe íntimo de uma mulher, quando ela não está mostrando para mim por livre e espontânea vontade.

Não sou um babaca como os amigos do Glandy.

Mas que é difícil desviar o olhar de uma beleza como essa, isso é.

Respiro fundo, com força.

Mantenho o meu olhar longe dela e me abaixo o suficiente para cutucar o seu ombro.

— Ah! — grita, assustada, e eu me afasto de imediato. Com alguns passos para trás, a mão no peito, arregalo os olhos aovê-la com as duas mãos na boca, enquanto o seu olhar desce pelo meu peito até a minha sunga. — Oh meu Deus!

— O que diabos... — Ela arranca os fones do ouvido de uma vez e fica em pé em menos de um segundo. As maçãs do seu rosto estão rubras e o seu olhar é fugaz. — Você sabia que temos pessoas em casa?

Logo, desvia o olhar para o meu e não consigo evitar de sentir a minha boca secar.

— E-eu... estava um pouco... — Aponta para o laptop no chão e eu aceno, conseguindo entender melhor. — Precisei ficar aqui pela falta de sinal e...

Forço os meus lábios a ficarem cerrados, quando a vontade de sorrir me domina.

Ela consegue ser fofa mesmo sem palavras ou tentando manter o olhar curioso longe do meu corpo.

Isso é novo para mim.

Acho que nunca me envolvi com uma mulher que parece jamais ter visto um homem sem roupa.

— Hum. — É tudo o que consigo proferir.

Algo nela me atrai de um jeito que não consigo controlar.

De repente, como algo que não acontece todos os dias comigo, cruzo os braços na frente do meu corpo e solto um suspiro. Acompanho, com um sorriso desgraçado, o caminho que ela faz ao observar os músculos dos meus braços, até que ela desce mais um pouco e encara a minha sunga, mesmo com uma vergonha explícita.

— E-eu tenho algo a... — Pigarreia, sacudindo a cabeça e volta a erguer o olhar para o meu. Quando ela percebe que estou a observando, seus olhos arregalam e o seu rosto fica ainda mais vermelho, como o tom escarlate. — Preciso falar com o senhor sobre... — Engole em seco e desvia o olhar do meu. — É que eu trabalho durante o dia e...

O que é isso que ela tem?

Por que a sua gagueira faz com que o meu coração bata acelerado em expectativa para saber tudo sobre ela?

— Você quer chegar mais tarde? — questiono, observando-a acenar. O olhar se mantém distante do meu. — Pode vir no horário que for melhor para você. Se quiser vir a cada dois ou três dias, também não há problema.

As minhas palavras parecem despertá-la.

De repente, ergue as sobrancelhas e o que eu imagino ser um sorriso começa a nascer devagar no canto dos seus lábios.

No fim, os seus dentes esbranquiçados estão à mostra e o sorriso mais lindo que eu já vi no rosto de alguém, de repente, é exposto para mim.

Como uma obra de arte.

— Oh, senhor!

Suspiro, diante a sua felicidade.

Bianca que me perdoe, mas o meu próximo passo à frente é sem pensar.

— Qual o seu nome? — questiono, dominado pela imprudência.

— Aria... — Engole em seco, sem disfarçar o sorriso de felicidade pelo o que eu disse. — Aria Corbin.

Nome bonito.

Tão interessante quanto a dona.

— Ok, Aria. — Ela acena e eu dou mais um passo à frente. O calor preenche o espaço que nos separa e eu, me permitindo ser queimado por um segundo, dou mais um passo, sem desviar o olhar do seu. — Você pode me chamar de Malcolm.

Arregala os olhos, *adorável*.

— S-enhor, eu...

— Malcolm — reitero, vendo-a recuar um passo atrapalhado para trás. — Me chame assim de agora em diante.

Em resposta, ela só acena como se acabasse de perder as palavras.

Recuo os meus passos, então.

Ou eu saio daqui agora, ou não faço ideia de onde isso vai parar.

O que está acontecendo com você, Malcolm?!

8.

ARIA CORBIN

O meu rosto está queimando sem controle.

Não faço a menor ideia do que aconteceu comigo, mas há uma imagem dominando a minha cabeça por dois dias, desde que o vi pela última vez.

Nas minhas últimas duas horas de cochilo, o corpo do homem que deveria ser o meu chefe temporário dominou a minha mente e eu me sentia queimar dos pés à cabeça.

Parece que um incêndio estranho se concentrou no meu corpo e eu não faço ideia do que fazer para apagá-lo.

— Aria? — chama Wade e, quando não o respondo, ele me cutuca de leve. — Pelo amor de Deus, pode se concentrar? Desde quando cueca é um comando?

O quê?!

Arregalo os olhos e, quando volto a mim, há vários comandos sem sentido na tela. Palavras estranhas do tipo “cueca”, “sunga”, “onde está a camisa” brotam na tela como se eu estivesse louca.

Apressada, para que o tirano do meu supervisor não veja, apago tudo e me apresso para fazer a combinação correta.

Está perto do horário de saída e como a última crise já foi contida, não há emergência grande o bastante para nos manter aqui até tarde.

— O nosso horário está chegando — sussurra Wade ao meu lado. — Quer sair para beber algo?

Se eu não estivesse na prisão do diabo, gargalharia.

Como eu poderia sair se tenho uma casa imensa para limpar daqui alguns minutos? Pelo amor de Deus! Só em pensar que levei muito à sério o que o prefeito disse na última vez que o vi e que não pisei lá por dois dias, já me causa calafrios com a possibilidade dele estar pensando mal de mim.

Sei lá, que sou preguiçosa?!

Ou que estou querendo me aproveitar da sua boa vontade.

Em minha defesa, fiquei presa nesse inferno na segunda-feira e na terça tive que acompanhar a minha tia em uma sessão de fisioterapia, o que era uma novidade até então.

Foi uma surpresa, quando recebi a ligação do motorista da casa me avisando que estava levando uma fisioterapeuta e uma enfermeira até a minha casa. Além disso, me aconselhou a ir para lá também, para o caso de precisarem de algo que só eu sei onde está ou como fazer.

— Eu amaria, mas tenho trabalho depois daqui — digo sem desviar o olhar da tela.

— Você deve ser maluca. Cansados como estamos, ainda tem energia para trabalhar depois daqui?

— Não é como se eu tivesse escolha — comento, pensativa.

Ele suspira ao meu lado.

— A vida não está fácil do seu lado, não é? — questiona Wade e eu não consigo evitar o suspiro que sai pelos meus lábios.

— Não está mesmo.

A porta é aberta e o silêncio nos domina, porque já sabemos quem está entre nós.

O supervisor detestável entra na sala com alguma comida.

O cheiro que imagino ser de algum sanduíche, pois impregnou a sala inteira e a fome se faz presente imediatamente.

Os segundos passam devagar, arrastados e maçantes.

A fome aumenta.

A vontade de dormir triplica.

E eu me sinto caindo em um espiral exausto de sensações quando o supervisor, de repente, levanta, pega as suas coisas e sai da sala.

— Não acredito que vou embora cedo para casa! — comemora um dos meus colegas de trabalho. — Que delícia!

Sorrio, afastando-me da mesa.

Com os pensamentos distantes do prefeito, desligo o computador e fico em pé, pronta para ir para a casa dele.

Será que ele estará lá? Que, sei lá, vamos nos encontrar?

Mordo o lábio inferior, perdida em possibilidades, enquanto pego as minhas coisas e caminho para fora daqui o mais rápido possível.

Não sou assim!

Não fico pensando muito tempo em homens ou relações com eles, porque já tenho o bastante para me preocupar, entre trabalho e suprir todas as contas.

Viver no mundo da lua pensando em homem gostoso e esse homem sendo meu patrão temporário pode me atrapalhar. E se eu...

Não! Pare agora, Aria!

— Concentre-se! — ralho comigo mesma e isso, talvez, tenha chamado a atenção de algumas pessoas ao meu redor no ponto de ônibus.

Ótimo, além de dispersa, agora sou esquisita.

Todo dia uma humilhação diferente.

Quando o transporte que vai me levar direto ao segundo trabalho para aqui na minha frente, juro que tenho um enorme sorriso de alívio no rosto. Sento na primeira cadeira vaga perto da saída e tento pensar em qualquer coisa que não seja o prefeito e tudo que o cerca.

E, talvez, até conseguiria, se não fossem os inúmeros *outdoors* com o rosto dele espalhados por cada avenida em que esse ônibus passa.

É impressionante o quanto ele é lindo, famoso e querido.

Mas eu nunca notei nada sobre ele... até que apareceu na minha frente sem camisa. Será que estou ficando maluca ou é porque já estou bem velha e ainda não...?

Pigarreio, me ajeitando no banco do ônibus.

Não deve ser nada disso.

Talvez, eu esteja com os hormônios aflorados e esse seja o motivo pelo qual estou quente, quase pegando fogo, a cada vez que penso nele.

— Vou descer aqui! — grita uma mulher perto da saída e isso me desperta.

Arregalo os olhos, assustada que a minha parada é a próxima.

Se não fosse pelo grito dela, talvez eu teria perdido o lugar certo de descer e não sei onde estaria. Sério, preciso tratar essa desatenção o mais rápido possível.

Antes, eu só ficava assim por causa do cansaço.

Agora, é por causa do chefe da minha tia e, por obséquio, com licença, o prefeito da cidade.

O fato de ele ser um colírio aos olhos e estar fazendo morada na minha cabeça é um mero detalhe.

O que eu quero olhando para o homem que deve ser o mais poderoso de todos? Céus, isso não deveria ser... Fecho a boca e foco em andar o mais rápido que posso para a casa dele.

— Pare de pensar nele! — murmuro para mim mesma. — Você tem um longo trabalho para fazer agora!

Penso na minha vida, nas minhas contas e esqueço rapidinho que essa determinação só me atrai pensamentos errados.

Ao chegar na entrada da casa, coloco as duas mãos no joelho em busca de ar.

— Está bem, Aria? — questiona Finlay, o motorista que é muito amigo da minha tia. Tento acenar, mas o cansaço da corrida misturado à fome quase me levam a um desmaio. — Aria?

Ergo a mão.

— Está sim, eu... — Respiro fundo, erguendo-me. — Estou bem.

Ele sorri, acho que satisfeito ao me ver em um estado quase normal.

Abre a grade do portão e indica para que eu entre.

— Deixei a porta dos fundos trancada, porque não sabia se você viria hoje. Entre pela porta da frente.

Aceno em concordância e quando vejo que o carro dele está aqui, não consigo deixar de arregalar os olhos em choque.

— O senhor prefeito está aqui? — questiono, assustada.

Finlay acena, não parecendo se importar com isso.

— Está, mas, como sempre, muito ocupado. — Com as duas mãos na cintura, desvia o olhar para a porta. — Tem gente com ele e eu acredito se tratar de uma dessas reuniões que duram horas. Sequer vai notar que ele está aqui.

Oh, Deus!

Ele mal termina de falar e eu já me encaminho para dentro da casa a passos rápidos.

A última coisa que preciso agora é que ele me ache uma preguiçosa que, porque ele deu um pouco de folga, vai abrir mão das obrigações.

Isso sem contar que pode ser um motivo para uma futura demissão.

Empurro a porta de uma vez e entro com a intenção de correr para a porta dos fundos, mas é quando a fecho atrás de mim, que escuto um barulho estranho.

— Malcolm... — É uma voz feminina e isso é um... *gemido*?

Arregalo os olhos, chocada que, ao me virar mais um pouco, vejo que a porta do escritório dele está aberta.

A cena que se reproduz na minha frente, entretanto, me deixa chocada.

Há uma mulher sem roupa, com os seios fartos próximos a boca dele, enquanto se remexe no seu colo. E eu não sei o que me choca mais: se é vê-la sem nada ou ver que ele está todo vestido.

Se eles estão íntimos, por que ele ainda estaria com roupa?

Meu Deus! Que hor...

— Malcolm, me come com força! — Arregalo tanto os olhos que, por um segundo, acho que eles vão sair do meu rosto. — Oh, sim!

Uma curiosidade que nunca me dominou antes começa a queimar cada pedaço da minha pele. De repente, ao ver essa mulher gemendo e gritando tão alto que poderia escutar do lado de fora, me aproximo mais um passo.

É o bastante para ter a visão do seu rosto torcido em uma careta.

A sua mão segura a cintura torneada dela como se quisesse afastá-la.

— Com licença! — diz ele e o seu tom é muito duro. — Vou chamar os seguranças.

Como assim ele vai chamar os...? Ele não está gostando do que ela...?

— Você vai gostar, querido — diz ela em um tom manhoso, antes de morder o lábio e agarrar os próprios seios com força. Como se estivesse se esforçando o máximo possível para que ele goste do que ela está fazendo, os seus movimentos sobre as pernas dele só se intensificam. — Venha, coloque-os na boca.

Ele a afasta mais e é quando torce a cabeça para o lado, que o seu olhar cruza com o meu.

Em choque, recuo um passo para trás.

Ele me pegou observando um momento de intimidade! Eu deveria recuar, correr e sumir daqui, mas algo na imagem dela, com um sorriso, empurrando os seios para o rosto dele, me prende na imagem mais louca que já vi na vida.

Ela é tão... *segura de si*.

E isso me faz notar em mim algo que não deveria.

— Sente como a minha boceta pode ser gostosa para você — diz ela e eu acho que não poderia ficar mais chocada.

Ela... ele... A minha boca despenca e quando o observo, um sorriso de lado brota no seu rosto, ainda me encarando.

Ele está olhando para mim?! É isso?

Sem desviar o olhar do meu por um segundo, recua a cabeça para o lado e sobe uma mão pela cintura da mulher até que segura

o seu seio. O calor que me preenche é insano, surreal.

O que ele está fazendo?!

— Isso, Malcolm! — geme ela de olhos fechados, jogando a cabeça para trás.

Ele guia o seio dela para a boca e o abocanha inteiro. Enquanto isso, me encara, como se estivesse fazendo isso para que eu veja.

E eu não sei o que a razão deveria me dizer ou o que eu deveria sentir, mas há uma corrente elétrica intensa o bastante que me tira de concentração em segundos.

O que isso significa, pelo amor de Deus?!

Ele desliza a língua no seio da mulher e...

— Ahhh! — grita ela e eu acho que... isso está bom para ela.

A minha boca seca, tremores indecentes começam a dominar o meu corpo e, antes que eu perceba, estou saindo daqui apressada até demais.

Corro para o quarto dos funcionários e fecho a porta atrás de mim.

Sinto-me queimar inteira.

Deus, eu nunca senti isso!

O que eu tenho? Por que isso está me dominando assim? E... foda-se! Por que há algo tão quente e molhado entre as minhas pernas?

9.

MALCOLM WALKER

Estou maluco.

Fora de mim.

Parece que a razão me abandonou e eu não tive tempo de reencontrá-la.

Aria Corbin não sai da minha cabeça.

Ela me dominou por inteiro.

Depois de dois dias sem vê-la, ela aparece na minha porta, no que deveria ser o momento mais constrangedor da minha vida, com uma mulher maluca que tentou me seduzir de todas as formas possíveis.

E, no fim, o tornou excitante.

Deveria me manter no controle, mas ela apareceu toda vermelha, as pernas tão próximas umas das outras que a conclusão mais direta que eu pude chegar naquele momento é de que ela estava excitada.

Não há espaço para dúvidas.

Mas a sua curiosidade, com certeza, era algo que eu não conseguia deixar de notar. Por que ela parece tão responsável em um momento e, no outro, parece que é a pessoa mais inocente e inexperiente do mundo?

Linda, envolvente e provocante, mesmo com a áurea de inocência a rodeando, a mulher não precisou de nenhum movimento para me ter duro por ela.

E isso é algo que eu não consigo lidar muito bem.

— Malcolm! — chama Archer na minha frente, com as duas mãos na cintura. — O que você acha que fez ontem? — O seu suspiro exasperado não me comove nem um pouco. — Que inferno! E se for uma cilada?

Confuso e perdido, inclino-me e pego o copo com *whisky* da mesa.

— Não aconteceu nada entre eu e ela — respondo assim que engulo o líquido com alto teor alcoólico. — A expulsei da casa...

— Nua! — Interrompe e eu não posso fazer nada sobre isso.
— E se ela sair dizendo que você é um babaca que depois de usá-la, apenas a...

— Não tive nada com ela — reitero, desviando o meu olhar para o seu. — E nunca teria. Ela é funcionária da prefeitura e acha que pode conseguir algo de mim por estar em um cargo que permite ficarmos próximos. Mas agora já sabe o que vai conseguir se isso se repetir.

Archer ergue as duas mãos para a cabeça e desliza os dedos no cabelo bagunçado. Ele acha que tem moral para chamar a minha atenção? Até outro dia ele estava fodendo a minha secretária neste gabinete.

— Mas e...

— O seu trabalho é garantir que nada aconteça — afirmo e, dessa vez, não estou olhando para o seu rosto. Com o meu pensamento perdido mais uma vez em Aria Corbin, não tenho muito o que fazer para contribuir com essa conversa. — Cuide disso e obedeça a ordem que dei na semana passada de sumir da minha frente.

— Parece que você só piora com o passar dos anos — murmura ele. — Isso pode terminar muito ruim para o seu nome...

Suspiro, cansado demais para escutá-lo.

— Faça com que não aconteça. Existem contratos, termos... faça o seu trabalho. Ou já esqueceu como o faz desde que fodeu a minha secretária no ambiente de trabalho?

Quando desvio o meu olhar para ele, noto que está surpreso.

O que ele esperava? Que eu já tivesse esquecido disso?

— Estou ansioso para o dia que não vai mais lembrar desse ocorrido.

— Não vai acontecer — afirmo, contundente. — E é bom que faça bem o seu trabalho ou o seu emprego pode sofrer as consequências das suas atitudes. — Aponto para a porta, desejando a solidão para conseguir pensar melhor. — Feche a porta quando sair.

Acho que ainda escuto um suspiro seu, mas ele não insiste mais.

E deveria não o fazer, afinal, sabe melhor do que ninguém que eu odeio gente insistente perto de mim.

Assim que bate a porta, posso finalmente respirar fundo.

Nunca pensei que a líder da equipe de desenvolvimento fosse aparecer na minha frente para uma reunião sozinha, com um roupão e que, por baixo dele, não houvesse mais nada.

Quando imaginaria que alguém teria tamanha pachorra em tirar a própria roupa com o intuito de seduzir o prefeito da cidade?

Sou o seu chefe.

Realmente passou pela sua cabeça que eu iria me render ao seu corpo despido? Pelo amor de Deus! Ou que, ao subir no meu colo e se esfregar em mim, eu ficaria excitado ao ponto de fodê-la ali, sem ligar para tudo que implicaria os nossos cargos?

Eu não me renderia a uma desconhecida sem roupa na minha frente do nada.

Não sou um fraco descontrolado como Archer.

Mas...

Há um sorriso no meu rosto quando me lembro de Aria parada na frente da porta, em choque, parecendo perturbada com a imagem daquela mulher sobre mim. E isso, por Deus, me deixou louco de um jeito que eu nunca fiquei por nada.

Ela me encarava como se tentasse entender o que estava acontecendo ali, mas havia algo maior.

Os seus olhos brilhavam em uma mistura de choque, curiosidade e excitação.

E era linda a forma como buscava pela resposta.

O fato de que ela não parecia nem um pouco ambientada com o que estava acontecendo me deixou insano. Quando o meu olhar cruzou com o seu, de repente senti um mundo de sensações crescer de dentro para fora.

Brasas quentes dominaram cada pedaço da minha pele e se arrastaram pelo meu corpo como se eu estivesse perdendo todo o controle sobre ele. Como se isso não fosse o bastante, o meu pau começou a pulsar na minha calça.

Havia uma mulher muito linda completamente nua no meu colo e nem com esse incentivo me excitei.

Mas bastou que ela, curiosa, surgisse na minha frente, para tudo mudar.

Tudo por causa de um olhar.

— Preciso recuperar o meu controle — sussurro e fecho os olhos. — Não posso me render a esse pensamento.

Alguém bate na porta e eu, logo, abro os meus olhos.

— Entre — afirmo, então vejo a porta ser aberta logo em seguida.

Sob saltos finos, um vestido muito justo e um sorriso que não deveria estar no seu rosto, a líder da equipe de planejamento e responsável pela confusão do dia anterior, entra na minha sala.

— Bom dia, senhor prefeito — saúda ela, como se nada tivesse acontecido. — Como passou a noite?

Anda devagar até que para na frente da minha mesa.

— Tenho certeza que muito melhor que você.

Ela sorri, quase como se acreditasse que estou flirtando com ela.

Não é possível que, depois que a expulsei do meu escritório, ela não tenha se sentido nem um pouco propensa a desistir do seu plano indecente.

— Sonhei com você essa noite. — O seu olhar recai sobre o meu e ela morde o lábio inferior. — E foi...

Respiro fundo, incrédulo.

Às vezes, esqueço o quanto algumas mulheres acreditam que são as mais irresistíveis da face da Terra.

Monny é uma boa profissional, afinal, se não fosse, não estaria trabalhando comigo. Provou ser ótima na gestão do meu pai e se manteve com êxito até então.

— Não quero saber sobre isso, senhorita — respondo e suspiro, tentando ao máximo me controlar para não ser grosseiro. — É melhor sair daqui e desistir desse tipo de comportamento, ou não poderei tolerar a sua presença na minha equipe. Trate comigo apenas assuntos relacionados ao trabalho, nada mais.

Será que os meus empregados enlouqueceram?

— Senhor prefeito, eu...

Sequer deixo que ela termine e fico em pé.

— Na próxima vez que entrar nessa sala para fins não profissionais, ou tentar qualquer aproximação íntima comigo, será demitida por justa causa — afirmo, sem espaço para questionamentos. — Torça para que, diante dessa possibilidade, eu esteja bonzinho e não exponha esse seu comportamento inapropriado.

Pego o meu paletó, a pasta com os documentos que preciso revisar ainda hoje e me encaminho para fora do gabinete.

Há alguns motivos pelo qual prefiro sair daqui antes que a noite chegue.

O principal é que a minha casa tomou um novo significado depois de ontem.

Antes, eu faria qualquer coisa para não estar nela, assim não encararia o fato de que, uma vez que perdi o meu pai e a minha mãe, estou sozinho naquele lugar enorme.

Agora, sinto uma ansiedade crescente pulsar no meu peito para voltar para casa evê-la. É loucura, eu sei. Na posição geral que ocupo, essa deveria ser a última coisa que eu poderia fazer, mas não consigo me controlar.

Estou fora de mim.

— Malcolm? — Suspiro ao escutar Archer atrás de mim. Ele deveria estar na mesa da secretaria para barrar esse tipo de invasão. — Ainda tem uma reunião que...

Preciso respirar fundo para não fazer valer as ameaças que fiz há pouco.

— Vou comparecer de casa, já que o meu assessor é incapaz de fazer o seu trabalho direito — afirmo sem parar de andar. Escuto o barulho de passos apressados atrás de mim e eu tenho certeza que são dele. — É bom encontrar uma secretária o mais rápido possível ou posso acabar demitindo todo mundo que entrar na minha sala sem o meu consentimento.

— Oh, céus! — A sua surpresa não me comove nem um pouco, quando paro na porta de saída. — Saí por um segundo e...

Parado e sentindo que posso perder a razão a qualquer segundo, encaro-o.

A revolta que me domina já tomou proporções suficientes para só me fazer sair daqui a passos rápidos.

No estacionamento, ao lado do carro, Finlay o limpa com uma flanela.

— Vamos para casa — afirmo e ele logo recolhe o seu pedaço de pano para me obedecer.

O trajeto até a minha casa não é longo.

Levando em consideração que não é horário de pico e que os caminhos estão livres, em vinte minutos estamos chegando.

Ansioso, ajusto o meu terno e saio do carro.

— Aconteceu algo na prefeitura? — questiona Finlay, mas eu só suspiro.

— Sempre acontece. Esse é o problema.

Ele me encara ainda por um tempo.

— Tem a ver com a mulher de ontem à noite?

Ele deve tê-la visto quando a mandei sair dessa casa sem uma peça de roupa para se cobrir.

Não consigo entender.

Mesmo assim, ela ainda teve a audácia de aparecer na minha sala com uma conversa torta e sem sentido.

Se você é expulsa de um lugar, obviamente é porque não é desejada nele, então por que diabos insiste?

— Também — responde, porque é sempre ótimo conversar sobre as merdas da minha vida com alguém. Levando em consideração que não há muitas pessoas em que eu possa confiar, me resta ele ou Bianca, mas ela já não está aqui, e esse assunto é um pouco delicado para tratar com uma mulher de cinquenta anos.

— O que está acontecendo com as pessoas hoje em dia? Ninguém tem orgulho ou quer se esforçar o bastante para fazer um bom trabalho...

Ele abre um sorriso como se soubesse do que estou falando.

— Você fala do mesmo jeito que o seu pai. Há alguns anos, diante de uma situação como essa na prefeitura, ele me disse a mesma coisa, com essas mesmas palavras.

Em choque, coloco as duas mãos na cintura e o encaro.

— Como assim? — questiono e ele desvia o olhar para o outro lado.

— Deveria ter mais cuidado no trabalho. Nunca se sabe o que alguém está pensando em fazer com você.

Ele quis dizer algo.

Sinto em cada pedaço das minhas entradas que há algo escondido nessas palavras.

— O que isso quer dizer?

Finlay desvia o olhar do meu e se afasta.

— Não sei se eu deveria dizer ou deixá-lo descobrir sozinho — diz ele, misterioso demais para o meu gosto.

— Odeio suspense. Fale logo.

Ele solta uma risada em resposta, então rodeia o carro.

Abre a porta do passageiro, inclina-se dentro dela e pega uma flanela.

— Você é um prefeito, figura de poder e destaque. Sempre terá pessoas interesseiras querendo pegar um pouco de você. — Suspira, então. — Aconteceu com o seu pai a mesma coisa. E ele demitiu a mulher sem pensar duas vezes.

Suspiro, encarando-o.

Certo estava o meu pai.

E eu deveria ter feito o mesmo, mas resolvi dar uma chance.

Espero não me arrepender.

10.

ARIA CORBIN

Nunca senti tanto medo na minha vida como agora.

E se esse sentimento fosse destinado a uma outra pessoa, não estaria tão desesperada.

Sei que não sou desse jeito e que nunca faria nada que pudesse prejudicar o emprego da minha tia e, em consequência, as nossas vidas.

O problema é que nos últimos dias, perdi o completo controle do meu corpo.

E da minha mente.

Parece que algo foi destravado no instante em que o vi com a boca no seio daquela desconhecida. Agora, essa cena não para de se reproduzir na minha cabeça. Sonhei com ele, nessa posição, mas, no lugar dela, sou eu quem estava no seu colo, sendo... possuída pelos seus lábios ávidos por domínio.

Por Deus, desde quando sinto algo assim?

Desde quando esse tipo de contato íntimo faz algum tipo de sentido na minha cabeça? Eu, que sou acostumada a trabalhar como se a minha vida dependesse disso — e depende — não tenho tempo para mais nada.

O que esse homem tem que é capaz de mexer tanto com a cabeça de uma pessoa?

Acordei com as pernas bambas e a minha intimidade pegando fogo de um jeito que nunca aconteceu.

De repente, comecei a me desconhecer.

E já não sei o que fazer para consertar isso.

Deveria me consultar com algum médico? Mas e se o tratamento for caro? E se eu estiver realmente doente e precisar me afastar do trabalho? Não posso correr esse risco, com o meu supervisor no meu pé esperando apenas uma mera oportunidade para ferrar alguém da nossa equipe..

Tratamento? Depois!

— Desculpa a hora, senhor Finlay — desculpo-me assim que coloco o pé no interior da casa.

Escolhi vir mais tarde, com a esperança de que o homem que agora habita os meus pensamentos não apareça no meu caminho enquanto realizo o meu trabalho.

Realmente espero que ele esteja dormindo.

Levo em consideração, claro, que um prefeito deve dormir antes das doze horas da noite para acordar cedo no outro dia e ir trabalhar.

Não deve ser possível que um homem ocupado como ele durma tarde.

Não passei horas sentada à espera do ônibus, com fome e frio, para chegar aqui e encontrá-lo ainda acordado.

Entendo o senhor Finlay, afinal, liguei mais cedo avisando que me atrasaria, mas o prefeito? Não.

Nunca esperei tanto que as minhas orações fossem atendidas.

— Entre, querida. Está tudo bem — afirma ele com um sorriso. Ele fecha e tranca as grades do casarão. — Quando terminar, passe a noite no quarto destinado à sua tia. Não vá sair à noite e sozinha para ir para casa. Posso avisá-la, se quiser.

Suspiro, agradecida pela sua preocupação.

Mas não me vejo passando a noite neste lugar, principalmente porque não consigo parar de pensar no dono da casa e isso pode ser uma catástrofe.

— Ok, senhor — respondo ao invés disso, então corro para o corredor dos fundos.

Tão logo abro a porta da cozinha, me deparo com a visão da última pessoa que eu queria encontrar aqui.

Encostado na pia, com uma xícara próxima aos seus lábios e o peito nu, o homem que vem sombreando os meus pensamentos está ali, dando vida ao medo que tentei escapar por tantas vezes nesse dia.

— Não é muito tarde para trabalhar, senhorita? — questiona ele e, mesmo que eu queira fugir, não há escapatória.

Ao menos, não agora.

Hesitante, sentindo as minhas mãos trêmulas e o suor começando a brotar na minha pele, entro na cozinha de uma vez.

Mantenho o meu olhar em qualquer lugar, menos nele.

Tenho medo do que eu ainda possa perceber.

— D-desculpa, senhor... e-eu estava no trabalho e...

Ele suspira e é o bastante para interromper qualquer outra palavra que saia da minha boca.

— Você trabalha demais — afirma. Quando desvio o meu olhar para encará-lo, encontro o seu olhar avaliando o meu rosto. — Deveria descansar mais. — Suspira, virando o torso. Deixa a xícara sobre a pia e cruza os braços na frente do peito. Engulo em seco, nervosa. *Por que ele se importaria?* — Ou pode envelhecer antes do tempo.

Poderia até me sentir ofendida, mas o calor que me domina é tão grande que não deixa espaço para isso.

Ele exibe um sorriso.

E eu juro que não imaginava que algo tão simples pudesse mexer tanto comigo, mas ele parecia ter algum dom, não sei explicar.

É algo que emana dele, o prefeito de Newark, o homem que tem o rosto estampado na maioria dos *outdoors* da cidade.

O mais poderoso e influente.

— Oh, eu... — *Não sei o que dizer.* — Hum... — *Pensa, Aria!*
— Sim, senhor.

O quê?!

Como assim “*sim, senhor*”?

— Você vai me obedecer? — questiona e, agora, sustentando esse sorriso que está me deixando ainda mais desconcertada que antes, arqueia uma sobrancelha. — É uma boa surpresa, Aria.

Ele está brincando comigo?

Ou quer me deixar mais louca do que já estou?

— E-eu...

Desvio o olhar do seu rosto, incapaz de produzir uma só palavra coerente.

Parece que deu pane geral no meu sistema!

Que tipo de homem é capaz de fazer um estrago tão grande em alguém com apenas algumas palavras?

E, maldição, não o conheço o suficiente para sentir essa ebulição de sentimentos que ele continua fazendo crescer dentro de mim.

Ele é só um prefeito, um homem lindo que... me deixa fora de mim!

E que eu deveria manter distância se quiser sair disso com a minha mente sã.

— Eu te deixo sem jeito, Aria?

Em choque, sentindo o calor subir pelo meu corpo e se concentrar na minha pele, engulo em seco.

O que vou responder? Minto? Falo a verdade? Finjo que não sei mais falar?

Sacudo a cabeça, alucinada.

Como eu diria a verdade? Olharia para o seu rosto bonito e diria, como uma tapada, perdida dentro da própria mente, que sim?

— Não, senhor... — Ele abre um sorriso de lado, ainda me avaliando, como se não acreditasse em nada do que sai da minha boca. — Sou um pouco... — *Idiota!* — Tímida.

E então me distraio com algo que, *mais uma vez*, não deveria.

O prefeito ergue a mão para a barba e a coça, como se precisasse disso para refletir sobre a minha resposta. Acontece que esse movimento me fez observar o seu braço flexionado e, em consequência, os seus músculos..

Como qualquer cidadão dessa cidade, estou acostumada avê-lo nos *outdoors* ou em entrevistas nos jornais da programação televisiva.

Nas telas, é lindo, mas pessoalmente? É de uma beleza que me impacta de um jeito diferente.

Ver esse homem com menos roupa só faz com que meu cérebro pareça mais uma gelatina sem serventia.

Não consigo pensar direito se ele está na minha frente, porque o meu corpo reage antes que eu possa fazer algo a respeito.

— Tímida? — Afasta a mão do rosto e mantém o olhar sério no meu rosto. — Você parecia muito curiosa ontem.

Assustada pela menção disso, recuo um passo e arregalo os olhos.

Deus, eu deveria ter dado alguma desculpa!

— D-desculpa, senhor. Eu não deveria...

Dá um passo para a frente, chegando cada vez mais perto e levando minha sanidade para longe.

— Eu já disse que você pode me chamar de Malcolm. Nada de senhor aqui. — Encosta a cintura na pia e cruza os braços na frente do peito. — E, ainda sobre ontem, sinto que preciso pedir desculpas...

— Como? — O meu rosto esquenta tanto que mal consigo lidar. — Não! Eu é quem tenho que pedir. — Desvio o olhar dele e tento encarar a mesa mais afastada com copos secos sobre ela. — Cheguei em uma hora inoportuna e... — Pigarreio, tentando encontrar palavras. — Acabei vendo o que não devia.

Ele suspira.

Não sei o que passa na sua cabeça, mas por algum motivo desconhecido, o sorriso de lado não saiu do seu rosto.

— Parecia gostar do que via.

Ok, é impossível manter o meu olhar no seu agora.

Na verdade, também não sei se consigo ficar mais tempo aqui.

Preciso fugir!

— É... — Ergo o meu braço e encaro o meu pulso sem relógio, como se pudesse enganá-lo. — Talvez seja melhor eu ir embora e voltar amanhã. — Baixo o meu braço e, mais nervosa que o normal, recuo mais um passo. — Posso ver se volto mais cedo.... Até mais, senhor Malcolm.

E é no segundo que iria me virar que acabo pisando em falso. Por muito pouco, não vou ao chão. Felizmente, a fechadura da porta aberta me salva e posso me segurar para não cair.

Mas isso não me livra do constrangimento de ser desastrada na sua frente.

Parece que não faço nada direito na frente desse homem.

— Aria, cuidado — diz ele com a voz muito próxima.

Viro o rosto para o lado e ele está com o corpo sem roupa quase colado no meu. O susto me leva a recuar novamente, mas ele usa da sua mão no meu braço para que eu não vá mais para trás.

Puxa-me em direção ao seu corpo o suficiente para que eu fique muito colada nele.

O silêncio nos cerca, quando ele desce o olhar para o meu.

O calor nos domina e eu sinto que posso ficar maluca se os seus lábios ficarem um centímetro mais próximos dos meus.

A minha boca seca com um desejo abrupto de sentí-lo.

— Acho que é hora de... — Aproxima os lábios dos meus ao ponto de ficarmos muito próximos. Um movimento inadequado me deixaria em uma situação que não sei se poderia lidar. — Ir.

— É isso mesmo que você quer?

Ele precisava perguntar?

— É o certo, senhor.

Em um segundo, ele faz o que digo e fica a alguns passos de distância.

Não consigo deixar de notar, inclusive, que o seu rosto está tão vermelho quanto o meu.

— Já disse que você pode me chamar de Malcolm — repete ele, depois de soltar uma boa respiração entre os lábios.

Sem saber o que dizer, recuo mais alguns passos no meio do corredor externo. O certo seria fugir, afinal, ele é alguém muito fora da minha realidade.

Respiro fundo.

— Boa noite, senhor...

É tudo o que digo, antes de me virar e sair a passos muito rápidos para a frente da casa.

— Aria? Já vai? — O senhor Finlay me faz parar no meio do caminho. Encaro-o com um sorriso de lado, esperando que não note o quanto estou... estranha. — Pode ficar se....

Sacudo a cabeça.

— Tenho que ir... volto pela manhã. Até!

Não espero que ele diga nada.

Só preciso sair daqui o mais rápido ou sinto que vou explodir.

Meu Deus, o que está acontecendo comigo?!

11.

ARIA CORBIN

— Você pode me cobrir? — questiono a Wade, pelo telefone.

Às vezes, perco a cabeça muito fácil.

Não pensei antes de garantir que voltaria no dia seguinte pela manhã e esqueci, como uma idiota, que tenho um trabalho com um supervisor que só falta arrancar a minha cabeça fora caso eu atraso, falte ou, sei lá, exista de um jeito diferente que não é o que ele deseja.

— Seria possível se ele não viesse hoje — diz ele em resposta e eu sei que está certo.

Aquele desgraçado nunca deixaria passar.

— O que eu faço? — Coço a cabeça, me sentindo à beira de um colapso nervoso. — Preciso ir pela manhã no meu outro emprego e limpar tudo antes que... — Respiro fundo, encostada na parada de ônibus. — Você pode dizer que eu cheguei e estou presa no banheiro? Com, sei lá, algum tipo de problema intestinal?

Escuto a sua risada do outro lado da linha.

— É capaz que ele vá atrás de você no banheiro... — Então, ele suspira. — E os seus equipamentos não estão aqui.

Sim, é verdade.

Quando ele olhasse para a mesa e visse que não há nada sobre ela, iria atrás de mim no banheiro sem pensar duas vezes, o que deixaria o meu colega em uma situação delicada.

— Tudo bem, eu resolvo isso. Obrigada, Wade.

Encerro a ligação antes que ele me responda e sequer tenho tempo para pensar, já que o ônibus aponta na outra esquina.

Preciso me erguer e esperar que ele pare, então subo.

Em um assento vazio dos fundos, sento e tento não pensar demais, como aconteceu o resto da noite inteira.

Sem dormir, apenas encarando o teto e sentindo o meu corpo em brasas, perdi a noção do tempo, enquanto aquela cena se repetia várias vezes no meu pensamento. Céus! É como se eu estivesse obcecada por aquele homem e pela sua postura comigo.

Pelo amor de Deus, quem eu sou?

Uma lascada que passa mais tempo trabalhando para sustentar a casa do que qualquer outra coisa e, não, alguém que será digna da atenção do prefeito da cidade.

Ele é o prefeito.

O prefeito.

Como posso esquecer disso e só... ficar como uma idiota na sua frente?

Não é como se eu tivesse esquecido o tipo de mulher que estava sobre o seu colo há dois dias e que eu... Sacudo a cabeça, precisando me livrar disso.

Não posso pensar!

Mas até desviando o olhar, tenho os seus olhos cerrados atraentes e o sorriso estampado entre tantos cartazes da cidade.

Malcolm Walker tem uma beleza única.

E esteve com os lábios próximos dos meus.

Logo dos meus.

— Só posso estar pensando demais e ficando louca no processo. Como se eu não tivesse muita coisa para dar conta, esse homem ainda vem me fazer pirar — sussurro para mim mesma e, atenta, fico em pé, quando o ônibus se aproxima da parada.

Assim que ele para e eu desço, começo a minha oração interna para que ele já tenha saído para a prefeitura.

Preciso de qualquer coisa, menosvê-lo hoje.

Além disso, depois que eu fizer a limpeza da casa, colocar as roupas dele para lavar, então tirar da secadora, estender e limpar a piscina, já vai ser quase onze horas.

Estou atrasada o bastante para ter dinheiro descontado do meu salário, coisa que não posso nem sonhar em ter.

— Foco, Aria! — murmuro ao parar na frente do casarão.

Empertigo o meu olhar de um lado para o outro e só encontro seguranças na parte interna. A única vez que os vi foi quando vim pela primeira vez. Um deles ligou para a minha tia para confirmar se eu era mesmo a sua substituta e, então, permitiram a minha entrada.

Suspiro, mordendo o meu lábio inferior.

— Bom dia — cumprimento-os, atraindo a atenção de um deles.

Mais velho, forte, ele me encara com um sorriso.

— Sobrinha da Bianca?

Aceno em concordância e ele abre as grades.

— Entre, jovem — diz ele com um sorriso. — O patrão já saiu. Você pode ficar à vontade.

Juro, nada poderia me deixar mais aliviada.

Agradeço pela gentileza e caminho a passos rápidos para os fundos da casa.

Entro pela porta da cozinha e deixo a minha mochila no quarto da minha tia, então começo a cumprir os meus afazeres.

Estava tudo certo, sem atribulações, até perceber que o escritório dele estava aberto e que havia alguns papéis jogados no chão, precisando, é claro, de uma limpeza.

Entro ali para cumprir a minha função, mas não esperava que uma onda de calor abrupta dominasse cada centímetro dos meus sentidos ao relembrar daquele dia.

A cadeira posicionada no mesmo lugar em que ele estava naquela noite, com uma mulher nua, gritando e gemendo sobre o seu colo, tudo isso me causa arrepios.

E ele ainda...

Sacudo a cabeça mais uma vez e tento focar no que precisa ser feito.

Apresso-me em catar os papéis no chão e os junto na cesta de lixo. Logo, passo o aspirador de pó, então um pano molhado.

— Ok, agora é sair daqui — sussurro para mim mesma e me viro.

É quando, por todo o inferno do mundo, me sinto paralisada.

— O que faz no meu escritório? — questiona de repente, a voz rouca, grossa e pesada provocando arrepios involuntários na minha pele. — Pensei que você trabalhava pela manhã.

Ele entra no espaço e eu não consigo deixar de, muito chocada, apenas observá-lo cruzar todo o espaço até que está muito perto de mim.

De novo.

Muitas coisas passam pela minha cabeça.

E eu acho, com certeza, que estou ficando maluca.

— Eu... — Não consigo falar, mais uma vez.

A presença dele não me permite.

Me torno um tipo de muda na presença desse homem.

Estou acostumada a ter um tipo de situação constante e a ser dominada pelo trabalho, mas esse tipo, agora, é a primeira vez.

— Já entendi que você não gosta de conversar — responde e, logo, passa pelo meu corpo. O nervosismo é tamanho que não sei se consigo sair de onde estou. — Só vim pegar alguns papéis que esqueci.

Meu Deus, por que ele está me explicando isso?

— Entendo... — Puxo o ar até que ele me possibilite me recuperar. — Vou voltar ao trabalho.

Ele não me responde e eu juro que esperava por isso, quando apressei os meus passos para a cozinha. Uma vez na pia sem louças sujas, apoio-me nela.

— O que está acontecendo comigo, inferno? — questiono a mim mesma, antes de ligar a torneira e aparar um pouco de água na minha mão para que, em seguida, eu a jogue no meu pescoço. — Que calor é esse?

Solto o resto de ar que está na minha boca e espero que ele se vá, mas acho que a sorte já não mora no mesmo espaço que eu há muito tempo.

Escuto o barulho de passos se aproximando e o meu corpo já começa a dar sinais que vai colapsar mais uma vez.

— Aria, dê uma passada no meu quarto também e troque as cortinas — diz ele de algum lugar atrás de mim.

— Sim, senhor.

Fecho os olhos, percebendo que, talvez, eu tenha pecado em chamá-lo assim.

O seu suspiro é pesado.

— É Malcolm, Aria.

Seus passos voltam a se afastar e eu engulo em seco, chocada.

Coloco a mão no meu peito e sinto o meu coração bater acelerado, quando a porta de entrada bate.

— Concentre-se — sussurro para mim mesma.

Depois de respirar fundo pela milésima vez hoje, viro-me para seguir o caminho das escadas acima, em direção aonde imagino ser o seu quarto.

A minha tia foi clara em dizer que havia duas portas que eu não deveria abrir: a do escritório dele e a do quarto. Infelizmente, a do escritório já fui até pega do lado de dentro e não pareceu ser um problema.

Então, a do seu quarto ele só me enviou diretamente para ela.

Cortina, Aria.

Foque nela!

No corredor há três portas, mas apenas uma delas está aberta. Acredito que seja a dele e é por isso que caminho a passos lentos até ela.

A minha boca seca quando coloco um pé dentro e o cheiro intenso de homem viril sacode todos os meus sentidos.

É algo estranho e... diferente.

Sabe, estou em contato com homens o tempo todo. Na minha sala, sou a única mulher no meio a vários caras. O cheiro pesado

me preenche o tempo inteiro, principalmente em dias em que passamos tanto tempo ali.

Só que o de Malcolm é muito diferente.

É um aroma embriagante que me deixa quente dos pés à cabeça e me domina.

Então, arriscando cada vez mais o perigo da minha vida, entro no seu ambiente e me deparo com o quarto mais arrumado, limpo e, com certeza, bem decorado que já vi na vida.

É escuro, revestido de tons terrosos e uma sensação rústica que me deixa trêmula em pensar que isso combina tão bem com a sua personalidade.

— A cortina — sussurro, dessa vez quase sem fôlego.

Foco no pano pendurado na frente da janela. Embora não saiba o que fazer, sinto que preciso me apressar para resolver isso e voltar logo para a empresa.

Malcolm é uma distração que eu não posso nem pensar em ter.

E esse fato é incontestável.

Estava no processo de trocá-la, quando o meu celular começou a tocar. Engulo em seco e encaro a tela do aparelho.

“Você precisa vir agora!”

É uma mensagem do Wade e isso não poderia me deixar mais alerta.

“Aconteceu algo?” Envio.

Sentindo o meu coração bater como um louco no peito, assusto-me ao ler a mensagem final.

“Ele disse que vai fazer de tudo para demiti-la se não chegar em dez minutos!”

Arregalo os olhos, em choque.

O quê?!

Largo tudo o que estava nas minhas mãos e sem pensar direito, só corro para fora desse quarto e, logo, escadas abaixo.

Ele está se aproximando da porta, quando chego no térreo.

— Senhor, eu... — Engulo em seco, sentindo o meu coração bater como louco no peito. — Posso vir mais tarde? É que eu tive uma urgência no outro trabalho que...

Ele suspira.

Com uma mão na cintura e o cenho franzido, já consigo entender que ele não gosta do que estou dizendo.

O sentimento desesperador está quase me arrancando lágrimas.

— Estranhei que você veio mais cedo — comenta ele como se não fosse nada. — Mas aconteceu algo?

Aceno em concordância, sentindo o meu peito pesado.

— Preciso ir, mas juro que volto mais tarde para terminar o que comecei.

Ele acena, entendendo o meu lado.

Coloca as duas mãos nos bolsos da calça, encarando-me.

— A minha agenda está cheia hoje e eu não vou voltar pelo resto do dia. Muito provavelmente ficarei fora à noite também. Não precisa se preocupar tanto.

Aceno em concordância e o meu celular volta a vibrar na minha mão.

Desbloqueio e a mensagem do Wade me faz tremer.

“Ele está transformado no próprio demônio. Venha logo!”

— Pode ir, Aria.

E eu, infelizmente, não estou em posição de dizer qualquer outra coisa além de:

— Obrigada!

Então, corro.

Ou vou acabar perdendo o meu emprego.

12.

MALCOLM WALKER

— Malcolm, somos tão sortudos por você ser o nosso prefeito!
— grita alguém no meio da multidão e eu aceno.

— Sim!

— Prefeito Malcolm!

— Viva ao Prefeito!

Ocupo-me em apertar as mãos de cada um deles com atenção para não perder nenhum da minha visão.

Além de confiarem na minha gestão, a população da cidade sempre foi muito pacífica em relação a qualquer problema que apareceu de repente na prefeitura.

Não tenho dúvidas de que os anos que o meu pai dedicou a essa cidade não foram jogados fora.

A cidade inteira reconhece muito bem todo o seu esforço.

— Obrigado a todos. Essa ferrovia vai proporcionar um maior fluxo da população que precisa se deslocar da zona norte à zona sul. — Uma salva de palmas me faz abrir um sorriso. — O trem está disponível para que o conheçam.

Aponto para a passagem e, diante dos repórteres que não param de me fotografar, caminho em direção a linha vermelha de entrada.

É um projeto idealizado pelo meu pai.

E, embora ele tenha vivido o bastante para começar as obras, morreu antes que ela fosse concluída, neste ano.

Tenho certeza de que ele ficaria muito feliz em ver o seu maior projeto finalizado e que o melhor para a cidade está sendo proporcionado.

Sorrio, representando-o, embora o peso no meu peito seja grande ao lembrar dele. Queria que ele estivesse aqui. Que, ao meu lado, pudesse sorrir e acenar para a população que ele tanto lutou para manter em paz, longe de qualquer percalço para seguir suas rotinas.

Ao fim da cerimônia, ainda fomos para um nova reunião do outro lado da cidade, onde a construção de uma nova ciclovia na avenida principal e mais movimentada da cidade estava em andamento.

A inauguração seria daqui há dois meses.

Observo ao redor, as faixas em processo de pintura, quando percebo que o governador se aproxima.

Solto uma respiração contida e o observo com um sorriso de lado, assim que para ao meu lado.

— Você fez bem, Malcolm — comenta o governador. Tem uma mão no meu ombro quando o aperta, observando-me com um olhar de orgulho diferente. — Quer seguir com a carreira de político?

Essa é uma pergunta que mexe comigo sempre que é feita.

Sei que não poderei me dedicar à prefeitura até os meus últimos dias de vida, como fez o meu pai, mas também quero garantir que todos os seus esforços não tenham sido em vão.

Não sei se o próximo candidato que irá me suceder dará continuidade ao trabalho que já vem sendo feito.

Ou se mexerá em tudo e acabará com a cidade que levou anos para se tornar uma das melhores do estado de Nova Jersey.

— Preciso pensar ainda. Não tenho certeza.

O governador solta uma risada baixa e sacode a cabeça.

— Que tipo de bobagem é essa? — A mão que segurava o meu ombro, de repente, está na própria cintura. — Todo mundo sabe que você nasceu para a política. É claro que não vai acabar a sua carreira neste cargo. — Vira o rosto para o meu e exibe um sorriso de lado, daqueles que comunicam bem mais a sua intenção do que as próprias palavras. — Tenho certeza que se for candidato a governador nas próximas eleições, você será eleito.

Cerro os olhos, desconfiado.

O que o faria me oferecer o seu cargo?

— E você?

Ele dá de ombros, então.

— Vou ser o próximo senador. Já está tudo certo. — Com uma última encarada no meu rosto, ele desvia o olhar para longe de mim.

— Resta saber se quer entrar nisso conosco.

Conosco.

Sinto o cansaço me arrebatar quando paro um segundo para entender o que isso quer dizer.

Ele e o seu grupo acham que podem vencer as eleições apenas porque se juntaram? Bem, ele precisava de um tempo maior para saber o que é uma campanha eleitoral, mas não seria da minha boca que sairia nenhuma conversa sobre isso.

— Com licença — peço, com um sorriso de lado e me afasto.

Odeio esse tipo de conversa.

E não perderia o meu tempo assim.

A tarde mal começou e eu ainda tenho muito o que fazer.

Encaminho-me ao meu carro, entro nele e Finlay dirige de volta para a prefeitura, onde mais três reuniões me esperam.

Enfim, a agenda de um prefeito sendo cumprida como se deve.

O problema é que tão logo sento no banco do carro e deixo a minha atenção ser perdida pelas avenidas da cidade, um rosto bonito, único e muito angelical preenche o meu pensamento.

O tom vermelho combina bem com ela e a expressão de assombro, sempre que é tomada de surpresa, também.

É tímida e eu não sabia que gostava tanto.

Antes, nos meus anos de caça, apreciei sem fim as mulheres mais experientes e cheias de si.

Me deparar com a certeza de que, hoje, estou me sentindo atraído por uma mulher que mal pode me ver sem camisa e já fica toda vermelha, é algo inédito e que me surpreende.

Mas a verdade é que não é sobre isso.

Admiro que ela seja tão esforçada e que se dedique tanto em um trabalho que parece exigir muito dela, assim como gosto muito da forma como ela é atenciosa o bastante para cuidar de Bianca e de dois trabalhos ao mesmo tempo.

Não deve ser fácil.

E esse é um fato, juntamente com sua personalidade tímida, que atrai a minha atenção de um jeito que eu não esperava.

— Chegamos, Malcolm — diz Finlay e eu percebo, então, que estamos na frente da prefeitura.

Solto um longo suspiro e saio do carro.

É hora de trabalhar.

É mais de duas horas da madrugada quando volto para casa.

Não espero encontrá-la ou nada de novo, mas acabo me surpreendendo.

Assim que abro a porta, encontro móveis fora do lugar e o barulho alto do aspirador de pó ligado. A essa hora? Até confiro no meu relógio se a hora está correta, porque é quase impossível acreditar que isso esteja acontecendo.

Entro em casa e a cada passo consigovê-la melhor.

Distraída, passa mais de uma vez o aspirador no lugar em que o sofá ficava.

Cruzo os braços, então.

Usa a farda do trabalho que tanto demanda dela, enquanto conduz a limpeza do espaço.

E já que estou aqui, observando-a, é impossível não notar o quanto lindo é o corpo que embebe o meu pensamento de tantas formas distintas. As coxas grossas cobertas por uma calça jeans, o torso esbelto e o rosto bonito parecem normais.

Não posso dizer o mesmo da confusão de fios na sua cabeça.

— Oh! — grita ao me ver parado, de braços cruzados, encarando-a.

Desliga o aspirador e, de olhos arregalados, me observa.

— Nunca pensei que estaria aqui, às duas horas da madrugada, fazendo faxina — digo e é quando percebo, também, que os seus olhos estão avermelhados, assim como a ponta do seu nariz. *Ela estava chorando?* — Aconteceu algo?

Ela suspira, então.

— Não, senhor. Só estou cansada — responde, dessa vez sem gaguejar.

E já não sei se me preocupo ou se fico feliz por ela não estar tão sem jeito perto de mim.

A vontade de ajudá-la é mais forte do que eu posso lidar.

Imagino que esteja exausta pela rotina insana que está levando e não sei o porquê de eu me importar, mas, sem pensar demais sobre isso, me distancio para a cozinha, onde separo dois sachês de camomila e preparo a água fervente para misturar.

— Senhor? — chama ela, vindo da sala. — Precisa de algo? Eu posso fazer.

— Não. Eu faço.

Ao invés de me virar para tentar uma conversa, me livro desse paletó quente e tiro a gravata do meu pescoço.

Desfaço os botões do colete social também, porque já vivi o suficiente com ele me apertando.

Coloco-os sobre a cadeira, mas antes que termine, ela pega tudo e se encaminha para a lavanderia.

Suspiro, vendo-a.

Por que isso me incomoda?

Os seus olhos demonstram que andou chorando e isso parece ser muito errado para alguém que entrega tanto de si em tudo o que faz.

Não é possível que esteja passando por tanto e...

— Deixei as peças na lavanderia e...

— Sente-se — ordeno, apontando para as cadeiras da mesa.

— Desculpe, mas tenho que terminar de arrumar a sala — responde, mas solto um suspiro.

Seja qualquer funcionário, odeio trabalho inacabado.

Ou falta de compromisso.

E, sobretudo, que não atendam às minhas ordens quando as profiro, então, por que com ela não é assim?

Se escutasse isso de qualquer pessoa, já era o bastante para me irritar.

Com a sobrinha de Bianca, só sinto como se devesse... ajudá-la.

— Não é do meu feitio repetir uma ordem, senhorita. Espero que entenda e sente de uma vez.

Talvez, o meu tom de voz tenha soado grosseiro demais.

Mas não importa.

Ela me obedece e eu posso, finalmente, voltar para o fogão.

Em que lugar do mundo uma pessoa faz faxina às duas da madrugada?

— O senhor está com raiva porque não fiz o que deveria mais cedo? — Acho que escuto ela fungar e escolho não me virar. O meu coração aperta e eu acho que estou ficando maluco realmente. — Desculpe mais uma vez. O meu supervisor é muito rígido e não pude deixar de voltar correndo ou poderia acabar demitida.

A água ferve e eu escolho pegar duas xícaras do armário.

Coloco-as na minha frente e encho com a água, então insiro os sachês dentro.

Com as duas xícaras nas mãos, levo-as para a mesa.

— Espero que você não esteja se cobrando demais — digo e logo puxo a cadeira para sentar ao seu lado. — Não há nada de errado nisso. — Quando desvio o olhar para ela, vejo que limpa uma lágrima que escorre pelo seu rosto. — O que aconteceu hoje?

Parece que há algo a afligindo.

E que ela não quer contar.

— Não é nada demais, senhor.

— Malcolm — corrijo pela milésima vez. — Por que é tão difícil me chamar pelo meu nome?

Ela desvia o olhar para o meu e algo me pega aqui.

É um sentimento estranho, que eu não conhecia. Entranya-se em torno do meu coração como uma cobra assim que captura a sua presa com o seu corpo.

— O senhor é o meu chefe — responde como se fosse óbvio.

Empurro uma xícara na sua direção e solto um suspiro.

— Sou o chefe da sua tia. O seu é o que a faz chorar, suponho.

Ela engole em seco e eu tenho a minha resposta.

Vi o jeito que ele falava com ela outro dia e, na noite seguinte, quando dormiu contra a pia da cozinha.

Deve ser do tipo explorador, sem limites.

Com a formação que ela tem poderia estar em qualquer outro lugar que não fosse esse. Por que se presta a isso?

— É que... — Encara as mãos sobre a mesa e suspira, deixando uma nova lágrima escorrer pelo seu belo rosto. — É complicado.

— Pode desabafar, se quiser.

Ela ergue o rosto para me observar e, ao ver as lágrimas ali, um desejo surreal me domina.

Não consigo pará-lo.

Inclino-me para o lado e estendo o dedo para afastá-la. O rosto macio me impacta, então. E eu tenho certeza de que essa foi a

pior ideia que eu poderia ter hoje.

— Eu... — Desvia o olhar para a xícara e eu suspiro, sem conseguir me controlar. — É melhor deixar para lá... não vale a pena.

Isso não me deixa menos satisfeito.

Pelo contrário.

Lembro de Finlay dizer algo sobre o chefe dela, preciso me lembrar de questioná-lo sobre isso.

— Tome o seu chá — ordeno novamente, apontando para a xícara.

Ela me obedece prontamente e é quando a coloca na boca que, por descuido, acaba se queimando.

Deveria ter assoprado!

— Aii! — grita, soprando a ponta da língua. — Que droga! Nunca nada dá certo na minha vida.

Surpreendendo-me, começa a chorar.

Fica em pé, com a língua de fora e lágrimas escorrendo em desenfreio. *Uma bagunça encantadora.*

Apresso-me em buscar um pouco de água gelada, enquanto as lágrimas escorrem pelo seu rosto. Confuso, sem saber o que fazer, retorno logo para entregá-la o copo com água. Flagro o seu rosto molhado e suspiro.

— O que faço com você? — questiono, nervoso.

Sem saber o que fazer, encaro-a e me abaixo para assoprar seja lá o quê, imitando o seu gesto.

É idiota e desastrado, eu sei.

Mas ao menos a faz parar de chorar.

— Melhorou?

O seu olhar no meu é intenso.

Como se estivesse no meio de uma confusão estranha de sentimentos, as suas mãos seguram o meu rosto de repente e me puxam para os seus lábios.

É estranha a forma como nos tocamos.

Desajeitados, surpresos.

A questão é que estive ansioso por isso há um tempo e não seria agora, diante dela, da sua iniciativa, que eu daria qualquer passo contrário.

Aria afasta a sua boca da minha, nesse selinho confuso, e me encara de olhos arregalados.

— Oh meu Deus! — Afasta-se um pouco, mas não o suficiente para que a minha mão não possa tocá-la. Seguro-a antes que fuja e a puxo para que o seu corpo esteja perfeitamente contra o meu. — Senhor, eu...

Mordo o lábio inferior, desejando sentir o seu gosto, mas não é o suficiente.

— Já disse que o meu nome é Malcolm — afirmo, rouco, embebido de um tesão alucinante.

Ela só encostou os lábios nos meus, mas já foi o bastante para que eu sentisse a minha ereção apontar na calça.

— S-sim, eu...

Atraído como um bicho esfomeado pela comida que há muito é privado, baixo o meu rosto para o dela e tomo os seus lábios nos meus.

Dessa vez de uma forma verdadeira.

Tímida, abre a boca devagar para a minha entrada.

Seguro-a contra o meu corpo com força e, com a minha mão livre, seguro o seu pescoço exatamente onde desejo. Beijo-a, toco-a com força e exploro o que desejo, como se ela fosse minha.

Com o coração batendo acelerado, a minha excitação cresce em desenfreio.

Aria não sabe, entretanto, que não sou o tipo de homem que faz uma curta passagem. Domino onde quer que eu entre, passe ou toque.

O problema de Aria a partir de agora é que, ao beijá-la, eu a desejo como um animal feroz e completamente possessivo deseja a sua presa.

13.

MALCOLM WALKER

Excitado de um jeito que nunca estive, beijo-a com gana, como se fosse o bastante para fazê-la completamente minha.

É abrupto e surreal, eu sei.

Mas é o que o meu peito retumbando de desejo pulsa para os meus neurônios.

Não há pensamento coeso com a boca dessa mulher contra a minha.

Ou no quanto os seus lábios parecem ter sido feitos especialmente para mim.

Insano, desço as minhas mãos nas suas costas e vou passando pela sua bunda torneada, que desejo sentir desde que a vi de quatro, empinada, nessa cozinha, mexendo em alguma coisa qualquer do seu computador.

Seguro a sua carne no domínio das minhas mãos e ela geme contra os meus lábios, tão desejosa quanto eu.

Por um segundo, penso que devo me afastar, mas quando ela gême mais uma vez e, com as mãos suaves na minha nuca, retribui as investidas da minha língua na sua, sinto o resto de controle que havia em mim se esvair de uma vez.

O segundo em que rodeio uma mão em torno da sua cintura e a coloco sentada sobre a mesa, é o bastante para que os seus olhos embebidos de prazer cruzem com os meus.

— Malcolm — sussurra e tenho a satisfação de ver a sua boca avermelhada pelo nosso beijo. — Eu...

O meu coração bate forte e a necessidade de me inclinar para selar os nossos lábios novamente me domina de um jeito que só consigo fazê-lo.

É como se eu tivesse perdido o controle sobre mim.

Ela enfa os dedos no meu cabelo novamente e me puxa, necessitada.

Abro os meus olhos e afasto a minha boca da sua paravê-la.

Preciso ter certeza de que não é um delírio da minha cabeça cansada.

E é nesse momento que a vejo entorpecida, com o lábio inferior preso pelos dentes, enquanto observa os meus. Os olhos semicerrados como se estivesse perdida nesse amasso gostoso me leva a me posicionar entre as suas pernas.

Aproximo o meu corpo até que o meu peito está tocando o seu e, com o meu olhar insano no seu rosto, sinto que vou explodir dentro dessa calça.

Só devê-la, estar tão próximo desse rosto bonito, confuso e com marcas do nosso beijo, já me enche de prazer.

— Não imaginei que um beijo pudesse me deixar tão louco, Aria — sussurro sem conseguir me afastar ou me manter o mínimo distante. — Me diga que quer o mesmo que eu... que me deseja tanto quanto eu te desejo... que não estou louco e...

O seu sorriso tímido me silencia.

Como se estivesse no céu, flechado por um anjo, encaro essa mulher com um sentimento diferente de tesão pulsando no peito.

Talvez eu esteja maluco, mas quando seguro o seu rosto com uma das minhas mãos e volto a beijá-la, nada mais importa.

A sua língua brinca com a minha e ainda que eu me afaste, o seu impulso é me procurar. Empurro o seu torso para trás,

deixando-a inclinada sobre a mesa, no meu domínio, prestes a ser consumida pelo desejo insano que me enlouquece.

— *Então, eu estava pensando que...*

De repente, sou empurrado com força para longe do seu corpo.

Expulso do maior sonho que eu poderia ter vivido nos últimos anos, abro os olhos e, ainda que eu esteja confuso, me deparo com Aria observando os nossos seguranças se aproximarem pelo corredor.

Com medo de ser vista por eles, ela me afastou sem pensar duas vezes.

Que inferno eles estão fazendo aqui?

— Aria, você está bem? — questiono, rouco, ainda entorpecido pelo momento mais intenso que vivi nos últimos tempos.

De olhos arregalados e rosto vermelho, ela desce da mesa e corre para os fundos como se estivesse prestes a ser presa em flagrante por roubo.

Sem desviar o olhar para mim, ela só some e me deixa aqui, parado, com o pau duro, perdido em pensamentos diversos, enquanto observo os malditos seguranças da casa se aproximarem.

— *Não sei que horas vou conseguir vir amanhã, porque os meus filhos estão...*

Escuto a porta bater com força e preciso me concentrar para sair desse estado paralisado em que me encontro.

— Oh! — Ergo o olhar para os meus dois seguranças. Parados e parecendo muito chocados em me ver, parecem arrependidos. — Não imaginava que estava aqui, senhor.

São nessas horas que preciso manter a minha estabilidade psicológica equilibrada, mesmo que seja impossível.

Frustrado demais para pensar, deslizo as mãos no cabelo e pego a xícara dela de cima da mesa. Viro-a de uma vez e, mesmo que esteja quente, não importa que vá queimar a minha língua.

Há algo incontrolável no meio das minhas pernas querendo entrar em atividade, mesmo longe de quem o deixou assim.

— Deveríamos ir...?

Deixo a xícara de qualquer jeito sobre a mesa e até iria me distanciar daqui, mas a abertura abrupta da porta que fechou há pouco atrai minha atenção.

Viro-me o bastante paravê-la correr pálida daquele corredor com a mochila nas costas.

— Estou de saída — avisa sem sequer olhar no meu rosto. — Boa noite!

A sua pressa em sair me deixa ansioso de um jeito que não me lembro de sentir com frequência.

É tão logo a vejo passar, a longos passos, por mim e pelos seguranças, que eu sinto uma necessidade surreal de segui-la.

Não sou dono de mim aqui e, embora em qualquer outro momento eu ficaria muito chocado por estar ansioso assim, agora isso sequer chega a importar.

— Ei, está de madrugada — digo, indo atrás dela. Passo pelos seguranças que, com olhos arregalados, encaram-na. — Aria, não é bom que você saia sozinha a essa hora... pode ser perigoso.

Ela para de andar, mas não por considerar o que eu digo.

É que Finlay está com as duas mãos na cintura, observando-a.

— Dessa vez, eu é quem não vou deixá-la ir — diz ele e, ao desviar o olhar para mim, pisca um olho. — Venha.

Eu tinha as palavras certas na ponta da língua. “Não precisa, Finlay, eu a levo.” Mas antes que eu pudesse abrir a boca, ela já estava correndo para o carro parado a poucos metros de distância.

Vejo a mulher que entorpeceu cada centímetro do meu corpo entrar naquele carro e, sem olhar para trás, fechar a porta sem se despedir.

Como se eu não importasse para ela.

Como se...

— Vá descansar, Malcolm. Eu cuido dela — diz Finlay, antes de entrar no carro.

Descansar?

Quem é o homem que teria esse privilégio depois do momento insano que acabo de viver?

*

ARIA CORBIN

Em nome de tudo o que é mais sagrado, o que deu em mim para puxá-lo na minha direção e beijá-lo daquela forma?

Logo eu?

Se bem sei, não sou o tipo de mulher que faz algo assim, principalmente se é com um homem que mal conheço e que, para todos os efeitos, é meu chefe temporário.

Ok, é claro que o calor que vem me dominando no decorrer dos dias pode ter algo muito forte a ver com isso, mas ainda deveria ter me controlado...

Mordo o meu lábio inferior, o olhar preso no meu teto e as duas mãos abertas ao lado do corpo.

Não faço a menor ideia de que horas são, mas não faz muito tempo desde que o senhor Finlay veio me deixar em casa.

E aqui já não sei o que fazer da minha vida.

— Por que fui beijá-lo? Por que me deixei fazer isso?

O pior é que eu gostei tanto que não queria parar.

Por sorte, os seguranças se aproximaram e eu despertei do sonho de princesa que nunca fez parte da minha realidade.

— Mas por que ele é tão... quente? — questiono, sem controlar as palavras que saem da minha boca em atropelo.

Céus!

Ele é delicioso!

Nunca beijei um cara daquele jeito.

Senti como se ele estivesse esfomeado e que eu fosse o único alimento disponível para sanar a sua fome.

Se aqueles homens não tivessem chegado, eu teria deixado ele me devorar até que não restasse nada meu para testemunhar.

Sem me importar com nada do mundo externo, me perderia fácil demais naqueles lábios dominantes e toques territoriais, então eu...

Arregalo os olhos, voltando a sentar na cama.

— O que estou pensando? E por que me sinto tão quente de novo?

Sim, estou prestes a sair queimando por esse quarto e a minha intimidade, não menos afetada, lateja em delírio da possibilidade dele não parar nunca o que estava fazendo.

— Ah, que seja! — murmuro, sacudindo o meu cabelo.

Arrasto-me na cama até a beirada e coloco os meus pés no chão.

Mal fecho os olhos e as lembranças da sensação que subiu pelo meu corpo quando ele me tocou com tanto furor voltam a me perseguir, mas por algo que eu já não sei se é sorte ou maldição, o papagaio de Nancy começa a gritar como se o mundo estivesse prestes a cair e levá-lo no processo.

Respiro fundo, diante o zumbido infernal que ele causa nos meus ouvidos.

Juro, quem é o ser humano que consegue viver com esse maldito bicho gritando todo dia?!

Mas hoje, só *hoje*, darei um desconto.

Levanto da cama e caminho logo para fora do quarto, assim evito sair da minha casa para assassiná-lo com as minhas próprias mãos.

No banheiro, tomo o banho mais gelado da década e mesmo depois do tempo que passei para diminuir parte do fogo que me tira o foco, o papagaio segue gritando.

— É pior que castigo — murmuro, já reunindo a minha farda limpa para vesti-la.

Em uma rápida desviada de olhar para o lado, consigo ver que são quatro e vinte da manhã.

É cedo, mas, levando em consideração que estou à beira de ser demitida devido ao meu atraso da manhã de ontem, preciso me apressar.

Aquele maldito supervisor fez questão de deixar claro, diante toda a equipe, que se eu atrasar mais um dia serei demitida e eles ficarão sem salário por um mês inteiro.

Sinto o peso dessa responsabilidade nas costas e não tenho outra alternativa a não ser chegar o mais cedo que posso, adiantar os serviços, cumprir as minhas obrigações e, então, correr para a casa do homem que está me deixando maluca.

— Aria, filha? — chama a minha tia de um lugar muito próximo e isso me assusta.

Apresso-me para segui-la e a encontro em pé perto do sofá, apoiada por uma muleta.

— Oi, tia — respondo, tentando colocar um sorriso no rosto, mas ela suspira.

— Não é muito cedo para sair?

O seu cenho está franzido em dúvida e preocupação.

— Vou preparar o café antes — digo com um sorriso e indico para que se sente, mas ela recusa. — Sente para não colocar muito peso no seu pé.

Ela suspira e agora não parece um pouco determinada.

— Você chegou tarde essa noite. — Segura o meu braço perto do seu e pela sua expressão algo deve estar errado. — Converse comigo e me fale o que está acontecendo.

Surpresa e até um pouco perdida com o ritmo dos seus questionamentos, solto um suspiro.

— Estava trabalhando na casa do prefeito — digo, vendo-a murchar e diminuir o aperto no meu braço. — O senhor Finlay veio me deixar.

Sacode a cabeça, incomodada.

— Não deveria ser assim, Aria. Você vai ter um colapso a qualquer momento se continuar assim.

Sorrio, diante a sua preocupação e deslizo a minha mão no seu rosto.

— A senhora vai ficar boa logo logo e...

— Já estou bem melhor — diz ela, interrompendo-me. — A fisioterapeuta que Malcolm enviou é perfeita. Ela me garantiu que em uma semana e meia já posso voltar à minha rotina normal.

— Isso é bom, tia, mas não se esforce demais, pensando em mim. — É nítido o quanto ela está preocupada com a minha carga de trabalho. — Posso lidar com isso. Mais importante do que os nossos trabalhos é que a senhora fique bem do jeito certo. Ok?

Ela não chega a dizer nada, porque as suas lágrimas a interrompem.

Não está fácil, embora nunca tenha sido.

Agora só está bem pior.

Mas, assim como antes, tenho certeza que consigo reverter essa crise.

Preciso fazer isso.

Por nós duas.

Malcolm Walker e o desejo que me consome por ele não podem ser empecilhos nesse caminho.

14.

ARIA CORBIN

— Que surpresa agradável vê-la na empresa tão cedo — comenta o meu supervisor, assim que coloco o pé na sala vazia onde trabalho. — Isso é bom, assim não sou visto como um supervisor insensível por dar uma bronca na minha empregada relapsa.

É claro que ele não me vê aqui cedo.

Para que me visse, ele precisaria chegar antes de mim, o que nunca acontece.

Dentro da minha mais profunda necessidade, respiro para não acabar revirando os olhos e o respondendo com todo o desaforo que está preso em mim desde ontem.

Não foi fácil voltar para a casa de Malcolm depois de tudo o que o supervisor disse, mas eu fui, achando que ele não estaria ali.

Pensei que poderia chorar sozinha, recordando da humilhação que passei e me debulhar em lágrimas enquanto fazia a faxina, mas estava enganada.

— Bom dia, senhor — cumprimento-o ao invés de mandá-lo ir ao inferno, adentrando a sala.

Eu merecia ganhar um prêmio só por não xingá-lo a cada minuto do dia.

Odeio o fato de que estou sozinha com ele e que ainda há uma longa hora até que os meus colegas de trabalho cheguem.

O clima tenso é mais que esperado até que todos estejam aqui e eu só rezar para conseguir manter a minha língua dentro da

boca.

Não posso acabar demitida.

Ainda tenho inúmeras contas para pagar.

— Está tentando fazer uma média comigo só porque chamei a sua atenção ontem? — questiona ele e eu juro, por tudo que é mais sagrado, que ele só precisou parar de falar para que o sangue subisse para a minha cabeça. — Sinto em alertar que não vai adiantar. Coisas boas irão acontecer nessa empresa hoje.

Embora eu tenha medo do que seja, escolho o silêncio e só caminho até que estou sentada na minha cadeira.

Quanto menos atenção dou para ele, melhor será para mim.

Esvazio a minha mochila e coloco tudo sobre a mesa, enquanto ele suspira, distante de onde estou.

E espero que permaneça por muito tempo.

Já tenho muitas coisas na minha cabeça para lidar.

O fato de que beijei o chefe da minha tia e que saí de lá como uma fugitiva da polícia por ter quase sido pega pelos seguranças da casa ainda atormenta a minha consciência.

A minha tia, inclusive, achando que estou dando tudo de mim, se descobrir que estou me envolvendo com o prefeito da cidade é capaz de me expulsar de casa ou desenvolver uma revolta grande por mim.

Isso tudo vai acabar me deixando maluca.

Por que fui beijá-lo? E por que não consigo parar de pensar nisso?

— Com licença — diz uma voz masculina atrás de mim. Viro-me, dispersa dos meus problemas, para ver o gerente do nosso setor entrar com um sorriso. Desvia o olhar para o supervisor e o encara. — Preciso que venha comigo.

Suspiro aovê-lo deixar a xícara com café sobre a mesa ao seu lado e limpar as mãos na calça com pressa.

A quem ele precisa impressionar? Por que parece que vai ver o presidente da empresa para pedir um aumento?

Com uma careta, vejo-o observar a si mesmo pelo reflexo do vidro que nos isola, então ajusta a gravata. Depois de um tempo se analisando, exibe um sorriso e se distancia de onde estava sentado para seguir o gerente.

— Você estava bem — comenta o gerente ao sair daqui. — Por que precisou disso tudo?

A porta fecha justo quando ele iria responder, mas, sinceramente, não poderia me importar menos, uma vez que estou sozinha nessa sala enorme, com uma margem considerável de tempo para pensar no que não devo.

Suspiro.

— Que ótimo — murmuro, diante das minhas máquinas ligadas. — Tudo o que eu precisava.

E, assim, não esperava que, ao abrir a página da internet, o rosto no topo de maior busca seria o dele.

É impressionante como, mesmo sem ler do que se trata essa notícia, não consigo evitar de me sentir à beira da loucura só por estar vendo o seu rosto com expressão séria, de terno, gravata, a única versão que a população da cidade conhece.

Mordo o lábio inferior ao lembrar do seu corpo sem o terno ou a camisa social.

Sinto as minhas bochechas queimarem, tamanha a vergonha em pensar nele assim, íntimo.

Deslizo as mãos no meu pescoço e a recordação das suas mãos descendo pela minha cintura até chegarem na minha bunda

me pegam de jeito. É como se ele estivesse aqui, sussurrando ao pé do meu ouvido palavras que nunca serei capaz de esquecer.

A cada vez que penso nele, mais esse fogo ludibriante domina o meu corpo e eu não sei mais o que fazer.

Preciso me concentrar em qualquer coisa, pelo amor de Deus!

Ao sair dessa empresa, mais tarde, terei que ir à casa dele para concluir o que não consegui ontem, então há uma grande chance para que eu o veja... e acabemos, muito provavelmente, do mesmo jeito que na noite passada.

E não sei se fico ansiosa ou apavorada com isso.

Arregalo os olhos, considerando o quão louca estou.

Não, eu não posso! Há uma casa para sustentar, um emprego para manter e uma reputação para zelar. Embora ela seja quase inexistente, ainda é importante para um possível futuro ali.

— Você será obrigada a pensar em qualquer outra coisa, Aria! — murmuro em uma ordem para mim mesma.

Coincide, entretanto, no segundo em que a porta é aberta novamente.

Viro-me para ver Wade com os caras o seguindo.

— Chegou cedo demais? — questiona ele com um sorriso no rosto.

— Sim — afirmo, observando-o tirar a mochila e sentar ao meu lado. Temerosa pelo que ele e os outros estão pensando depois de ontem, encaro-o sem conseguir disfarçar o meu incômodo. — Desculpa por ontem. Não queria prejudicar nenhum de vocês.

Ele não desfez o sorriso do rosto.

Até parece que não se incomoda, mas eu sei que não é assim.

— Não deveria se preocupar demais com isso. Todo mundo sabe o quanto o nosso chefe só está em busca de um único motivo para chamar a nossa atenção todo dia — afirma ele, antes de piscar um olho para mim.

— Mas ele foi bastante pontuativo ontem de que... — Até tento continuar, mas um dos caras, o que entrou junto com Wade, fica em pé e me encara.

— Não pense demais. Nenhum de nós está culpando você.

Mordo o meu lábio inferior, tocada pela consideração.

Passamos por muitas coisas em todos esses anos trabalhando juntos e é claro que acabamos nutrindo um senso protetor um pelo outro, mas não é aceitável ser punido por causa de outra pessoa.

A culpa de ontem foi minha.

Eu que cheguei tarde.

E o supervisor, por mais que tenha exagerado em ter chamado a minha atenção daquela forma, não estava fora da sua razão.

— Ele foi muito escroto em ter tratado você daquele jeito — sussurra Wade, depois de soltar um suspiro. — Ainda achou que podia ir atrás de você, aos prantos, no banheiro.

Baixo o olhar, constrangida.

Não foi o bastante para ele gritar aos quatro cantos o quanto sou irresponsável e não honro o meu trabalho. Enquanto eu chorava, desesperada, por ter sido novamente ameaçada de demissão e dessa vez deixando todos sem salário, ele afirmou que eu deveria retornar para a minha cadeira e chorar nela.

— Só espero não passar por isso nunca mais — murmuro ao relembrar.

— Também espero — diz Wade.

— Mas acho que não vamos mesmo — afirma o outro e isso me faz encará-lo agora. — Escutei uma conversa ontem sobre ele ser...

Não consegue terminar de falar, porque a porta é aberta de uma vez e o homem que faz das nossas vidas um inferno passa por ela.

Ele arregala os olhos e volta a sentar.

— Ahhh! — grita, de repente, e isso assusta a todos. Desvio o olhar para onde ele está com as duas mãos fechadas em punhos na frente do peito. — Finalmente!

Há um sorriso no seu rosto de diabo.

Logo, a porta é aberta mais uma vez e o gerente que veio chamá-lo entra com um sorriso tão grande quanto o dele.

— Parabéns, George! Você trabalhou duro para conseguir essa promoção!

Ele caminha até ele e o abraça com força, enquanto o nosso supervisor gargalha, vermelho, com os punhos cerrados diante do corpo. Desvio o olhar para Wade e os nossos olhares se encontram.

— Vamos nos livrar dele? — sussurro, esperançosa, e ele acena.

— É um sonho? — questiona, desviando o olhar de um lado para o outro.

— Se for, eu não quero acordar — respondo com sinceridade.

— Finalmente eu vou sair desse inferno! — grita ele no auge da sua emoção.

Coitado.

Se aqui existia algum inferno ele era o diabo.

Mas agora... é diferente.

Ele não vai estar aqui.

Será esse um sinal divino de que, de agora em diante, coisas boas acontecerão?

15.

ARIA CORBIN

São seis horas da noite quando passo pelo portão de entrada da casa do prefeito.

Como de costume, o senhor Finlay limpa a lataria da SUV que pertence ao homem que não sai da minha cabeça.

Respiro fundo, sem conseguir parar de pensar na noite anterior, quando ele me levou para casa e até tentou puxar alguma conversa comigo, mas eu estava tão envergonhada, com medo dele ter percebido algo, que não conseguia produzir uma frase coesa sequer.

— Boa noite, jovem! Veio mais cedo hoje — diz ele, muito observador.

Dou de ombros, mas diferente das outras vezes, agora tenho um sorriso no rosto.

— O meu carrasco foi promovido e agora estou livre — digo e a risada que sai da minha boca em seguida é automática.

A felicidade mora em mim desde que vi o supervisor reunir as suas coisas dentro de uma caixa e sair de queixo erguido da nossa sala.

Ele saiu todo feliz, mas comemoramos juntos por nos livrar dele.

Tenho certeza de que o próximo supervisor não pode ser pior do que esse.

Se ele tiver ao menos um pouco de respeito pelas pessoas, já está ganhando grandes pontos com a equipe inteira.

— Isso é bom?

— Ótimo! — gracejo, sem me livrar do meu sorriso. Respiro fundo, então, ao lembrar de onde estou e do que preciso enfrentar quando entrar nessa casa. — Agora preciso ir... preciso terminar o que comecei ontem.

Ele acena, em silêncio e volta para a sua ocupação, enquanto isso me volto para o corredor até a porta da cozinha. Empurro-a e abro. Em nome de toda a sorte do mundo, não há ninguém aqui dentro.

Desconheço o sentimento inquietante que não me deixa entender ao certo o que quero.

Sei que deveria me sentir ótima por ele não estar aqui e por eu poder fazer as coisas sem ser interrompida, mas um frio estranho no centro da minha barriga surge junto com um desânimo que não consigo entender.

— Por que estou assim? — questiono a mim mesma e apresso os meus passos para o quarto dos fundos, onde vou me trocar para começar o dia de trabalho.

Consigo fazer isso rápido, mas me vejo, de repente, na frente de um espelho, encarando o meu reflexo desgrenhado.

O meu impulso em começar a arrumar o meu cabelo é tão rápido que não consigo pensar racionalmente no que estou fazendo.

Só faço.

— Por que coloquei esse vestido aqui? — Encaro-me ainda sem conseguir acreditar no que estou fazendo. É tão fora de mim qualquer ato desse tipo. Não sou assim e... — Vou limpar uma casa, as coisas e... por que eu usaria um vestido novo?

Quero dizer, não tão novo assim.

Ganhei da tia Bianca há dois anos e nunca tive uma oportunidade para usá-lo, já que passei todos os meus dias

enfurnada naquela maldita empresa sem tempo para mais nada.

— Devo ter ficado maluca mesmo — sussurro, sentindo um misto de estranhamento e pena de mim. Deveria ter vivido mais, assim, talvez, eu não estaria louca pensando no chefe da minha tia depois de apenas termos nos beijado. — Não tem outra explicação.

Saio desse quarto de uma vez e enrolo a minha confusão castanha de cabelo no alto da cabeça em um coque apertado, assim posso começar a limpar o que tiver ao redor.

Com aspirador de pó em mãos e um pano úmido para passar no chão de porcelana, encaminho-me para a sala com a arrumação inacabada de ontem. Só que, ao parar na frente dela, me deparo com tudo arrumado de um jeito que nunca pensei que iria presenciar.

O tapete que eu tinha enrolado para bater ou enviar para a lavagem foi retirado. No lugar dele, há um novo e está posicionado abaixo do sofá.

O chão... está limpo de um jeito que não o deixei.

E os vasos que tirei do lugar para limpar estão reposicionados no lugar de origem.

Será que ele contratou outra pessoa para fazer a arrumação da casa?

Respiro fundo e me afasto daqui, em busca de algum outro lugar para limpar.

Passo na frente do seu escritório, mas a porta está fechada. Considerando que ele está ali, subo as escadas até o segundo andar e observo o corredor, também limpo.

Isso é possível?!

— Boa noite, senhorita Corbin.

Arregalo os olhos, sentindo o ardor subir por cada centímetro da minha pele, então me viro.

Malcolm Walker está parado no alto das escadas com as duas mãos repousando nos bolsos, mas é na camisa social aberta até o peito que a minha atenção recai.

Engulo em seco, nervosa.

O calor logo domina o meu rosto inteiro, assim que o seu olhar cruza com o meu. Acho que consigo manter contato visual por muito menos que dois segundos, porque logo um choque intenso me faz desviar.

O que está acontecendo? E por que diabos ele escolheu abrir essa camisa bem na minha frente? Um político não deveria ser mais decente?

— Boa noite, senhor — respondo, impossibilitada de erguer os meus olhos para o seu rosto sem me desfazer em uma poça ao meu redor.

O seu peito musculoso possui a minha atenção completa.

— É muito bomvê-la.

Pigarreio, sem jeito.

Por que ele precisa falar desse jeito?

— Conseguí chegar mais cedo — digo em uma tentativa muito falha de me justificar.

Como sempre, não consigo continuar.

As palavras fogem da minha cabeça sempre que ele está perto.

E já não sei se é pelo cansaço.

— Percebi. — O barulho dos seus passos me faz encará-lo e é quando me deparo com os olhos azuis mais sombrios que já vi.

Ele desvia o olhar pelo corredor e gesticula com uma mão, enquanto mantém a outra guardada. — Arrumei tudo ontem à noite, depois que se foi. — Arregalo os olhos diante o sorriso de lado que ele não se envergonha de exibir na minha frente. — Precisava pensar em qualquer coisa que não fosse o fato de que fui abandonado depois do beijo mais gostoso que já tive.

Ele... realmente disse isso?

Não é uma loucura da minha cabeça?

Ele realmente está falando que o meu beijo é gostoso?

Meu Deus do céu!

De repente, ele desliza a língua no lábio inferior e sou atraída por esse mínimo movimento como se não houvesse nada mais entre nós.

Ele é atraente, lindo e, para completar a minha desgraça, proibido.

De um jeito muito indevido, Malcolm Walker é o único homem que provoca um fogaréu de sensações indecentes no meu âmago.

— V-ocê fez um bom trabalho — digo, como uma idiota, perdida nos lábios mais embriagantes que já tive o prazer de provar.

Em resposta, ele solta uma risada.

Foi por um segundo e eu juro que nunca imaginei que poderia me sentir tão presa no sorriso de alguém como estava agora no dele.

Noite passada, fui arrematada por um desejo alucinante quando o senti tão perto de mim. Quente como brasa, aproximou-se de mim e o aroma do seu corpo me dominou por completo.

Mais forte que eu, em um ato de insanidade total, indo contra um limite de ações que nunca ultrapassei, coloco as minhas duas mãos no seu rosto e o puxo para um beijo.

Tomei a iniciativa de beijar esse homem!

Eu, que nunca fiz nada parecido nem quando era adolescente e estava com os hormônios à flor da pele!

Agora, ele se aproxima de novo.

Tentação demais, Aria. Se afaste!

Para de andar a poucos centímetros de distância e, ainda com o mesmo sorriso de lado, encara-me.

— Sabe o que me deixa mais louco aqui? — questiona ele e eu só consigo encará-lo, sem me mexer. É como se eu estivesse hipnotizada. — Você não consegue disfarçar o quanto me deseja. E eu adoro isso.

Ele está certo.

Não consigo mesmo.

Ele fecha o espaço entre nós e eu perco o controle sobre os meus atos e a razão que ainda me mantém aqui.

Débil, como se fosse possível fugir dele, recuo alguns passos para trás até que as minhas costas batem contra a parede e, então, ele ergue a sua mão. Desliza os dedos pelo meu pescoço e mantém o olhar no meu como se buscassem uma resposta que eu não faço ideia qual seja.

É sério, nunca senti como se a minha intimidade fosse explodir com um mero toque.

Obviamente, a minha autoestima vai para o céu de tão inflada, mas a questão é que sinto que o ar já não mora mais no meu entorno.

Para onde ele foi e por que está tudo tão quente?

Tudo queima!

O meu rosto, a pele do meu braço, as minhas pernas, a minha vagina...

Tudo ao mesmo tempo.

— Não consegui dormir pensando em quando eu poderia voltar a beijá-la — sussurra ele com os lábios contra os meus. — Isso está me deixando louco.

E aqui ele causa arrepios em partes do meu corpo que não sou nem capaz de mensurar. Coloca a ponta dos dedos no meu queixo e o ergue para que os nossos olhares se encontrem mais uma vez.

Sem palavras, ar ou qualquer tipo de estímulo que me leve a fazer qualquer coisa, observo, morrendo de desejo, os seus lábios se aproximarem dos meus.

Diferente de ontem, quando começamos tímidos, devagar, agora ele é necessitado. Ele me beija com força, como se tivesse o objetivo de me consumir pelos lábios. É duro, sem a maciez que quase fez o meu coração sair do peito ontem, mas é tão excitante que não quero parar.

Não conseguia parar nem se eu quisesse.

As suas mãos descem pelo meu corpo no mesmo compasso em que a sua língua desliza na minha. Um novo tipo de sentimento intenso me domina agora e eu acho que esse deve ser aquele tipo de paixão que as pessoas chamam de clichê.

Ele segura a minha cintura com força e me puxa para colar o meu corpo no dele.

Os seus lábios não param de atacar os meus.

Dominada, sinto-o enfiar a mão por dentro do meu vestido e subi-las. Passa pela minha bunda e para exatamente na lateral delas, onde agarra com as duas mãos e me ergue contra ele.

Acho que foi o reflexo, não sei, mas rodeio os meus braços em torno do seu pescoço e as minhas pernas na sua cintura.

Algo duro em contato com a minha intimidade me causa novas sensações e eu acho que estou prestes a ficar maluca, porque ele encosta as minhas costas contra uma estrutura dura que se abre, mas é o bastante para que ele gema contra os meus lábios.

— Consigo sentir o quanto está quente por baixo dessa calcinha — murmura, rouco, e eu acho que nunca vou superar isso. Volta a aproximar os lábios dos meus, mas ele apenas chupa o meu lábio inferior, com o olhar intenso no meu. — Você vai me deixar louco, mulher.

Ele nos leva para longe do corredor e, antes que eu consiga entender que estamos no quarto dele, inclina-se comigo nos braços para a frente.

O colchão frio nas minhas costas não é o bastante para me desviar do olhar dele, porque, tão logo o sinto, os seus lábios voltam a me tomar para si.

Não é um beijo como o de ontem ou como o de poucos segundos atrás.

É mais intenso.

Quase como se ele estivesse me pegando para si, mais do que uma simples troca de carícias.

Perdida na intensidade arrebatadora dos seus beijos, sinto a sua cintura ondular para a frente e para trás na minha intimidade, em um ritmo delicioso.

De olhos fechados, com um mundo de sentimentos me dominando, o aperto na minha cintura aumenta e eu começo a gemer como uma safada contra os seus lábios.

— Hum...

Por muito menos que um segundo, ele afasta os lábios dos meus e eu abro os meus olhos para vê-lo me encarar, enquanto continua se movendo.

Entreabro os meus lábios, atropelada por um calor surreal, frente ao olhar mais intenso do mundo.

— É gostoso? — questiona em um sussurro, muito baixo.

Não conseguiria mentir agora.

— Sim — sussurro, entorpecida.

Ele não para.

O seu quadril se move sem parar, enlouquecendo algo na minha boceta que me surpreende. Sinto como se estivesse sendo sacudida de um lado para o outro, levada a extremos excitantes demais para registrar no que ainda me resta de capacidade de raciocínio.

Gemidos saem pelos meus lábios sem que eu ao menos consiga registrar.

A sua boca volta a cobrir a minha e é nesse compasso que o meu corpo ganha vida própria. Com a mente dominada apenas por esse homem e as sensações que ele me proporciona, seguro o seu rosto com as duas mãos e o meu corpo segue sem comando, na busca irrefreável por mais.

Quero que nunca pare.

Que o seu corpo se funda com o meu e...

Ele geme contra os meus lábios, rouco, entorpecedor.

Quando penso estar vivendo o melhor momento da minha vida, sou devastada por um novo sentimento que me faz beijá-lo com tanta gana que mal sou capaz de raciocinar. As suas mãos se afastam da minha cintura e, de repente, sinto-as nos meus seios, apertando-me como se precisasse disso para viver.

— Oh! — geme ele, ainda se esfregando contra a minha boceta.

Juro, esse é o tipo de sensação mais louca que já senti na minha vida.

Palavras não são necessárias aqui.

Só um desenho ilustraria tão bem o que sinto agora.

Ele me encara e o meu corpo começa a convulsionar sozinho, então um gemido alto sai pela minha garganta e eu fecho os olhos com força. Agarro-o com força, porque o meu corpo implora por isso e preendo a respiração quando sou arrebatada de uma vez por algo que não imaginava sentir.

Acho que um segundo ou dois decorrem depois que a intensidade diminui um pouco. É o momento que consigo enxergar o que eu fiz, onde estou e quem é o homem que está em cima de mim, encarando-me com um desejo que faz borboletas voarem no meu estômago.

— É gostoso gozar só com o meu pau esfregando na sua boceta?

Não sou uma puritana, mas não consegui evitar o choque ao escutar as suas palavras. Como ele fala isso assim? Sem o mínimo de pudor? E por que consigo sentir tudo aquilo voltando de uma vez?

— Juro que poderia morrer só para ver essa expressão de prazer no seu rosto mais uma vez — afirma e aqui eu já não tenho nenhum controle sobre os meus atos, sobre quem sou.

Ele...

... volta a me beijar.

Não sei se é possível, mas juro que é uma intensidade muito maior do que a de antes. Dessa vez, não dura muito, entretanto. Com os olhos azuis mais embriagantes do mundo contra os meus,

ele desce pelo meu corpo com um sorriso de lado até que fica entre as minhas pernas.

Se eu tivesse algum tempo para pensar, diria que ele deveria ir embora, porque precisava de um banho, mas eu não tinha.

Em silêncio, paralisada e hipnotizada ao mesmo tempo nos seus atos, observo-o afastar a minha calcinha para o lado e, então, abocanhar a minha boceta.

É automático.

O meu corpo fala alto, grita.

A minha razão ficou no primeiro piso da casa, dentro daquele quarto, quando decidi que colocaria esse maldito vestido.

A sua língua quente desliza desde a minha entrada até o meu clítoris, onde ele para e o chupa, antes de pressionar a língua mais uma vez em movimentos constantes que estão me deixando louca.

Agarro os panos da cama e gemo, entorpecida, sendo dominada por esse homem que é muito mais do que eu já imaginei.

— Você é tão gostosa, Aria — diz ele com a voz rouca e sinto reverberar na minha intimidade. — Não sei se vou conseguir parar de prová-la depois de hoje.

— Oh! — gemo, ainda mais excitada pela carga de paixão das suas palavras. — Oh, Malcolm!

Ele deve ter entendido como um estímulo, porque a sua língua entra em um espiral de ataques contra o meu clítoris, fazendo-me gemer, alucinada, fora de mim.

Quando sou empurrada mais uma vez para o abismo de sensações de um gozo arrebatador, não percebo que ele já não está mais entre as minhas pernas.

Entre me recuperar do quão intenso foi esse ataque e conseguir respirar de novo, abro os meus olhos e ele está se

despindo em uma velocidade ímpar. Arranca a camisa como se não fosse nada e a joga no chão, então parte para a calça. Desce-a pelas pernas junto com a cueca e tudo o que reina na minha frente é uma grande ereção.

Não é só grande, vale ressaltar.

É grossa também.

Que Deus me perdoe, mas não consigo parar de encarar esse monumento.

Malcolm abre as pernas na minha frente, com a ereção sobre a minha boceta e começa a estimulá-la.

O ato chama a minha atenção com mais curiosidade do que qualquer outra coisa.

Com o rosto vermelho, o peito da mesma cor e o estômago definido se flexionando, ele observa o meu corpo, enquanto se... masturba.

— Você me deixa louco — sussurra ele sem perder a rouquidão ao fim de cada palavra. — Por mais que eu tente me concentrar para tornar isso o mais longo possível, não consigo.

O meu coração bate com tanta força que, por um segundo, considero estar tendo um infarto. Mas, não. São apenas as suas palavras.

Estende uma mão para o meio das minhas pernas e arranca a minha calcinha de uma vez. Em segundos, o homem segura o meu pescoço e me faz sentar na cama. A poucos centímetros de distância da sua ereção, sinto-a quente, vibrando e pulsando ao mesmo tempo. Ele, ao contrário de tudo, se ocupa em tirar o meu vestido e a jogá-lo em qualquer lugar, junto com as suas roupas.

Assim, estou nua.

E ele está se movendo para cima da cama.

Viro-me para ele e deito na cama até que eu possa voltar a beijá-lo.

O meu ventre está pegando fogo e eu não estou muito diferente à medida que a sua mão no meu rosto progride de tenra, carinhosa, para completamente possessiva e dominante.

Malcolm desce a sua mão livre pela lateral do meu corpo enquanto me beija e, quando tem a minha coxa no controle do seu toque, ergue-a para ficar por cima da sua.

Enquanto o nosso beijo toma um caminho mais intenso, a sua mão percorre o caminho até a minha bunda, onde ele primeiro aperta, então, em seguida, desfere um tapa firme que me causa tremores intensos.

— Aria... — sussurra com o olhar intenso sobre o meu.

Tomada mais uma vez por uma insanidade, inclino o meu rosto na sua direção e capturo os seus lábios com os meus. O aperto na minha bunda aumenta e eu, sentindo o meu clítoris pulsar, aproximo a minha cintura da sua ereção mais uma vez.

— Quero entrar em você — murmura, antes de chupar o meu lábio inferior.

Depois de tudo, ainda resta dúvidas de que é isso o que eu quero?

— E eu quero que você entre em mim — sussurro, possuída por uma coragem que, meu Deus, não sei nem de onde veio.

Mal termino de falar e ele coloca uma mão entre nós para guiar a sua ereção para a minha entrada. O seu olhar está no meu, assim como os seus lábios, que me reivindicam com uma intensidade completamente nova.

Coloca a cabeça primeiro e eu aperto ainda mais os meus lábios nos seus. Ele o esfrega desde o meu clítoris até a minha entrada mais uma vez.

— Humm — gemo e ele para a brincadeira para guiá-lo para dentro.

Acho que ele só coloca a cabeça, quando um desconforto lamuriante me empurra para longe dessa onda de prazer.

— Oh! — grasma ele, abrindo os olhos em choque. Afasta os seus lábios dos meus e eu sinto falta na mesma hora. — Aria, você é... — Morde o lábio sem conseguir terminar de falar. Para de se movimentar no ato e eu estou dominada por um calor diferente agora. — Você é virgem?

— E-eu...

De repente, um sorriso brota no canto dos seus lábios e ele me puxa de volta para a sua boca. Começa a me beijar devagar, antes de intensificar cada vez mais. Com a sua mão quente, pesada e forte, ele segura um dos meus seios e o aperta com força, arrancando um gemido inesperado dos meus lábios.

Mais uma vez dominada por ele, sou imersa na nova onda de prazer que ele cria no meu corpo ao mexer em novos pontos de prazer. Com o dedo indicador e o polegar, aperta o meu mamilo e eu juro que não esperava que sairia um gemido tão alto pela minha boca, no meio desse beijo.

E é no fim desse gemido que sinto a sua cabeça entrar devagar na minha boceta.

É desconfortável no início, como se ele fosse grande demais para se acomodar em um lugar tão pequeno.

Malcolm me distrai, entretanto.

Aperta o meu mamilo com os seus dedos e eu me perco, mais uma vez, no prazer que é estar nos seus braços. Sinto-o deslizar devagar, enquanto o nosso beijo me domina, então, a sua virilha bate contra a minha.

— Tão relaxada e excitada para mim. — Com a mão que entorpece o meu juízo apoiada no meu seio, ele a ergue para o meu

rosto e me segura com força. — Desse jeito você me mata de tesão, Aria. — E deposita um selinho rápido nos meus lábios. — Não faz ideia do prazer que está me dando ao me deixar ser o seu primeiro homem.

De onde ele tira tanto foco para pensar?

Mal tenho concentração para entender o que está acontecendo e ele está falando essas coisas assim.

— Se estiver tudo bem, me avise.

Não consigo desviar o meu olhar do seu.

É que há uma coisa estranha, diferente, nele.

Sinto-me presa na tentativa de desvendá-lo.

— Está tudo bem — sussurro, quase sem voz e ele me segura novamente, antes de me puxar para um novo beijo intenso.

Por cima de mim, começa a mover a sua cintura em movimentos lentos, enquanto me beija sem parar.

Não achei que beijos poderiam ficar mais gostosos a cada encontro, mas os dele ficam. Viciada, corrospo-o, enquanto a sua ereção provoca sensações novas na minha intimidade.

O mínimo desconforto foi substituído por um novo tipo de prazer.

Ele começa dentro da minha vagina, progride para o clítoris e sobe como explosões nervosas no meu ventre.

Embora ele esteja lento, o movimento ritmado se torna... gostoso demais.

— Como se sente? — questiona, de repente, os olhos azuis muito próximos meus. — Posso ir mais rápido?

— Pode.

Puxo os lábios dele para os meus mais uma vez e, antes que ele possa me dominar, eu o faço ao segurar o seu cabelo entre os meus dedos.

As suas investidas se tornam mais fortes, intensas e ele deixa que o seu dedo indicador deslize sobre o meu clitóris enquanto isso.

Alucinada pelo novo estímulo, puxo o seu cabelo com força e sinto as minhas pernas trêmulas, dando o sinal de que algo forte está chegando.

Aquela sensação que me atropela, arrebata e me tira o ar vem de uma vez, com uma força que eu não tinha sentido antes na vida.

Ele afasta os lábios dos meus e geme alto, com uma força gutural, como só um macho alfa faria.

— Oh, porra! — rosna, se movendo dentro de mim até que encontra a sua própria libertação.

Em segundos, estou sem fôlego, encarando o teto.

E ele, enfim, não muito diferente.

— Isso foi...

— Muito bom — completo, ainda entorpecida. — Meu Deus!

A sua risada rouca ao meu lado atrai o meu olhar para o seu.

Ele é... lindo com esse sorriso.

— Ainda é cedo — diz ele, com a mão sobre o meu ventre. — Temos uma longa noite pela frente. Se quiser ficar e aproveitar mais... eu estou aqui.

Engulo em seco e desvio o olhar do seu rosto.

Seria tão perfeito ficar.

Seria... se a realidade não me pegasse de jeito e me fizesse sentar na cama, em silêncio.

— A minha tia vai me matar quando descobrir isso — digo, sem conseguir me parar. Procuro o meu vestido e calcinha, mas só encontro um deles. Enfim, sem opções, pego-o e visto. — Não posso... isso é demais. Eu não deveria ter feito isso, eu...

— Calma, Aria — diz ele, aparecendo na minha frente.

Sacudo a cabeça e tento respirar fundo, mas não consigo.

Lágrimas estão brotando nos meus olhos tão logo termino de me vestir.

— Não posso fazer isso — digo, longe do paraíso de segundos atrás. — Eu não deveria ter feito nada disso, Malcolm. Você é o chefe da minha tia... — Sacudo a cabeça, com o meu coração em frangalhos pelo meu ato imprudente. — Esse emprego é importante para nós e não podemos colocá-lo em risco...

Ele tenta se aproximar, mas não posso me deixar ser seduzida novamente.

Recuo mais alguns passos para trás até que o meu corpo bate contra a parede do quarto.

— Aria, o que você está dizendo? — questiona, com o cenho franzido.

— Eu não posso... — Sinto as lágrimas do arrependimento escorrendo pelo meu rosto. — Isso foi um erro.

Ele parece em choque, mas eu só posso me virar e correr para longe daqui.

O que eu fiz?!

16.

MALCOLM WALKER

A minha cabeça está martelando incisivamente e eu não consigo parar de pensar naquela mulher saindo do meu quarto como uma louca.

Só propus de ela ficar mais um pouco, por qual motivo tudo se transformaria nela perdendo o emprego que tanto precisa? Não é como se eu fosse demitir Bianca por algum motivo ou fazê-la se prejudicar.

Não sou esse tipo asqueroso de chefe.

Em pensar nela, em cada pedaço do seu corpo nu contra o meu e na sua entrega aos meus toques, o meu coração bate em uma velocidade tão grande que não dá para acompanhar.

Ela era virgem e eu fui o seu primeiro homem.

Aria não faz ideia do monstro que está crescendo no meu peito com o desejo de fazê-la minha quantas vezes forem necessárias até que o seu sabor não saia mais do meu paladar.

— Resolvi tudo o que precisava com a líder da equipe de planejamento. — Desvio o olhar para o seu rosto. Deve estar muito orgulhoso de si por fazer o seu próprio trabalho. — Ela concordou em assinar um termo em que assume a responsabilidade de manter distância de você e, caso não o faça, será demitida por justa causa.

Suspiro, odiando ter que escutar a voz do Archer hoje.

Já foi uma merda sair de casa sem vê-la, imagine estar aqui vendo o quanto esse idiota acha que é um grande profissional apenas porque fez o que deveria ter feito desde o começo.

Reviro os olhos, profundamente irritado.

— Ótimo, agora saia da sala — murmuro, sem paciência alguma.

Archer me encara como se eu fosse um alienígena e coloca as duas mãos na cintura, mas sabe que, se eu dei uma ordem, ele deve seguir, caso não queira problemas.

Logo, vira-se e sai da sala sem protestos ou adições.

Com o espaço cedido e o silêncio de brinde, encaro a tela do computador na minha frente. Tento me atentar aos projetos em andamento da prefeitura, mas não consigo.

A cada letra, os lábios dela se movendo nos meus enquanto gemia, volta para a minha cabeça e o meu pau começa a endurecer na minha calça.

É muita tentação para um homem só!

Tento respirar fundo e imaginar qualquer coisa desagradável, como Archer, para esquecer dela, mas até isso parece difícil.

O seu cheiro está impregnado em mim.

O seu sabor está na minha língua.

E a maciez da sua pele é como tatuagem nas minhas mãos.

Ela não está por perto, mas consigo me sentir como se estivesse.

E isso só pode ser algum tipo de feitiço que ela me jogou.

Não é possível que uma mulher enfeitice tanto um homem!

Ou sou muito fraco diante dela ou ela é uma bruxa das mais malignas para se prender tanto em meus pensamentos.

ARIA CORBIN

“Juro que poderia morrer só para ver essa expressão de prazer no seu rosto mais uma vez.”

Sacudo a cabeça, tentando expulsar a sua voz da minha cabeça.

Reúno uma boa quantidade de água na pia e a jogo no meu pescoço. Preciso apagar seja o que for que ele acendeu em mim na noite passada.

Para começar, tudo foi um erro.

Eu nunca deveria ter me deixado levar para a sua cama, mas agora há um leve desconforto entre as minhas pernas que não me deixa esquecer esse meu ato imprudente com o último homem na face da Terra com o qual eu poderia me envolver.

De repente, como se eu estivesse já enlouquecida, perdi a minha virgindade com o chefe da minha tia.

E que para piorar é o prefeito dessa cidade.

Já não tenho problemas o suficiente nessa vida?!

Respiro fundo e enxugo o meu rosto.

— Você é Aria? — questiona uma mulher ao meu lado. No processo de me enxugar e perdida em pensamentos, não percebi se estava sozinha ou acompanhada. *Culpa dele!* — Fiquei sabendo que George foi transferido. Devem estar felizes.

Se a minha cabeça não estivesse um caos, eu poderia abrir um sorriso muito fácil agora.

— Estamos sim — confirmo com um meio sorriso.

Ela suspira, ao desligar a torneira.

— Queria dizer o mesmo — diz ela com uma expressão de dor. — Ele está como chefe do meu departamento agora.

Sinto o meu coração apertar em compadecimento.

Não quero nem imaginar o que vai ser da vida dela e da sua equipe a partir de agora. George pode ser o próprio satanás para nós que estamos integrados há um bom tempo, mas para quem ele não conhece, deve ser muito pior.

Respiro fundo.

Noto que a sua pele está bem pálida e o olhar bastante cansado. Ela é linda, como uma modelo de revista e parece tão frágil que o único desejo que pulsa no meu peito é o de protegê-la.

— Sinto muito — sussurro, estendendo a minha mão para segurar a sua. — Não tenho sequer um conselho para dar, porque nunca aprendi a lidar com ele.

Ela desvia o olhar do meu rosto.

— Fiquei sabendo do que ele fez com você há dois dias. — Respira fundo, então. — Se a gente denunciar a sua prática no trabalho para o presidente, tenho certeza que pode mudar.

— Mas isso colocaria o emprego de vocês em risco.

Engole em seco e me encara.

— Você e a sua equipe é que deveriam fazer isso, afinal foram vocês os maltratados por dois anos. — O quê? Recuo um passo, mas ela aumenta o aperto no meu braço, como se eu pudesse correr daqui. — Por favor! Ele só está conosco por um dia e meio, mas já sinto que posso morrer!

Suspiro, sentindo muito por ela, mas não posso fazer nada.

Ela acha mesmo que eu não quis denunciá-lo em dois anos de trabalho?

A cada dia da minha estadia aqui, eu poderia tê-lo feito, mas se não fiz é porque tive medo de perder o emprego que ajuda a manter a minha casa, a minha tia.

— Não posso ajudá-la — digo e, ainda que ela segure a minha mão com força, com os olhos pedintes focados nos meus, preciso me afastar. — Sinto muito, mas preciso voltar.

Ela abre a boca para dizer mais alguma coisa, mas eu não posso fazer o que ela quer. É por isso que saio do banheiro em um piscar de olhos e caminho a passos rápidos de volta para a minha sala.

O novo supervisor está ali, concentrado no seu computador.

Diferente do antigo, ele executa o seu trabalho junto a equipe, ao invés de nos forçar a fazer tudo, sem direção alguma.

É muito cedo para dizer qualquer coisa, mas até o momento ele foi cordial, sucinto e muito educado com todos nós. Falou o bastante para se apresentar, direcionou o nosso trabalho e, em seguida, focou junto conosco.

E isso foi tudo.

— Você parece assustada — sussurra Wade ao meu lado.

Coloco a minha pequena toalha dentro da bolsa e solto um suspiro, encarando-o.

— Você não vai acreditar — sussurro. — Um dos membros da nova equipe do George me procurou e pediu que eu fizesse uma denúncia contra ele.

— O quê?! — questiona ele, assustado.

Aceno tão chocada quanto ele.

Isso ainda não fez nenhum sentido na minha cabeça.

— Ela disse que já sentia que poderia morrer com um dia e meio de trabalho — comento, notando o quanto isso é absurdo.

Ela queria que eu me sacrificasse pela equipe deles?

Wade não desvia o olhar do meu rosto.

— Se ela está incomodada, então deveria fazer o que acha melhor para si. Por que te pediu isso?

Dou de ombros, também confusa.

— Não faço ideia — responde, tão perdida quanto ele.

Deixo esse assunto de lado e volto ao trabalho.

Milagrosamente, consigo me concentrar e não pensar muito no prefeito que resolveu montar uma barraca no meu pensamento.

Nos leves relapsos que tenho, ele volta a perturbar a minha mente e eu pondero se devo ou não voltar àquela casa hoje.

Há algum tempo ele disse que eu não precisava ir todos os dias.

Talvez, para o bem do meu psicológico, eu não deva ir hoje e finalmente darei um descanso para a minha mente perturbada por aquele pedaço de mal caminho.

— Vamos sair para comemorar hoje? — convida Wade com um sorriso de lado, no horário de pausa depois do almoço, o primeiro que temos depois de todos esses anos. — Prometo que não vamos até tarde.

Mordo o meu lábio inferior e penso um pouco sobre.

A minha tia já sabe que vou chegar tarde todos os dias e faz tanto tempo que não me permite sair com alguém que...

Cerro os olhos, encarando o nada.

Com quem eu sairia? Sem amigos, conhecidos ou qualquer coisa do tipo ao meu redor, não há nenhuma opção plausível para levar em consideração aqui.

É por isso que o encaro e, com um sorriso, aceno.

— Vamos!

17.

ARIA CORBIN

Achei que um dia sem pisar na casa dele fosse o bastante para esquecer o que vivi ao seu lado, mas, quando esse dia acabou e o seu rosto com um sorriso sacana no canto da boca não sumiu do meu pensamento, eu entendi que estava errada.

E ferrada.

Um dia não foi o bastante.

Então, fiquei dois dias sem me aproximar dos arredores de Forest Hill.

Com um bolo no meio da garganta, um calor inesperado no meio das pernas e a mente conturbada com recordações que me perseguem a cada segundo do dia, percebi que dois dias eram tão insuficientes quanto um.

Logo, fiquei três dias longe da minha tentação ambulante.

Pensei, a cada dia que passava, que a animação por causa do novo supervisor iria ser maior que o fato de que o homem que eu tive a minha primeira vez fez morada na minha cabeça e dominou cada segundo do meu pensamento com uma gana maior do que a que reivindicou o meu corpo.

Foram três dias em que me enganei hora após hora, com uma ansiedade que só crescia dentro de mim.

A minha tia, enquanto isso, questionava se eu não iria ao menos ver se faltava algo para ele, mas eu dava a mesma desculpa:

— Ele disse que não precisava, tia. Não vai ficar em casa, porque está com algum tipo de urgência na prefeitura. E como

amanhã já é fim de semana, posso ir com mais calma.

Ela acreditou em mim de uma forma que eu me senti tão mal por enganá-la.

Não sou esse tipo de sobrinha que mente em benefício próprio ou que é egoísta ao ponto de correr o risco de perder o trabalho da tia apenas para não ter que lidar com o chefe.

Acontece que hoje é o quarto dia e é demais para qualquer emprego, mesmo que o patrão seja... *bom*.

Não posso mais evitar.

— Olá, bom dia — digo ao segurança que, logo, exibe um sorriso para mim.

Abre a grade de entrada e aponta que eu posso entrar na casa, mas não vejo nem Finlay, nem o carro em qualquer lugar.

Feliz e menos sobrecarregada, entro na casa e me encaminho diretamente para a cozinha vazia.

— Posso ser rápida e fazer tudo antes dele chegar — sussurro para mim mesma e sigo a longos passos para o quarto dos fundos. Deixo a minha bolsa e me apresso para trocar de roupa. — Você consegue, Aria!

Observo bem ao redor e procuro qualquer desordem para que eu possa lidar.

Curiosamente, na cozinha está tudo do jeito que deixei da última vez. Quanto mais ando, menos coisas para fazer encontro. A sala está arrumada, sem uma poeira sequer. Então, subo as escadas.

Fortes lembranças me pegam no processo, mas não posso me deixar levar por elas.

— Vamos, vamos, vamos...

No topo delas, me aproximo das mesas no decorrer do corredor e todas estão limpas.

— Será que ele limpou tudo como no outro dia? — questiono a mim mesma, com um vinco no meio da minha testa.

Ele estava perdido em pensamentos esse tempo todo, assim como eu?

É por isso que ele...

— Pare de pensar demais, sua tonta! — repreendo-me, caminhando para a porta do seu quarto. Paro ali, com a mão na fechadura e engulo em seco, sendo bombardeada de lembranças da minha última vez aqui. — É claro que ele não...

De repente, a porta abre de uma vez e me leva junto para dentro.

Assustada, encaro o rosto com olhos cerrados, inchados, quase como se tivesse acordado agora e sinto o meu rosto esquentar.

Ele me encara, então.

— Bom dia — diz ele com a voz rouca, causando arrepios involuntários em cada mísero pedaço do meu corpo. — Nunca pensei que teria tanto prazer em abrir essa porta.

A minha boca cai em resposta e ele, ao contrário, como se estivesse no controle da situação, exibe um sorriso.

— Desculpa, pensei que o senhor não estivesse em casa.

Eu consegui formular uma resposta inteira! Palmas pra mim!

— Pensei que fossemos íntimos o suficiente para que eu não fosse mais tratado como senhor — diz ele, afastando a mão da fechadura.

Cruza os dois braços na frente do peito.

Acabo acompanhando o seu movimento e, como uma tola, sinto que sou capaz de me perder facilmente no peito sarado na minha frente.

Malcolm é irresistível.

É mais forte do que eu o ato de olhar para ele da cabeça aos pés e me deparar, mais uma vez, com a certeza de que não existe um homem que seja mais bonito nessa vida do que ele.

— Talvez, eu e você... — Perco as palavras quando ele dá mais um passo para perto de mim. O espaço entre nós só fica cada vez menor e eu engulo em seco, dominada pelo desejo ardente que nos consome. Pigarreio, desviando o olhar. *Sim, não olhe!* — Temos que conversar sobre isso e...

Ele coloca uma mão ao meu lado.

Sustentado por elas na porta, baixa o olhar na frente do meu até que estamos no mesmo campo de visão. Intenso, devastador e triturador de qualquer tipo de emoção, Malcolm me deixa sem palavras.

O que está passando pela sua cabeça agora?

Por que ele exibe um sorriso de lado como se gostasse do que visse no meu rosto? Deus, o que eu tenho que ele possa se interessar tanto? Sou completamente diferente das modelos que ele deve se envolver, então...

— Estou morrendo de fome. — Arqueio as sobrancelhas, chocada que ele tenha dito isso com essa facilidade enquanto estou sofrendo para parecer minimamente decente. — Prepare algo para mim, por favor.

Calma, o quê?

Ele... Oh meu Deus, ele vai me deixar louca!

— C-claro — respondo, ainda presa no seu olhar. — Há algo em específico?

O seu sorriso aumenta tanto que ele, de repente, solta uma risada.

O que eu deveria interpretar disso, então?

— Uma omelete cairia bem.

A sensação que fica é a de que ele não queria dizer isso exatamente, mas não me prendo por muito tempo nessa interpretação.

Como se isso fosse o bastante para me acordar, abixo-me o suficiente para passar pela prisão dos seus dois braços e me apresso em caminhar para longe desse quarto, das lembranças e, principalmente, da proximidade dos seus lábios nos meus.

Preciso mantê-lo distante por muito tempo ou vou acabar fazendo besteira de novo.

— Por que tanta pressa? — questiona ele, quando chego no último degrau da escada. — Estou com fome, mas pode descer as escadas devagar para não se machucar.

O meu coração acelera uma batida surreal de rápida.

Por que ele está preocupado comigo?

Não me permito parar de andar ou ser alcançada por ele, afinal, pelo quanto quente está o meu rosto, posso apostar que estou vermelha. Não posso deixá-lo perceber as reações que o meu corpo tem a ele e as suas palavras.

Ou estarei perdida.

Continuo andando até que estou na cozinha.

No auge do meu nervosismo, tento me controlar ao máximo e entro na despensa para procurar os ingredientes e preparar o que ele pediu.

— Por que não veio todos esses dias? — questiona ele, de repente.

O meu coração bate com uma força surreal, o que me impede de ter foco para encontrar o necessário para fazer o café da manhã dele.

— Estava no trabalho — respondeo, ainda olhando ao redor. — Onde estão os ovos?

Não deveria ter saído tão alto.

— O seu chefe estava sendo muito severo com você?

O seu tom de voz é tão forte que, por Deus, sinto tudo em mim esquentar, mesmo que ele não fale nada demais.

— Ele foi promovido — respondo e me arrependo amargamente. — Graças a isso, estou livre dele.

Ouço uma risada rouca atrás de mim e respiro fundo. Encaro com atenção as prateleiras ao meu redor e é na segunda, da primeira fileira, que encontro os ovos.

Pego três e os seguro.

— Então, você não veio porque estava fugindo de mim?

Certeiro.

Ao invés de respondê-lo, foco em encontrar os demais ingredientes e, com eles em mãos, me viro para sair. Parado na porta, com os dois braços apoiados no batente, Malcolm me encara com atenção demais para o meu psicológico permanecer alinhado.

— Com licença — peço em um sopro de coragem.

Ele me encara ainda por alguns segundos, antes de fazer o que pedi.

Passo por ele, tendo que sustentar o clima intenso entre nós.

Juro, não é fácil.

— Por que está agindo assim? — questiona de repente.

— Assim como? — respondo, diante da pia da cozinha.

Procuro uma frigideira e a encontro no armário.

— Como se não quisesse falar comigo ou... estar perto de mim.

Respiro fundo, parando os meus movimentos para fazer o que ele pediu.

Sinceramente, é muito complicado.

— Eu não posso fazer isso novamente — digo, sem olhar nos seus olhos. — Espero que entenda.

O meu coração tem vida própria no meu peito à medida em que tento lidar com esse homem ao meu redor.

Ele não diz nada e é por isso que me viro.

Um pequeno ato me coloca de frente para o olhar mais intenso que já cruzei nesta vida. Com uma mão na cintura e o foco em mim, Malcolm solta um suspiro.

— Não entendo o que você quer dizer com tudo isso, mas vou aceitar que só não quer se envolver comigo. — Acena e, depois de um suspiro, recua alguns passos. — Quando terminar o omelete, pode ir embora. Vou para o meu escritório.

Ainda me encara por alguns segundos, como se esperasse que eu o pedisse para ficar, mas não me vejo fazendo isso.

Quando ele percebe que não estou fazendo nenhum outro movimento, acena e se vira.

Afasta-se com passos lentos, mas decididos, para fora da cozinha.

Assim, posso soltar o ar que sequer percebi estar prendendo.

— Por que você é assim, Aria? — questiono em um sussurro para o nada. — Por que não pode só sustentar o que faz? Por que

tem que fugir?

Esse homem ainda vai me deixar louca.

18.

ARIA CORBIN

Os lábios do Malcolm são lindos.

Não importa por quanto tempo eu olhe para a tela desse computador em busca de algum defeito, ele ainda continua o mesmo homem sedutor pelo qual escolhi me entregar pela primeira vez.

Com um sorriso idiota no rosto, suspiro mais uma vez, vendendo dar uma entrevista.

A reportagem é de três dias atrás e o tema é sobre a ciclovia que ele irá inaugurar em breve.

Com terno e gravata, ele é ainda mais irresistível. Juro que entendo a repórter não conseguir parar de sorrir ao olhar para ele. Isso sem contar, é claro, o fato de que ela coloca a mecha de cabelo atrás da orelha a todo tempo.

Bufo.

Será que ela acredita mesmo que ninguém está vendo o quanto ela está caidinha por ele? Que horror! Logo ela, uma jornalista, jogando charme para o prefeito no meio de uma entrevista ao invés de se atentar ao seu trabalho.

— Aria! — chama Wade e eu desvio o meu olhar para o lado. Por ser horário de almoço, todos deveriam estar na ala de alimentação, mas escolhi ficar aqui, pesquisando sobre ele, como uma louca. Não é como se eu não o tivesse mandado focar na própria vida ontem. — Acabei de ficar sabendo sobre George no outro setor.

Só isso mesmo para me fazer desviar a atenção do Malcolm sendo quase engolido por essa mulher.

— O que estão falando?

— Que ele é um demônio! — diz ele, exagerando as suas expressões. — E aí o cara que me contou pediu a minha ajuda para participar de um grupo que quer denunciá-lo.

Sacudo a cabeça, incrédula.

— Estamos há dois anos passando por todo tipo de coisa nessa empresa por causa dele. Eles acham que a gente nunca quis fazer nada sobre isso? — Wade suspira junto comigo. — Se não fizemos é porque temos um emprego para manter. Que cansativo.

Isso é tão ridículo e ao mesmo tempo egoísta que não quero ser uma das pessoas a lidar com o problema.

Só desvio o olhar para onde eu estava focada, voltando a encarar a tela mostrando o dono dos meus pensamentos mais proibidos.

— Eu disse para ele que não podia contar comigo — diz ele.

— Fez certo.

Coloco os fones no meu ouvido e volto a atenção à entrevista com Malcolm.

Noto a maneira como a jornalista tenta se aproximar dele, como tenta tocá-lo e isso me deixa revoltada por um instante.

— Como alguém pode ser tão assim, antiprofissional? — questiono alto, dando voz aos meus pensamentos. — Ela está sendo filmada e mesmo assim não se intimida.

Sinto a cabeça do Wade tocar o meu ombro.

— O que é isso? — Pela minha falta de resposta, ele a encontra em segundos quando afasto um pouco a minha cadeira e

dou espaço para que possa assistir o mesmo que eu. — O prefeito? Você está vendo uma entrevista do prefeito?

O seu tom é mais de incredulidade do que qualquer outra coisa.

É também porque passamos tanto tempo trabalhando sem hora certa para sair, que é impossível pensar em política ou qualquer outro tipo de assunto.

Ele não sabe, entretanto, que estou interessada na pessoa física e não nos seus projetos para a cidade.

— Preste atenção nessa entrevistadora — digo, apontando para a tela, no exato momento em que ela pega no braço dele e o puxa para perto de si. — Que oferecida.

Wade bufa mais uma vez ao meu lado.

— E você é maluca. — Afasta-se de mim e volta a sentar no seu espaço. — O que diabos quer com isso?

O que eu quero?

Não sei.

Estou viciada nesse homem de um jeito que não consigo parar de consumir todos os conteúdos relacionados ao seu nome, porque essa é a única forma que posso estar perto dele agora.

Obcecada ao ponto de não conseguir fechar os olhos e não sonhar com qualquer outra coisa que não sejam as suas mãos explorando cada centímetro meu, a minha cabeça parece que foi dominada por um vírus chamado Malcolm Walker.

Ele é alguém que eu não posso ter, mas que desejo com gana.

E esse é o maior inferno da minha vida.

*

É impressionante como as coisas acontecem comigo o tempo todo.

A maré de azar que, às vezes, domina a minha vida é surreal.

Como qualquer cidadão de Newark poderia pensar que, diante um clima quente, com o sol no alto no seu mais pleno esplendor, tudo pudesse mudar?

Cheguei na empresa fugindo do sol.

Saí dela, entretanto, correndo o mais rápido que podia para me esquivar da chuva. *É uma merda!* Ao sair do ônibus, em Forest Hill, na parada mais próxima da casa do Malcolm, a chuva se intensificou.

Encharcada, procurei alguém para abrir a porta por dentro para mim, mas não encontrei. Toquei a campainha, desesperada, porque não podia molhar os equipamentos na minha mochila, e depois de longos minutos tentando protegê-la com o meu próprio corpo, o segurança apareceu.

Com o corpo trêmulo pelo frio, caminhei a passos curtos para o corredor que dá acesso à porta da cozinha.

— Ei, ela está fechada por dentro — alerta o segurança. — Entre pela porta da frente.

Ele poderia ter dito isso antes, não é?

Respiro fundo e sigo para ela. O problema é que estou pingando e isso vai sujar todo o meu caminho para dentro.

Não importa.

Trabalho aqui, afinal.

Empurro a porta e entro na casa. Não há ninguém na sala de estar e isso me faz suspirar, antes de fechar a porta atrás de mim.

Com cuidado entro no casarão e me encaminho direto para a cozinha, mas é ao chegar na sala de jantar que me deparo, de repente, com a figura imponente de Malcolm Walker, sentado à mesa, com os dois cotovelos sobre ela.

O seu olhar recai sobre mim em segundos.

— Aria? — chama e eu até tento fugir, Deus é testemunha que desvio o meu olhar do seu e acelero os meus passos, mas ele me alcança. — Céus! Está encharcada.

O meu coração bate acelerado demais e eu sinto que o meu rosto começa a queimar, quando ele segura o meu braço.

— Acabei pegando a...

— É melhor trocar essa roupa ou você pode pegar um resfriado.

Um leve silêncio entre nós me deixa sem jeito.

— Sim, estou... — Encaro a minha bolsa muito mais encharcada do que eu e solto um suspiro, rezando para que não tenha molhado os equipamentos também. — Só um segundo.

Apresso-me em correr com ela para os fundos e assim que estou no quarto, retiro tudo dali de uma vez.

Coloco no chão, de qualquer jeito, e vejo que as roupas que trouxe para a limpeza de hoje estão completamente molhadas, mas é por causa delas que o laptop e o ipad estão à salvo.

— Pelo menos isso — murmuro, aliviada.

Retiro tudo de dentro dela e coloco o que está seco sobre a cama.

Desvio o olhar ao redor e, ao me deparar com uma toalha estendida perto do guarda-roupas, pego-a e a uso, assim que retiro

todas as minhas peças molhadas.

— Aria? Está tudo bem? — questiona Malcolm, batendo na porta.

Engulo em seco me dando conta de que ele vai me ver só com uma toalha em torno do meu corpo e um misto de estranheza com excitação começa a me invadir.

Mordo o lábio inferior, encarando a porta.

O que você está pensando, Aria?

Não preciso de mais nenhum problema e ainda tenho a pachorra de me sentir em chamas por ele?

— Está tudo... — Respiro fundo, diante as cargas de libido que me impedem de terminar.

A minha boceta pulsa com força, como se implorasse para encontrá-lo mais uma vez. Do outro lado, ele está tão perto que eu poderia só abrir essa porta e deixá-lo entrar para me reivindicar mais uma vez.

— Vou preparar um chocolate quente. Venha tomar e se esquentar — diz ele, autoritário. Mesmo dando ordens esse homem mexe comigo.

Fecho os olhos e respiro fundo em busca de coragem.

O meu coração deve andar na mesma sincronia da minha razão ou eu não sei o que posso fazer. Se fosse assim, por exemplo, eu não pegaria nessa fechadura e não abrirla essa porta.

Assim, não me depararia com ele parado na porta, as duas mãos dentro dos bolsos, observando-me com uma expectativa que me faz sua prisioneira automaticamente.

Aria, pare! Lembre da sua tia e que você está traindo a confiança dela.

— As minhas roupas molharam — digo, presa na intensidade do seu olhar.

Ele é quem está me deixando à beira de um colapso de desejo.

— Não tem ninguém na casa além de nós dois — afirma, observando-me descaradamente dos pés à cabeça. — Finlay está há três dias no interior para ver a família dele. Restou apenas eu e o segurança da entrada.

Não sei o que acontece com o meu corpo que, quando ele para de falar, o desejo que já crescia como um louco dentro de mim, começa a aumentar três vezes mais.

— Ok — respondo com o rosto queimando.

Já não sei se é excitação ou vergonha.

Talvez sejam os dois.

Ele indica que eu passe na sua frente para seguir para a cozinha e isso me faz morder o lábio inferior.

Estamos sozinhos nessa casa enorme... em uma noite chuvosa e ele vai fazer um chocolate quente para mim.

Algo muito quente me domina. Por sorte, há cadeiras próximas a mim e tudo o que faço é sentar na primeira disponível.

Ele, a contraponto, vai para o fogão.

Observo-o em pé na frente do fogão preparando tudo como se pudesse preencher o espaço inteiro com a sua presença dominante. A imagem da mulher tocando nele volta à minha mente. Desconfortável pela lembrança desagradável, suspiro e desvio o olhar do seu corpo.

Como sou idiota.

Enquanto estou aqui louca de desejo, há inúmeras mulheres fora dessa casa desejando só um minuto de prazer ao seu lado.

— Não era novidade — sussurro.

— O que você disse? — questiona de onde está, parecendo confuso, mas dou de ombros.

— Nada — minto, sendo dominada por um mau humor inesperado.

Não sou assim.

Passo mais tempo quieta no meu canto do que qualquer outra coisa, mas nos últimos meses, diante a loucura do meu trabalho, me tornei mais irritada que o normal, à beira de um colapso nervoso, então ele aparece para piorar com tudo dentro de mim.

E zera os meus pensamentos dos problemas que deveriam ser os únicos a me monopolizar.

— Aqui o seu chocolate — diz ele, se aproximando da mesa e com a xícara em mãos. Arrasta a cadeira e senta em uma perto demais de mim. — Mas dessa vez, vou esfriá-lo para você não se queimar.

Isso é tão... quente!

O fato dele erguer a xícara para os lábios e começar a soprar não é o caso sério aqui.

A questão é o olhar que ele mantém sobre o meu rosto enquanto o faz e o quanto ele provoca sensações estarrecedoras no meio das minhas pernas. Junto-as e coloco as minhas mãos sobre elas.

Ele percebe.

— Aconteceu algo mais que queira me contar? — questiona, rouco.

— Não... — De boca aberta, vejo-o provar um gole do meu chocolate e quando afasta os lábios da xícara, desliza a língua na beira. — É...

— Tem algo com que eu estou curioso, Aria.

Seguro o ar dentro de mim em expectativa.

— Pode perguntar — responde com coragem. — Se eu puder ajudá-lo...

— Você pensa em nós?

Deveria pensar antes de responder.

Ou ponderar a razão que não me colocaria debaixo de lençóis que me traria arrependimento mais tarde.

Mas não.

Está na ponta da minha língua e fácil demais para sair.

— Sim, penso. — Sem desviar o olhar do seu, engulo em seco e solto um pouco de ar pelo nariz. — Só consigo pensar nisso.

A resposta parece ter sido satisfatória, porque um sorriso volta a aparecer no seu rosto. Deixa a xícara com chocolate quente sobre a mesa e fica em pé, então eu faço o mesmo.

Fraca, entorpecida e desejando apenas uma coisa, fecho o espaço entre nós antes que ele pense nisso.

— Aria, Aria — sussurra, enfiando a mão no meu pescoço e abaixa a cabeça até estar diante a mim. — Uma hora você não me quer e eu tento lidar com isso. Na outra, você me quer e dá o primeiro passo para...

Coragem é o que me rege agora e palavras são dispensáveis quando estamos sozinhos. É por isso que, na ponta dos pés, aproximo os meus lábios dos seus e o beijo de uma vez por todas.

É tudo doce no começo.

Tenro, posso afirmar, mas é uma vez que temos um gosto do quanto isso é viciante, que o ritmo do nosso beijo se intensifica. A

sua mão esquerda desce pelo meu corpo até que, como no dia em que me entreguei, ele segura a minha bunda com força.

Faíscas de um fogo que iria nos devorar em instantes crepitam entre nós.

Rendida como só estive uma vez na vida, e tendo sido com ele, entrego-me ao nosso beijo e permito que ele me tome para si com gana. Erguida como se não fosse nada, rodeio as minhas pernas em torno da sua cintura e, nesse segundo, sinto a minha toalha cair do meu corpo.

Ele a joga longe, ainda me beijando e caminha comigo no seu colo até que me coloca em um balcão frio. Poderia apostar que estou no mármore da cozinha, com ele entre as minhas pernas, me beijando e me tocando com desejo.

A sua ereção dura contra a minha boceta me traz lembranças boas que estiveram na minha mente todos esses dias.

— Huum — geme ainda com os lábios contra os meus e começa a se desfazer das suas peças de roupa. — Você me deixa louco.

Abro os olhos paravê-lo me encarar enquanto abre a camisa e a sua calça.

Rápido de um jeito que não estava esperando, ele tira o seu pau da calça e o massageia. O seu peito sobe e desce com uma alteração surreal. Quando volto a encará-lo, os seus olhos focam nos meus.

— O jeito que me olha... — Começa a falar, mas logo para.

Fecha o espaço entre nós e, uma vez com os lábios perto dos meus, captura-me em mais uma beijo que me faz perder a respiração.

E isso não é tudo.

Desce os dedos pelo meu corpo devagar. Toca nos meus mamilos e os aperta, como se estivesse tudo bem me torturar de prazer. Então, ele chega aonde me interessa. Com dois dedos, dedilha a minha boceta desde o meu clítoris até que paira na minha abertura.

Seguro-o contra mim com as duas mãos na sua nuca e inclino a cintura para a frente. Aceitando como um convite para intensificar as suas investidas, Malcolm os enfia dentro de mim devagar e escorrega fácil até o fundo.

Nesse ponto, não faço a menor ideia do que pensei que ele faria, mas ele começa a bombar os dois dedos em movimentos de vai e vem constantes.

Fecho os olhos, insana demais para conseguir focar em qualquer coisa que não sejam as sensações que ele provoca em mim.

— Quer gozar? — questiona ao afastar os lábios dos meus.

Aceno e quando abro os olhos, ele está sério, todo vermelho, movimentando os dedos dentro de mim com insanidade.

Desço o olhar para os seus movimentos no segundo em que uma onda de prazer me arrebata e um gemido alto inesperadamente sai dos meus lábios.

— Ohhhh! — gemo, descontrolada.

Ele, em resposta, tira os dedos dali.

Confusa pela interrupção abrupta, ergo o olhar para ele e vislumbro o segundo em que ele se perde em mim.

Cenho franzido, os lábios inclinados em um “O” e o ar preso no meio da garganta.

Malcolm pega o seu pênis e o guia para a minha vagina. Ele solta o ar quando enfia a cabeça, então, devagar, como ontem,

desliza centímetro por centímetro até que está com a sua virilha contra a minha.

Dessa vez, não há desconforto.

— Quero que seja só minha, Aria — diz rouco contra o meu ouvido. — Só minha.

Mordo o lábio inferior, tentando lidar com o significado da sua declaração abrupta. Encaro-o, mas ele logo captura os meus lábios e me beija com intensidade o suficiente para colocar essa cozinha abaixo.

Aproxima um dedo do meu clítoris e o acaricia em movimentos circulares, enquanto se move dentro de mim.

Profissional na arte de me deixar maluca, Malcolm inclina o corpo na minha direção e desliza a barba no meu pescoço, provocando ainda mais arrepios na minha pele.

Isso é tão gostoso! São tantas sensações que me sinto perdida no meio delas.

— Ai, Malcolm! — gemo, descontrolada. — Mais, por favor!

E ele faz o que peço ao mesmo tempo.

Acaricia o meu clítoris, se movimenta dentro de mim e arrasta beijos indecentes no meu pescoço, com a sua barba me pinicando e causando arrepios. São três tipos de sensações diferentes ao mesmo tempo dentro de mim e eu só consigo abrir mais as pernas para sentir o máximo dele.

De repente, então, ele segura o meu pescoço com a outra mão e eu não fazia a menor ideia que, enquanto ele a aperta em torno do meu pescoço, adicionaria uma quarta sensação arrebatadora a esse combo maluco de desejos.

Logo, a maior sensação de todas me pega e eu estou entregue, gemendo como um animal no cio até que a realidade é

retirada de mim com um baque ensurdecedor do prazer máximo que ele me proporciona.

— Vou gozar com você — murmura ele, se movimentando com mais intensidade e aumenta o aperto no meu pescoço.

Sou dominada ao ponto de sentir os meus olhos revirar.

— Ahhh! — grito, dopada de tesão. — Não para! Não para!

Acho que ele disse algo, mas não me importa, o clímax me atinge tão logo ele acerta o ritmo perfeito em combinação do meu clítoris e as suas investidas fortes, brutais.

— Gostosa — murmura, rouco, diminuindo os seus movimentos devagar. — E isso não acaba aqui, agora.

Mole, deixo o meu corpo cair para trás devagar, mas ele me puxa.

De repente, estou contra os seus lábios em um beijo intenso, enquanto o seu pau pulsa dentro da minha boceta.

— Me diga que não vai embora agora, pelo amor de Deus — diz ele, encostando a testa na minha.

— Nem se eu quisesse, conseguiria — responde com sinceridade.

Em segundos, ele me tira de cima do balcão e me sustenta nos seus braços.

— Vai se preparando para ser minha pelo resto dessa noite e gozar muito na minha boca.

Ele não faz ideia do quanto essa ideia me excita.

Poderia implorar por isso agora mesmo, mas não preciso.

Aproximo os meus lábios dos seus e o beijo em resposta.

Não há nenhum outro lugar onde eu queira estar agora e isso é um fato.

19.

ARIA CORBIN

Acordo ao seu lado, sentindo os seus braços pesados em torno do meu corpo.

Com o meu corpo pesado, as pernas tão relaxadas quanto o resto dos meus membros, solto um suspiro leve. Acho que, em dois anos, essa é a primeira vez que consigo dormir e relaxar na mesma proporção.

Só pelo meu sono não ter sido interrompido pelo barulho surreal de um papagaio, já é o bastante para me fazer sorrir, mas agora há um homem do meu lado.

E que homem.

A probabilidade mais inesperada de toda a minha existência.

Tenho certeza que a posição que ocupo agora é o sonho de qualquer mulher desta cidade.

Ele se mexe ao meu lado e o seu braço em torno do meu corpo me aperta, puxando-me para ficar mais próxima dele.

— Está acordada? — questiona com a voz rouca, causando arrepios automáticos na minha pele.

— Sim.

Em qualquer outra circunstância dessa vida, deveria estar ao menos um pouco envergonhada, mas é impressionante que consigo me virar na cama até ficar de frente para ele.

Com o seu olhar em contato com o meu, ele aproxima os seus lábios até que um selinho delicioso provoca um novo alçar de voos no meu estômago.

É um sentimento estranho e inédito.

— Que horas entra no trabalho? — questiona e é o bastante para me fazer voltar a si.

O meu trabalho!

Em segundos, afasto-o de uma vez e, depois de puxar o lençol da cama para me cobrir, pulo para fora dela.

O meu coração está batendo em desenfreio. *Não posso me atrasar!* Mesmo que o supervisor novo seja um cara incrível e que pareça muito respeitador, ainda não quero correr o risco de ser chamada a atenção na frente de todo mundo.

A última vez que passei por isso foi horrível.

E foi o bastante.

— Meu Deus! — grito, assustada. — Que horas são?

Desvio o olhar ao redor do quarto em busca de um relógio, mas não encontro nada no meu campo de visão que possa me indicar as horas.

— Calma, mulher, posso deixá-la no trabalho.

Sacudo a cabeça, em negação.

Ele só pode ser maluco! E os seguranças? O que eles vão pensar ao ver a empregada da casa entrando no carro do patrão?

— Não quero que Finlay me veja com você. — E em citá-lo, arregalo os olhos automaticamente e paro de andar para a porta. — E se ele estiver lá embaixo?

O suspiro pesado de Malcolm me faz virar para encará-lo todo esticado na cama, com a sua ereção dura e as duas mãos embaixo da cabeça.

Sentido o calor subir pelo meu rosto, desvio o olhar dele e foco em qualquer outra coisa.

— Fique tranquila. Ele está viajando.

Ok, agora posso respirar.

Pensar na menor possibilidade dele saber disso e contar para a minha tia, é ter a minha mente entrando em colapso.

Não conseguiria fazer mais nada hoje se isso acontecesse.

Mas, até ontem à noite havia um profissional trabalhando na casa. Oh, meu Deus! E se ele entrou para me procurar ou pedir alguma coisa? Se lembro bem, a toalha ficou jogada de qualquer jeito no chão da cozinha e a porta do meu quarto ficou aberta.

Aria, sua irresponsável!

— E se ele tiver visto? — questiono, sem conseguir parar de ilustrar a cena na minha cabeça.

— Ele quem?

— O segurança. E se ele tiver visto a toalha... a porta do quarto aberta com as minhas peças joga... — Que inferno! Eu deixei tudo no chão de qualquer jeito. Como eu vou trabalhar? — Por que eu não pensei nas coisas?

Malcolm se move na cama até que está na beirada. Com o seu olhar focado no meu rosto, levanta dela e pega uma calça de moletom sobre a poltrona ao lado.

— Ele não viu nada — garante, com o olhar intenso no meu rosto. — Assim que adormeceu, desci e reuni as suas coisas na secadora dos fundos. Já deve estar tudo seco, incluindo a sua farda.

A minha boca cai aberta de surpresa.

— Você fez o quê?

Ele dá de ombros ao invés disso.

Coloca um sorriso safado no rosto e, enquanto estou hipnotizada demais o observando se aproximar, morde o lábio

inferior.

Uma vez parado de frente para mim, puxa-me para os seus braços e desce os seus lábios para os meus. O meu coração acelera uma batida drástica demais para a minha razão atuar. Débil, boba e conquistada sem muito esforço, retribuo ao beijo carinhoso igual, mas não dura muito.

O celular dele toca e é o bastante para afastá-lo de mim.

— Acho que é a hora de você ir se vestir — diz ele com um sorriso de lado. — Ou vai acabar se atrasando.

Mordo o meu lábio inferior, ainda perdida nos seus lábios tão bem desenhados.

— Desça primeiro e veja se há alguém — peço, apontando para a porta.

Encara-me por alguns segundos como se ponderasse o que há por trás do que estou dizendo, mas logo abre um sorriso e se afasta do quarto.

O que isso significa?

— Aqui não há ninguém, senhorita Corbin — diz ele do outro lado da porta e eu arregalo os olhos.

Se houver, o que vão dizer?

— Pare de falar o meu nome — murmuro de dentro do quarto.

Vejo-o com a calça pendendo na sua cintura, enquanto desce as escadas apressado. Respiro fundo com o meu coração batendo acelerado no meu peito, então depois de alguns bons segundos, ele retorna. Para no alto das escadas com uma mão na cintura e me observa com um sorriso de lado.

Ele deveria parar de me provocar assim!

— Como eu disse, não há ninguém — afirma e eu abro a porta.

Saio dali a passos rápidos para descer as escadas, mas ele me segura antes que eu consiga terminar o caminho. Com o meu braço no domínio da sua mão, puxa-me para colar o meu corpo contra o seu e me beija com fome, desejo.

Poderia me perder nesse beijo com uma facilidade que nunca senti antes, passar dias pendurada na boca desse homem, mas não posso.

Tenho que ir trabalhar!

E é por isso que o afasto.

— Depois — sussurro em resposta e, logo, corro para o quarto dos fundos.

Reservo um tempo para tomar banho e tento ser o mais rápida. Logo que saio, encontro as minhas roupas sobre a cama, lugar que não estava antes, quando entrei.

Solto um suspiro e sorrio, como uma boba encantada por um homem que, com certeza, não se interessa tanto assim por mim.

Para ser sincera, sequer entendo o motivo pelo qual ele ainda está aqui ou o porquê me encara como se eu fosse a mulher mais linda do mundo.

Ele tem várias outras disponíveis que são bem mais interessantes do que eu. Por que ele se encantou logo por mim?

Seria um sonho se isso fosse verdade, mas não posso deixar os meus pés longe do chão nesse caso.

A realidade que me cerca é diferente.

Sacudo a cabeça, expulsando esses pensamentos e visto a mesma roupa de ontem com rapidez. Logo, arrumo a minha mochila e coloco tudo o que preciso nela.

Dou uma rápida conferida na tela do meu celular e noto que ainda tenho trinta minutos para chegar.

E isso só é bom para o fato de que não estou atrasada.

Mas estarei em breve, levando em consideração que, até que eu pegue um ônibus, esse tempo já vai ter acabado.

Droga!

— Deveria ter colocado o despertador, Aria! — murmuro para mim mesma.

O papagaio nessas horas até que faz falta.

Apresso-me em sair do quarto com as coisas e é tão logo abro a porta, que sinto um cheiro delicioso de ovo frito. Ele está cozinhando?

— Vou deixá-la no trabalho — afirma ele, tão lindo que me deixa em uma posição difícil na decisão de sair daqui. Ele poderia ser emoldurado para sempre que não perderia a graça para ninguém! Juro. — Sente-se para tomar café.

Mordo o meu lábio inferior.

— Não posso — afirmo, segurando as alças da minha mochila, nervosa. — Estou quase atrasada. E... isso não pode acontecer dessa vez.

Ele suspira e desliga o fogão.

— Me espere. Vou vestir uma camisa e já volto.

Abro a boca para dizer que ele não precisa fazer isso, mas não dá tempo.

Só se afasta da cozinha a passos rápidos e se perde ao correr em direção às escadas.

Isso é tão perigoso.

Preparou o café, correu para se vestir e ir me deixar no trabalho... é tão gentil da sua parte que isso pode me deixar mais mole por ele do que já estou.

Essa constatação é como desbloquear algo novo na minha cabeça.

Ele já fez muito por mim e para proteger o meu coração, levando em conta quem ele é, o que faz e o mundo que nos separa, a minha melhor opção agora é me afastar.

E se eu me apaixonar?

O que vou fazer com um sentimento como esse, quando sei que nunca serei correspondida?

Ele é o prefeito da cidade, Aria! E você é só uma... assalariada mal paga, pelo amor de Deus, vá embora de uma vez.

E é com esse pensamento que vou sem olhar para trás.

20.

ARIA CORBIN

— Filha, você se alimentou antes de ir para o trabalho? — questiona a minha tia do outro lado da linha, enquanto caminho a passos muito rápidos para as dependências da empresa.

O meu coração aperta ao ter que mentir para ela.

Omitir a verdade da minha tia ou inventar uma desculpa esfarrapada é o mesmo que me deixar à beira de uma crise surreal de consciência.

Ela não merece nada disso, principalmente depois de todas as coisas que já passamos no decorrer desses anos juntas.

Só ela e eu.

Eu e ela.

— Vou tomar um café agora, tia — digo a verdade. Não tive tempo de comer nada, porque corri para longe dele como se as minhas pernas tivessem vida própria e, por muita sorte, o ônibus que me trouxe para o trabalho estava ali parado. — Estou na frente da empresa.

Há um silêncio do outro lado da linha.

— Conseguiu dormir?

Queria poder dizer que dormi como nunca nesses últimos dois anos, desde que comecei a trabalhar nessa empresa, mas escolhi guardar essa informação para mim, afinal ela não precisa saber disso e muito menos dos motivos que me levaram a tal feito.

Ou do quanto estou sendo uma traíra com a sua confiança.

— Sim, tia... foi um pouco estranho porque não consigo ficar longe de casa, mas é adaptável.

Que mentirosa terrível eu sou!

— Tudo bem, filha. — Pigarreia, diante a sua pausa. — Hoje é o dia do pagamento do meu salário e eu vou fazer uma transferência para você poder pagar o aluguel para o dono da casa. Ok?

É, tem isso.

A minha moral entra em questionamento quando o dinheiro entra nessa questão.

Sim, sou assalariada e a minha tia trabalha para ele. A questão é que, em todos esses dias em que estou trabalhando nos dois turnos, foram poucos os que eu trabalhei de verdade.

E se isso gerar algum desconto? Ou se, sei lá, ele resolver descontar uma boa quantia? O que eu faço com isso?

— Tudo bem, tia — respondo, ao invés disso. — Agora tenho que ir. Até mais.

— Até, filha. Não esqueça de se alimentar.

Suspiro e, depois de me despedir, encerro a ligação.

Por que a minha vida tem que ser tão complicada o tempo inteiro? Inferno!

Estava indo tudo tão bem, mas eu tive que me envolver justo com o chefe! Isso é tão embaraçoso, que não faço ideia de como resolver.

Entro nas dependências da empresa e solto um suspiro quando consigo bater o ponto faltando dois minutos para o horário limite, então corro para o andar em que trabalho. O fluxo de pessoas ao redor está bem maior que o normal e isso me preocupa.

Será que aconteceu algo?

Com o cenho franzido e chutando para o lado a quantidade de problemas que me perturbam, caminho para o corredor que me leva até o meu setor.

— Quem ousou fazer isso?! — grita alguém muito irritado e eu arregalo os olhos, assustada. — Quem está tentando me prejudicar?!

O meu coração bate mais forte e, dessa vez, não é nada além de medo.

— Juro que vou encontrar essa pessoa e quando eu o fizer...
— Conheço essa voz muito bem.

Passei dois anos a escutando e tendo como a representação mais desumana de tortura.

— Calma, George... isso é...

Passo pelas pessoas e consigo ver na frente da minha sala de trabalho o antigo supervisor com as duas mãos na cintura..

Céus!

— Isso é coisa desses malditos sem consideração! — Arregalo os olhos quando ele aponta ali dentro. — Foram eles que fizeram isso comigo, mas eu juro que vão pagar!

Engulo em seco, vendo-o ser empurrado pelo gerente do setor.

— Mantenha a calma ou usarão contra você — diz ele, segurando-o com força.

George fecha os olhos, então.

— Isso não vai ficar assim! — grita ele com o rosto vermelho, encarando dentro da minha sala.

Solto o aperto do gerente do seu braço e caminha a passos rápidos para longe.

O assombro das pessoas vendo essa cena é coletivo e eu não faço a menor ideia do que isso significa agora.

Ele só pode ter ficado maluco de vez!

— Aria! — chama Wade ao me ver. Assustado, sai dali e me puxa do meio de todo mundo. — Graças a Deus que ele não te viu. Se o fizesse, não duvido que teria agredido você tamanha raiva que está sentindo.

Em choque e sentindo o meu coração acelerado, aceito que ele me conduza para dentro da sala e, em seguida, o novo supervisor a tranca.

— Preciso saber se algum de vocês fez essa postagem — diz ele, encarando-nos.

Desvio o olhar para Wade, que engole em seco.

— Do que ele está falando? — questiono em um sussurro e ele aponta para a tela do seu próprio computador.

Afasto-me um pouco para o lado e vejo uma postagem no fórum da empresa com um título que diz “O supervisor de equipe George Hartman é o pior profissional da *Sterling Enterprise* e eu posso provar”.

Arregalo os olhos, surpresa com fotos dele nos repreendendo nessa mesma sala.

Tem um vídeo, inclusive, dele chamando a minha atenção e com o dedo na frente do meu rosto, enquanto eu choro e ele grita como um louco descontrolado.

Céus!

— Como alguém tinha vídeos disso? — questiono, surpresa.

— Bem, isso é algo que quero saber também — afirma o supervisor atual. — Não quero que entrem em problemas, mas ao que tudo indica, é o que vai acontecer.

Wade suspira, com as duas mãos na cintura.

— Nos procuraram várias vezes na última semana para que fizéssemos uma denúncia contra ele — diz ele e eu arregalo os olhos.

— Wade! — repreendo, desviando o olhar para o novo supervisor. — E se isso prejudicar as pessoas de lá? Ele vai como um louco até eles.

Ele dá de ombros, pouco se importando com o fato.

— Contanto que não seja aqui, eu não me importo. Não podemos pagar por algo que não fizemos. Não vê como ele está furioso? Quem sabe o que esse homem pode fazer.

Suspiro, sem saber o que pensar.

Ao que tudo indica, não tem uma forma da minha vida ser ao menos um pouco monótona, não é?

Paz? Onde ela está? Agora o meu maior sonho é tê-la.

*

— Olá? Tem alguém aqui? — questiona uma voz feminina ao se aproximar da cozinha.

Desde que cheguei, Malcolm está ocupado no seu escritório com um grupo de pessoas. Acho que devem estar discutindo algo sobre a cidade ou algum projeto, porque pelo pouco que vi, há até apresentações de slides.

O homem, mesmo concentrado, com um mundo confuso ao seu redor, continua lindo. E eu não consigo apenas evitar me sentir à beira de um precipício a cada segundo em que desejo tê-lo mais uma vez.

O tempo vago que tenho é dedicado a ele.

O ex supervisor, a minha tia, os julgamentos, as minhas mentiras, as dívidas... tudo some muito rápido da minha cabeça quando o assunto é ele.

Foquei em preparar o jantar e não quis saber muito do que está acontecendo ali, afinal, tenho tantos problemas na minha cabeça agora, que mal consigo administrar tudo. Embora eu tenha que enfrentá-lo depois de ter saído nessa manhã sem esperá-lo, não consigo evitar a minha consciência pesada por receber o pagamento da minha tia e não ter feito muito por isso.

— Sim, há. — Enxugo as minhas mãos no avental sobre o meu ombro e me viro. — Precisa de algo?

Bem, eu só não esperava me assustar tanto ao ver a mulher que pisa aqui.

— Um pouco de água, por favor — pede, doce, com um sorriso de lado e eu não consigo deixar de me sentir envergonhada por ela.

Deus, eu a vi no colo dele, gemendo horrores e...

Sacudo a cabeça e me aproximo da geladeira para pegar o que ela quer.

Derramo o líquido em um copo de vidro e me aproximo dela, evitando contato visual, porque não sei se posso olhar para ela sem lembrar do que vi e não ficar toda vermelha.

— Aqui.

Entrego e me apresso em me afastar.

Ela é a mulher que estava nua sobre ele.

A mulher que ele colocou a boca no seio, enquanto me encarava.

Sinto-me um pouco incomodada em pensar nisso.

— Você trabalha aqui há muito tempo? — questiona de repente e eu solto um suspiro, voltando a picar os legumes.

— Algumas semanas — respondo ao invés disso.

Sinto que ela se aproxima.

— Já viu alguma mulher aqui? — A sua pergunta me pega de surpresa de um jeito que, por um segundo, quase me corto. — Ou sabe se ele se envolve com alguém?

Desvio o olhar para ela e, pela forma que me encara cheia de expectativa, não consigo impedir a velocidade com que os meus pensamentos decolam.

Que tipo de pergunta é essa? O que ela quer com isso? Ainda está interessada nele? Eles tem um caso? As perguntas chegam sem avisar.

— Eu...

Ela não me deixa terminar.

— Ela é bonita? — A curiosidade genuína é explícita no seu rosto.

Até outro dia ela estava com ele e...

Bem, é até bom pensar nisso, afinal eu não estava pensando muito sobre o fato de que ele pode ter outras amantes e que sou só mais uma dentre várias.

— Não sei do que está falando — afirmo e desvio o meu olhar do seu.

Parecendo determinada a não deixar isso para lá, ela se vira contra a pia e cruza os braços na frente do peito.

— Ele é lindo, um herdeiro bilionário e desejado por mais da metade das moradoras dessa cidade. É claro que não ficaria solteiro por tanto tempo... — Viro o rosto e a encontro mordendo o lábio inferior. — Se eu tivesse uma chance, o tomaria para mim com toda

a força e esmagaria quem tentasse se meter entre nós. — Com um sorriso, cutuca o meu braço. — Não me diga que você não.

Encaro-a, impossibilitada de contribuir para essa conversa.

O quê?! Ela diz isso com tanta facilidade olhando para a droga do meu rosto? Quem é capaz de falar de outra pessoa desse jeito? E, pior, como se fosse tão normal?

— Monny! — grita alguém, cuja voz desconheço e ela sorri.

— Estou indo, querido!

Ela deixa o copo sobre a pia e se inclina na minha direção com um sorriso.

— Se você aceitar ser a minha espiã aqui dentro, posso até te dar uma promoção quando eu casar com ele — diz ela, piscando um olho para mim.

Ela vai casar com ele?

Bufo, irritada de um jeito que não me lembro de já ter estado em toda a minha vida.

Seguro a faca com força, quase como se pudesse usar para machucar alguém.

É claro, Aria, há mulheres assim querendo consumir tudo o que puder dele. O que você achou? Que seria a única?

Acorda, princesa. Essa é a realidade.

21.

MALCOLM WALKER

— Aria? Onde você está?

O campo cheio de árvores e flores é uma confusão agradável de tons de amarelo e laranja. Não sei ao certo como chegamos aqui, mas tenho certeza de que ela está em algum lugar. Disse várias vezes, olhando nos meus olhos, que amaria vir até aqui e eu a trouxe, como um bom tolo apaixonado faria.

Sigo com os pés descalços, pisando entre as diversas plantações macias e me deparo, de repente, com a mão dela erguida entre elas.

— Estou aqui — grita, sacudindo-a.

Com um sorriso, feliz por finalmente encontrá-la, corro até ela.

Encontro-a olhando para o céu ensolarado e com as duas mãos para cima da cabeça.

— Procurei você por todos os cantos e não a achei — digo, deitando-me ao seu lado. — Como você sai e não deixa sequer uma nota avisando? Posso morrer de preocupação.

Ela dá de ombros, exibindo o sorriso mais lindo e feliz da minha vida.

— Precisava ver o nascer do sol daqui. — Aponta para as montanhas mais afastadas. — Já viu como esse lugar é lindo?

Como eu poderia olhar para qualquer lugar que não fosse exatamente onde ela está? É impossível. O seu rosto, os seus lábios perfeitamente desenhados só para mim, atraem toda a minha atenção.

É claro que essa paisagem não tem um segundo do meu olhar.

Ela é a única que possui tudo.

Tudo de mim.

— E se torna ainda mais lindo por sua causa. — Ela volta o olhar para mim, então. — A folha mais incrível dessa imensidão colorida.

A sua gargalhada é como música para os meus ouvidos.

E eu juro, por tudo que é mais sagrado, que não poderia ser mais feliz.

*

— Malcolm?

Mexo-me contra a minha vontade, quando sou sacudido na cama.

— Malcolm! — grita alguém agora perto do meu ouvido e sou arrancado do sonho mais incrível que já tive.

Céus!

Ser acordado abruptamente me irrita em níveis extremos, mas curiosamente abro os olhos e me mexo na cama com uma tranquilidade surreal demais para mim.

— O que aconteceu? — questiono, suavemente.

O meu peito está leve.

— Temos que dar continuidade ao projeto, lembra? — Archer solta um suspiro, escolhendo as melhores palavras para tratar comigo. — Levante. A equipe inteira já está trabalhando lá embaixo.

Suspiro, odiando ser retirado da zona mais deliciosa que já vivi.

Nunca tive um sonho tão gostoso assim antes e que me fizesse acordar como se ainda não tivesse saído dele. Isso, para mim, significa tudo.

Achei que se trouxessem a equipe para trabalhar na minha casa de sexta à domingo, conseguiria descansar mais e até vê-la, já que essa é de caráter mais urgente do que as que podemos desenvolver com o tempo.

— Estou indo. Vou tomar um banho — afirmo e ele, logo, acena.

Sai do quarto e eu me levanto.

Caminho para o banheiro, onde tomo um banho rápido e as lembranças desse sonho retornam para a minha cabeça mais uma vez.

Ela estava no centro dele e era minha.

Talvez eu esteja louco, mas é algo que só me faz sentir como se nada mais fizesse sentido.

Uma vez arrumado, não perco tempo e desço as escadas rapidamente.

Percebo que a mesa já está preparada e eu não lembro de ter pedido nada. Os membros da equipe concentrados no meu escritório já devem ter se alimentado.

Procuro-a na cozinha e a encontro lavando algumas louças, entretida no seu trabalho. Com um sorriso imediato, fruto da felicidade que preenche o meu peito apenas por vê-la, aproximo-me de onde ela está.

— Bom dia — cumprimento-a com calma, mas ela se assusta.

Vira o rosto para mim e noto, automaticamente, a seriedade ali.

— Bom dia, senhor. — Paro de andar para encará-la e ver o seu olhar cerrado e desconfiado. Ora, de onde veio isso? O que eu fiz dessa vez? — Precisa de algo?

Poderia responder que preciso apenas dela, mas levando em consideração que há pessoas na casa, preciso me controlar.

— Aconteceu alguma coisa? — questiono, curioso, mas ela solta uma longa respiração pelo nariz.

— Não.

Monossilábica... isso não está certo.

— Eu acho que....

— Malcolm, querido? — chama Monny ao se aproximar da cozinha. — Estamos esperando por você.

A sua voz doce me faz suspirar, sem conseguir acreditar que ela realmente não aprendeu a lição, quando coloquei naquele contrato que a faria ficar longe de mim.

— Estou indo, Monny — respondo, grosso.

— Tudo bem, querido — insiste, mantendo a voz doce, como se tivesse algum tipo de intimidade.

Não sei se ela se afasta, mas como Aria se mantém séria, lavando as louças, só posso fazer o melhor no momento, que é me afastar e fingir que não estou obcecado pela moça.

Sento à mesa e tomo o café da manhã que ela preparou. Com satisfação ao descobrir o quão bom são os pratos que ela fez, degusto calmamente para aproveitar com cuidado e satisfação algo feito por aquela que hoje faz morada nos meus pensamentos.

Archer surge minutos depois para me arrastar para o escritório e é onde sou mantido ao longo da manhã e da tarde, estudando e

decidindo o que faremos com o projeto de desenvolvimento de um bairro em específico que foi muito afetado pelas últimas chuvas.

Conseguimos construir o necessário às quatro horas da tarde. Aproveito que não há muito que eu preciso decidir e levanto para me esticar.

— Não quer relaxar um pouco lá fora? — questiona Monny e eu juro que tento não levá-la para uma outra interpretação.

— Sim, irei... — Ela levanta, provavelmente querendo ir comigo. — Sozinho.

Se era da sua intenção me seguir, foi cortada no ato e na frente de todo mundo.

— Archer? — chama um dos caras da equipe, olhando ao redor. — Onde está ele?

Desvio o olhar pela sala e não o encontro em lugar algum.

Saio da sala para procurá-lo, mas ele não está nem na parte externa, nem na sala, o que é estranho. Sentindo a minha cabeça martelar, caminho para a cozinha e o encontro com as duas mãos apoiadas na pia, enquanto encara Aria, como um grande desgraçado que é.

Esse maldito.

— Eu acho você linda — diz ele e pela forma como a encara, eu juro que isso é um flerte.

Se Deus é pai e eu o honro, Archer vai ser demitido em segundos.

— É exagero seu — responde Aria, juntando algumas panelas na parte de cima das prateleiras. — Sou só uma mulher normal.

Não acredito que estou escutando um absurdo desses e a vendo com um sorriso no fim! Ela está sorrindo para ele?

Não é possível, meu Deus.

— Exagero é uma mulher linda como você não ser uma modelo ou atriz de televisão.

Ela ri, então.

E esse aqui é o meu limite.

Diante um coração que bate como se estivesse correndo a mais de duzentos quilômetros por hora em uma maratona, sinto a minha veia pulsar com força, tamanha raiva que estou sentindo.

— Archer! — grito e ele se assusta o suficiente para que se vire para mim de olhos arregalados. — Pegue todo mundo e saia da minha casa agora!

Ele abre a boca, o rosto avermelhado, mas eu não tenho muito o que fazer.

Ou ele sai da minha frente agora, ou eu bato nele até caírem todos os dentes da sua boca maldita.

— Malcolm...

— Eu não quero ouvir uma palavra! SAIA!

22.

MALCOLM WALKER

Estou respirando o mais puro ódio.

Todo mundo vai embora junto com ele e é quando escuto o portão de fora ser trancado que posso finalmente fechar os olhos e tentar respirar.

Enquanto isso, Aria está na minha frente com uma expressão que denota qualquer coisa, menos que ela entende essa situação entre nós.

Ao contrário do que eu poderia imaginar, ela não parou de preparar algo na panela ao seu lado.

— Desde quando conhece Archer? — questiono depois de um tempo.

Ela dá de ombros sem parar.

— Soube da existência dele somente hoje — responde como se não fosse nada.

Tento, do meu mais profundo ser, controlar o meu temperamento, mas me sinto incapaz diante esse sentimento confuso que balança o meu coração.

— E já gostou dele assim tão rápido?

Ela se vira para mim como um raio quando acabo de falar.

Furiosa, coloca uma mão na cintura e com os olhos cerrados, se aproxima de mim.

— Está querendo dizer o quê? — questiona com um tom de voz duro, que pode significar um mundo de coisas, mas que excita

um inferno dentro de mim.

Que faceta nova é essa?

O tesão queima cada centímetro da minha pele até o meu pau, me deixando excitado pela mulher brava a minha frente.

— Não estou querendo dizer nada. Fiz uma pergunta e espero uma resposta.

Ela fecha os olhos e respira fundo.

Acho que está pensando no que me responder. De repente, sinto as minhas mãos trêmulas, ansiosas para saber o que vai sair da sua boca.

A adrenalina me comanda nesta interação completamente sem noção.

— Só pode estar ficando maluco — responde e se afasta de mim. — Está pensando o quê? — Uma vez ao lado da mesa, com o rosto vermelho e os olhos inflamados por uma raiva genuína que só a deixa ainda mais linda, cruza os braços na frente do corpo. — Não sou como você!

Ok, de onde veio isso?

— Do que está falando?

— Do que você está falando?! — questiona, aumentando o tom de voz e eu arregalo os olhos, sentindo meu coração bater cada vez mais forte. — Você é quem está insinuando que eu tenho algo com esse tal de Archer! — Então, ela se aproxima de onde estou e para a poucos passos de distância do meu rosto. — Quem se envolve com várias pessoas ao mesmo tempo é você!

Surpreso, arqueio as sobrancelhas, sentindo o meu coração acelerar.

— Com quem eu me envolvi? Acho que me perdi aqui.

Ela bufa, parecendo ultrajada.

— Acho que me enganei sobre você — afirma e, antes que eu possa entender a situação, ela retira o avental. Joga-o de qualquer jeito no chão e começa a se afastar. — Não é capaz de sequer assumir o que faz.

Essa acusação me deixa tão surpreso que não faço a menor ideia do que pensar.

Ela está falando sobre mim? Realmente?

— Você está maluca?

Ela se afasta em resposta, mas aigo e intercepto o seu caminho, antes que entre no quarto. Viro-a para mim e aproximo o meu rosto do dela.

— Como você chegou a essa conclusão? Não me envolvi com mulher nenhuma desde que...

Ela sacode o braço, livrando-se do meu agarre.

— Pare de mentir! A sua amante está aqui desde ontem.

E se vira, mais uma vez querendo se afastar de mim.

Mas não.

Ela não iria longe assim.

— Vem aqui, vamos conversar... — peço, mas ela me empurra.

— Não tenho nada para conversar com você! — A sua raiva é explícita e o ciúme também. — Seu babaca! Como tem coragem de insinuar que eu estou me aproximando de alguém com facilidade? Antes de você, eu era virgem. Não sei se lem...

Não aguento.

Aproximo o meu rosto do dela e capturo os seus lábios com os meus.

E por mais que a minha intenção fosse apenas interrompê-la para que me escutasse, o beijo se tornou bruto, insano, territorial de um jeito que eu não imaginava que seria.

De repente, a tenho contra a parede e, prestes a explodir de tanto tesão, deslizo as minhas mãos pelo seu corpo gostoso. Conheço-o com uma perfeição incrível e, mesmo não tendo me envolvido com ela várias vezes, não consigo parar de pensar nela.

— Você me deixa louco — murmuro com sinceridade e ela me puxa de volta para os seus lábios.

Aperta a minha cabeça com uma força surreal e me mantém como um prisioneiro dos beijos mais excitantes e entorpecedores da minha vida.

Não imaginava que poderia viver algo assim, mas a adrenalina que pulsa no meu peito é tão forte que sou empurrado, sem razão alguma, apenas a segurá-la contra mim como se algo pudesse, não sei, tirá-la de mim a qualquer segundo.

Talvez tenha sido isso que tenha feito eu expulsar Archer daqui tão rápido.

Ela sorriu para ele e eu odiei que o tenha feito para um cara que não seja eu.

Um gemido involuntário seu me traz de volta ao nosso momento e, se antes eu já estava louco, agora estou mais ainda.

Derrotado, rendido e completamente entregue à ela, sinto-a tatear a frente da minha calça até que desfaz os botões. Desce-a o suficiente para arrastar a minha cueca para baixo e, então, segura o meu pau.

Com força, ela o estimula e eu juro que se ela fizer isso por mais tempo, perco o controle e gozo aqui mesmo, no meio desse corredor e na sua mão.

— Aria... — gemo, mas ela parece que, não sei, virou outra pessoa.

A mulher tímida e doce de antes me afasta por um segundo. Olhando nos meus olhos, tira a calça leggin que recheava a sua bunda de um jeito insano para a minha mente e, junto com ela, abaixa a calcinha.

Em seguida, passo a passo, ela faz o mesmo com a camisa solta.

Quando me dou conta, a mulher está completamente nua na minha frente e o meu pau pulsando com tanta força que, a qualquer segundo — e eu literalmente estou querendo dizer isso —, posso gozar nela.

Fecha o espaço que há entre nós e volta a me beijar.

Não há muito entre nós além das minhas peças de roupa e eu trato de, assim como ela, retirar tudo até que estou tão nu quanto ela.

— Malcolm — sussurra ela, colocando o seu corpo no meu. Deixa o meu pressionado entre o seu ventre e a minha barriga, então me encara. — Do que você gosta exatamente?

A minha resposta está na ponta da língua.

— Eu? De você.

Ela arregala os olhos, surpresa.

Eu também não esperava que dissesse isso, mas um homem deve ser sincero sobre o que sente diante a mulher com quem está se envolvendo, principalmente se ela for uma gostosa e estiver do jeito que veio ao mundo bem na sua frente.

Enquanto me observa como se tentasse desvendar um mistério, eu me abajo e a ergo nos meus braços. A surpresa a faz exibir um sorriso de lado e eu aproveito para encostá-la contra a parede.

Beijo-a com a mesma gana de segundos atrás e tenho em retribuição um beijo que não muito diferente do que entrego.

Passo uma mão entre as suas pernas para estimulá-la, mas acabo encontrando a sua boceta já toda encharcada. Sempre foi assim. Desde a sua primeira vez, ela estava tão excitada que eu posso apenas aproximar o meu pau dela e o enfiar ali e ele desliza com uma facilidade ludibriante, que me arranca um gemido de prazer.

Embora já tenha me recebido antes, a sua boceta ainda é apertada o bastante para me deixar louco.

— Tão molhadinha — sussurro antes de voltar a beijá-la.

Movimento-me, segurando-a contra mim com força, como se nada, nem ninguém nunca pudesse se meter entre nós.

Nem Archer, nem Monny, nem nada.

Afasto os meus lábios dos seus e a observo toda corada, enquanto aumento os meus movimentos dentro dela. Em um vai e vem delicioso que, até agora, só a deixa louca, eu tento manter o controle.

Só que falho miseravelmente.

— Não sou capaz de dividi-la com nenhum homem na porra desse planeta — murmuro com os meus lábios próximos da sua pele. — Posso acabar com qualquer um que chegar perto de você. — Ela encosta a cabeça contra a parede como se ouvir isso a desse ainda mais prazer. Penetro nela com tudo, como um animal desesperado. — Você é só minha, Aria. Só minha.

— Sim — responde com um gemido e eu não imaginava que isso me deixaria tão preparado para ser mais insano do que eu já estava sendo. — Sou só sua, por isso não pare.

Afasto-a da parede e a levo de volta para a cozinha.

Sob a mesa, coloco o seu corpo e a deito sobre ela sem tirar o meu pau de dentro. De pernas abertas ao meu bel-prazer, Aria arregala os olhos e eu desço o meu olhar para a sua boceta rosada engolindo todo o meu comprimento.

— Você é só minha — afirmo mais uma vez, olhando nos seus olhos e aproximo o meu polegar do seu clítoris. — E agora vai gozar gostoso no meu pau como só a minha mulher poderia fazer.

Pronto, me manifestei no maldito possessivo que não consegue se controlar, mas bem, não importa. Por ela parece ser a coisa mais certa do mundo a se fazer.

Enfio o meu pau dentro dela sem parar.

Na frequência mais deliciosa, sinto o orgasmo chegar até ela, quando as suas pernas ficam trêmulas no meu entorno e os seus gemidos cada vez mais altos.

Agarra as beiradas da mesa e eu a fodo, transformado no homem mais insano.

Entreabre os lábios e, dominado pelo desejo de beijá-la, faço com que se sente.

Tomo-a nos meus lábios e engulo os seus gemidos quando o seu clímax conduz o prenúncio do meu. Juntos, entregues ao prazer, gozamos como um casal imoral, insano e sem sentido.

E a esse ponto, eu já me perdi de um jeito que não tenho certeza se quero voltar a me encontrar.

— Meu Deus — sussurra ela, tentando recuperar o ar. — O que foi isso?

Eu não sei.

E, sendo sincero, se não acabar nunca, não faço questão de descobrir o que é.

23.

ARIA CORBIN

Como eu posso enganar a minha tia dessa vez?

Malcolm sempre foi um ótimo chefe para ela e nunca a fez dormir no trabalho, mas logo comigo é diferente.

O que eu faço se sou uma maldita, viciada em transar com o chefe dela? Não posso deixar que ela desconfie de nada, mas ainda assim não sei se consigo dar fim nessa situação.

Passei o sábado inteiro nos seus braços e, quando a noite chegou, adormeci de um jeito que nem sei como aconteceu.

É tão gostoso que, juro, posso viciar muito fácil.

Não faço a menor ideia de como passei tantos anos sem transar, sem conhecer esse lado bom da vida.

Quando o domingo chega e eu desperto primeiro que ele, levanto e corro do seu quarto, porque é certo que a equipe dele retornará, uma vez que ele os expulsou ontem pela tarde.

Sem contar que o perigo que nos cerca, com o risco de sermos pegos a qualquer segundo, só deixa tudo ainda mais intenso.

Procuro as minhas roupas e visto tudo de volta, depois de um longo banho distante dele, dos seus beijos embriagantes e dos seus toques intensos. Parece um sonho e mesmo que eu tente muito me manter distante dele, é mais forte do que eu.

Sinto-me nas nuvens a cada vez que ele me encara, sorri e me toca com uma força digna de várias reprises. Sei que o que eu deveria fazer é diferente do que estou vivendo agora, mas se o

tenho na minha frente, diante os meus lábios, proferindo o quanto sou sua e me quer, não consigo raciocinar.

É tudo tão... louco e a emoção de ser dele é mais forte do que tudo.

Na cozinha, preparando o café da manhã, escuto quando a porta é aberta e a conversa misturada de várias pessoas ao mesmo tempo rompe o espaço.

Apresso-me para terminar logo, mas uma visita inesperada chega até mim.

— Nossa! Com a mesma roupa de ontem — diz a mulher que afirmou com toda certeza do mundo que Malcolm seria o seu marido. Ela me deixa ansiosa assim que termina de falar. — Ele é um chefe tão ruim assim com você que não permitiu que você saísse para se trocar?

Permaneço em silêncio, no meu canto, enquanto preparam o café de todos.

O meu coração bate descompassado com a possibilidade dela perceber que acontece algo entre nós dois.

Não sei como isso aconteceria, mas ela parece tão pronta para arrancar algo de mim que é inevitável sentir o medo crescer cada vez no meu sistema nervoso.

Ela, mesmo percebendo que eu não iria conversar com ela, não saiu por nenhum segundo.

Ficou me olhando, avaliando, tentando me desvendar de algum jeito.

Sinceramente, me incomoda.

— Descobriu o que eu te perguntei? — questiona, insistindo. Tento fugir dela, desviando do seu foco. — Se tem outra mulher aqui?

Mantenho o meu silêncio como resposta e foco em arrumar as coisas na bandeja, mas ela segura o meu braço, impedindo-me de continuar.

— O que acontece com você que não me responde?

— Com licença, senhorita — respondo, soltando-me do seu agarre.

Sentindo a adrenalina subir pelo meu corpo novamente, viro-me para o meu trabalho e foco nele.

Ela, por sua vez, agarra o meu braço novamente e me vira com rispidez para que eu faça contato visual com ela.

— Você é do time das que gostam dele, certo? — Olha nos meus olhos com uma acidez surreal e aumenta o seu aperto no meu braço. Assustada, tento me afastar, mas ela não permite. Como diabos ela chegou a essa conclusão? — Eu deveria ter pensado nisso ontem, quando falei com você. Bobinha como é, já deve estar se iludindo pensando que pode ter algo com ele. — Solta uma gargalhada amarga, então. — Ele nunca será de uma empregada maltrapilha como você! Homens como ele gostam de mulheres elegantes como eu e que sabem se portar do jeito que eles querem. — E como só a encaro, ela cerra os olhos. — Malcolm é meu. E é melhor você se colocar no seu lugar de empregada! Não vou deixar que se meta entre nós dois.

Essa mulher só pode ser louca, uma descontrolada, mas mesmo que eu não queira, a minha razão é muito mais forte do que a emoção ludibriadora que me domina quando estou perto dele.

Ela me sacode para fora do conto de fadas que eu estava vivendo e me traz de volta para a realidade de gata borralheira.

E uma vez lúcida, a verdade é diferente do que eu desejo.

— Não faço ideia do que está falando — digo, tentando puxar o meu braço.

Aperta a sua mão na minha carne e aproxima o rosto do meu.

— E por que não me responde? Sabe de algo que não pode me falar? — inquire, como se eu devesse algo para ela. Puxo o meu braço de volta, mas ela só aumenta o aperto com força. — Vou conseguir conquistá-lo e quando o fizer, serei a senhora desta casa, esposa do maior bilionário de Newark. Isso não parece ser algo bom para você me ajudar?

Estou chocada demais para dizer qualquer palavra.

Ela assume o seu interesse tão abertamente que me causa nojo.

— O que você está falando, Monny? — questiona o homem de ontem, que Malcolm intitulou como Archer, ao aparecer na cozinha. Ele se aproxima e coloca a sua mão sobre a dela. — Pelo amor de Deus! Está todo mundo escutando.

A raiva é explícita no rosto dela quando me solta.

— Só estava mostrando para essa empregadinha que Malcolm pertence a mim — afirma.

Surpresa, arqueei as sobrancelhas.

Poucos segundos antes dele entrar, ela queria que eu contribuísse com a sua armação e agora joga tudo nas minhas costas? Que mulher maldita.

— Archer! — Arregalo os olhos, diante a voz dura do Malcolm. Ele se aproxima da cozinha, tentando passar pela equipe que se aglomera na cozinha para ver o que está acontecendo aqui. — Solicite que o RH dê baixa na carteira dela. Está demitida a partir de agora. — Surpresa demais para dizer qualquer coisa, só consigo olhar de um para o outro. — Já foi avisada uma vez e não vou voltar a fazê-lo. Vá para outra prefeitura fazer o seu jogo com outro bilionário. Aqui, você não cresce. Espero não olhar para a sua cara nunca mais ou quem vai lidar com você é a polícia a partir de agora.

E, sem mais, com a imponência que é só sua, coloca as duas mãos nos bolsos e se afasta daqui.

A mulher desvia o olhar para Archer, então.

— Faça alguma coisa, por favor — pede ela, segurando-o, mas ele se afasta.

— O que eu podia, já fiz, mas você... — A sua expressão é de nojo. — É uma pessoa terrível. — Sacode a cabeça e solta um suspiro. — Vai ser processada, assim como decreta o termo que assinou. Está preparada?

O seu desespero é terrível e tudo o que eu quero é sair daqui.

Não quero fazer parte disso.

Só preciso terminar o café e me afastar desse lugar o mais rápido possível.

O meu coração está doendo de um jeito que não queria me sentir.

— Archer, mas... eu... eu...

— Não tem o que dizer, Monny. Foi pega em flagrante — afirma e a segura pelo braço. — Se ele voltar e a ver aqui será pior.

Ela a leva para fora da cozinha e, em segundos, todo mundo se dispersa.

Parada, ainda com a colher de mexer o ovo na mão, encaro o nada sem conseguir reagir. Não faço ideia de quanto tempo passou, mas só consigo sair desse estado de letargia quando ele reaparece na cozinha.

Com uma expressão de preocupação, fecha o espaço entre nós.

— Ela machucou você? — questiona baixo.

Tenta pegar na minha mão, mas eu recuo um pouco para o lado.

Não posso permitir que me toque ou vou esquecer tudo novamente.

Uma vez perto dele, não consigo ser racional, mas essa situação me fez encarar o que eu não estava lembrando antes: Malcolm é muito diferente de mim.

Embora essa mulher seja uma escrota, sem noção alguma, trouxe um pouco de juízo para a minha cabeça por um momento.

A minha vida e a dele não se unem, mesmo que eu queira que seja só uma bobagem da minha cabeça.

Não é assim.

Ergo o olhar para ele e, mesmo que doa chegar a isso, ela está certa.

Ele nunca será de uma maltrapilha como eu.

— Quantas Monnys existem na sua vida? — questiono, sem conseguir pensar em outra coisa.

Ele é lindo, bilionário, um tipo que não passa despercebido por aí, mas teve o impulso de declarar que sou sua por várias vezes na noite passada.

Sei que enquanto eu estiver aqui, vou me iludir.

Não preciso de outra mulher como Monny para me mostrar, mais uma vez, o lugar a que pertenço e que sempre serei na vida de um homem como ele.

— Do que está falando? — questiona com o cenho franzido.

Sinto o meu queixo tremer com a possibilidade de não poder beijá-lo mais uma vez. A noite anterior foi uma das melhores nos meus últimos dias, mas se eu continuar me deixando vivê-la, quando eu precisar me afastar dele de uma vez por todas, estarei na sarjeta, apaixonada, iludida e sem ele.

Porque é óbvio que nunca o terei para mim.

— Deve haver várias mulheres iguais a ela na sua vida, não é? — questiono, encarando-o com os meus olhos ardendo.

Ele solta um suspiro.

— Ela disse algo que a magoou?

Com as duas mãos na cintura, encara-me com atenção.

— Se tem tantas mulheres como ela, por que se envolveu comigo? — Dessa vez, sai tão baixo que não tenho certeza se ele escutou. — É o prefeito da cidade, Malcolm. O homem mais procurado e desejado. Com tantas mulheres ao seu redor, por que está fazendo isso comigo?

Vejo a frustração explícita no seu rosto, mas não posso fazer nada para ajudá-lo.

Sou a única idiota aqui que precisa de ajuda para esquecer que me entreguei para ele de um jeito que nunca o fiz para homem nenhum.

— Se não me disser o que é, não vou conseguir respondê-la e...

— Malcolm, já a mandei embora — diz Archer ao voltar para a cozinha.

Sendo assim, viro-me e encaro as panelas com o café da manhã.

Limpo a lágrima idiota que escorre pelo meu rosto e tento não vacilar, ainda que a insegurança que amassa o meu coração como uma folha de papel não permita que eu mantenha o meu controle.

— Está tudo bem, Aria? — questiona Archer de repente.

— O que você quer com isso, *porra*? — murmura Malcolm e eu arregalo os olhos. — Saia daqui.

Aproveito que posso me salvar por causa do estranho e deixo a colher sobre a mesa por um instante.

— Vou ao banheiro e já volto — digo e, sem olhar para ninguém, corro para o quarto dos fundos.

Tranco-o e me encosto contra ele.

O que diabos está acontecendo comigo?

Por que estou deixando as palavras dessa mulher me afetar assim?

Mas... e se outra mulher como ela entrar na vida dele? E se ela tentar algo com ele? E conseguir? Como eu e o meu coração ficamos nessa história?

24.

MALCOLM WALKER

A sensação de felicidade me preenche de um jeito novo.

Habitando um universo em que a minha mãe me tem nos seus braços, fazendo carinho no meu cabelo, solto um suspiro.

— Você vai casar e ter uma menina linda — diz ela com um sorriso bonito no rosto. Como sempre, é o prenúncio de que coisas boas se aproximam das nossas vidas. — E eu vou ser a avó mais babona do mundo.

Me permito gargalhar.

— A senhora não pode sonhar com outra coisa? — questiono, encarando a paisagem lá fora. — Como, por exemplo, comigo sendo o maior político do país?

Ergo o olhar para cima e a vejo revirar os olhos, desgostosa.

— Isso não é felicidade — afirma, sem espaço para questionamentos. — Felicidade é quando você está com alguém que ama e confia, que pode chamar de casa quando perde tudo do lado de fora. — Ok, agora ela pegou a minha atenção. — O que é? Acha que pode ser feliz ocupado com assuntos que sempre dirão respeito aos outros e, não, a você? — Ela sacode a cabeça, séria. — Ao invés disso, será um homem exausto, sobre carregado e obcecado por um cargo que, no fim, não é nada além de status.

Em silêncio, observo a área externa da cabana em que estamos.

O clima é de outono e esse parece ser o melhor.

No campo aberto mais à frente, uma mulher de cabelo castanho solto corre com um sorriso que me atraí de imediato.

Guiando uma menininha, ela parece feliz ao explorar o lugar.

Um misto de sensações me atropelam de imediato e eu não faço ideia do que estou fazendo, mas as minhas pernas ganham vida própria e eu deixo a minha mãe de lado para seguir o caminho até elas.

— Vá, filho... — Escuto-a dizer muito distante. — Pegue a mulher que o faz feliz de verdade e não a solte nunca mais. — A cada passo em frente, mais distante é a voz da minha mãe. — Construa a sua casa e não deixe que ninguém a destrua. Nunca.

É tudo o que escuto quando paro diante a mulher sorridente com a pequena menina agarrando a sua mão.

— Oi, tudo bem? — questiono, encarando-a.

É impossível não sorrir, contagiado pela sua felicidade.

— Tudo sim. E com você?

A menina solta uma gargalhada gostosa e eu tenho o meu olhar atraído para o seu automaticamente.

— Bem melhor agora que estou a vendo — respondo. — Qual o seu nome?

Ela não parece ter nenhuma restrição ao abrir a boca para me responder.

— Aria Corbin.

*

Será que estou ficando maluco?

Não é possível que tive um novo sonho com Aria em tão pouco tempo, mas agora diferente. A minha mãe estava nele e eu senti como se ela estivesse comigo de verdade.

Isso me causa arrepios.

— Aconteceu algo quando estive fora que devo me inteirar? — questiona Finlay, no meu caminho para a prefeitura.

Aconteceu muita coisa.

Acho que estou ficando maluco. Aria sumiu e eu não faço ideia do número dela para contatá-la e estou à beira de um colapso com o projeto que começará a ser implementado hoje.

— Nada muito importante — minto, sem olhar para ele.

Encaro as ruas livres do lado de fora, tentando controlar o nível exacerbado de ansiedade que me guia nesse momento.

Não faço a menor ideia do que está acontecendo comigo, mas parece que perdi o controle sobre o meu corpo e da minha mente.

Já é a segunda vez que Aria aparece em um sonho meu.

E por mais que eu seja cético sobre muitas coisas, não consigo acreditar que seja algo da minha cabeça.

A minha mãe estava no sonho e eu juro, por tudo que é mais sagrado, que se não olho a sua foto com recorrência, acabo até esquecendo do seu rosto.

— Você já sonhou com a sua mãe? — questiono de repente, desviando o olhar para ele.

Finlay para o carro no sinal e me observa pelo retrovisor.

— Por quê? Sonhou com a sua?

Aceno em resposta.

— E não consigo parar de pensar nisso.

Ele acena e o sorriso que revela em seguida me perturba.

O que isso significa?

— A sua mãe era uma mulher muito espiritualizada, diferente de você que não acredita em nada. — Se o meu nível de estresse já estava grande, agora parece que só piora. — Pela conexão profunda que vocês tinham, talvez ela tenha tentado se comunicar com você pelo sonho.

Encaro-o por todo o trajeto até que paramos na frente da prefeitura. Não consigo pensar em nada além do quanto ele é maluco e quer me deixar tão quanto.

Mas, enfim, não vai conseguir.

Abro a porta do carro e saio, assim que ele estaciona na entrada do meu trabalho.

Tenho Aria que não quer falar comigo, talvez porque Monny falou algo desagradável que a colocou em dúvida sobre o que tínhamos.

E eu sinto, a cada segundo sem falar com ela, de que preciso urgentemente de algum tipo de comunicação ou posso ficar maluco.

Caminho a passos decididos para dentro do gabinete e assim que me deparo com Archer, não sei se a minha vontade de demiti-lo por ter tentado se aproximar de Aria é maior do que a necessidade de chegar até ela.

Posso encontrá-la nesta noite, quando ela for fazer a limpeza da casa.

Mas é incerto, dado o fato de que saiu dali sem que eu a visse e sem nem se despedir. De novo.

— Pesquise sobre Aria Corbin e a empresa que ela trabalha. Traga-me respostas, agora!

Não espero para saber o que acha sobre isso, só entro no meu gabinete.

Fico nele durante a manhã e tarde, discutindo o plano de reforma para contenção de danos das casas afetadas pela forte chuva. Por mais que eu tente me manter focado no que está sendo discutido, a minha mente está distante demais para ser levada à sério.

Como ela está? O que está pensando? E por que agiu daquela forma?

As perguntas me assombram e Archer não aparece durante a tarde inteira.

Perto das cinco e meia da tarde, vejo o seu rosto cínico aparecer na minha frente, enquanto ele masca um chiclete. Com uma pasta que imagino ser com as informações que pedi, adentra o espaço onde trabalho.

— É tudo o que descobriu? — questiono, depois de tomar os arquivos da sua mão.

Abro-o e o folheio em busca do seu número.

Pego o meu celular e o anoto.

— Ela trabalha em uma empresa péssima — afirma ele e consegue a minha atenção com sucesso. Franzo o cenho, confuso.

— A equipe dela foi explorada de muitas maneiras pelo ex-supervisor durante o tempo que trabalhava ali.

Sim, sei disso.

Em lembrar daquele desgraçado a chamando abusivamente já me sobe um ódio surreal pela cabeça.

— O que mais?

— O caso foi exposto no fórum público da empresa e ele está sendo investigado. — Pega o celular da calça, bate na tela e o

estende na minha direção. — Esse é o vídeo gravado dele a humilhando publicamente.

Tento manter a minha cabeça no lugar, mas não consigo quando o vejo gritar alto e com tanta raiva que a saliva sai da sua boca. O dedo em riste na frente do rosto dela é demais para a minha cabeça, por isso paro devê-lo.

Empurro o aparelho no seu peito e caminho para fora daqui, mas sou seguido por ele.

— Para casa? — questiona Finlay, mas estou cego demais para pensar em qualquer outra coisa.

— Você fica. Ele vai dirigir — ordeno, apontando para Archer que, de olhos arregalados, para de mascar o chiclete e corre para o carro. — Direto para essa maldição.

O ódio domina a minha cabeça de um jeito tão forte que sinto que sou capaz de assassinar esse desgraçado se ele aparecer na minha frente.

Entre tantos bloqueios e um trânsito confuso, conseguimos chegar à entrada antes das seis. Determinado a sair daqui para forçar o dono da empresa a demitir esse canalha, já estava preparado para abrir a porta do carro, mas uma cena inesperada atrai a minha atenção.

Aria passa pelas portas de entrada da empresa com a sua costumeira mochila nas costas, mas é interceptada de repente por um jovem.

Abaixo o vidro um pouco, porque como o carro está próximo da calçada, mas o bastante para escutá-los.

— Vamos beber? — questiona o cara.

— Odeio jovens e os seus hormônios — murmuro cheio de ódio.

Ele rodeia o braço no ombro dela.

Por Deus, ele a tocou! E eu acabo de entender, de uma vez por todas, que não consigo ver outro cara tão perto dela. *Inferno, Aria é minha!*

O seu braço maldito está a puxando para perto do seu corpo e isso está me deixando prestes a cometer um assassinato de verdade.

— O que você tem contra...

— Silêncio! — ordeno para Archer que tenta falar.

— Não sei, Wade, não estou bem para isso — responde e eu juro que fecho os olhos.

As minhas mãos estão tremendo e o meu coração bate com tanta força que não sou nem um pouco capaz de registrar nada aqui.

— Mais um motivo para irmos! — É um desgraçado insistente mesmo, esse maldito. — Vamos beber para esquecer os problemas.

Ela solta um suspiro e pela aparência parece cansada.

— Hoje não — responde e afasta o braço dele de perto dela.

Muito bem, mande ele para o inferno.

— Amanhã, então?

Puxo uma respiração profunda em busca de um pouco de controle emocional para não acabar surtando.

— Prometo que amanhã sim — responde e é o bastante para me fazer abrir a porta desse carro e ir atrás da mulher que comanda os meus pensamentos. — Oh! O meu ônibus. Tenho que ir, Wade!

Respiro fundo e aovê-la correr, fico onde estou.

Espero que ela entre no ônibus e tento esquecer do que acabei de ver.

— O que quer fazer agora? Seguir o ônibus? — questiona, mas eu tenho um ponto em aberto para discutir.

— Não. — Abro a porta mais uma vez e dominado por um ódio que não está em mim com frequência, saio do carro. — Tenho um maldito ex-supervisor abusivo para foder.

25.

ARIA CORBIN

— A senhora já consegue ficar em pé sem as muletas?

Emocionada demais e conduzida por uma confusão extrema de sentimentos, coloco as duas mãos na frente do rosto para que ela não veja que estou chorando.

— Estava tão ocupada que não notou? — Com um sorriso bonito e feliz, a minha tia se aproxima de mim com os braços abertos. — Já consigo há uns dias. A fisioterapeuta me liberou para voltar ao trabalho e me aconselhou que eu evite fazer movimentos bruscos.

Sinto o meu queixo tremer com a emoção que não para de crescer dentro de mim, mas a puxo para os meus braços.

— Estou muito feliz que esteja bem! — gracejo, dominada por uma felicidade que nos últimos dois dias andou extinta de mim. — Graças a Deus!

Ela me abraça de volta.

Não imaginava que ao levantar, diante o show matutino do papagaio de Nancy, fosse encontrar a minha tia andando de um lado para o outro ao preparar o café.

Estou surpresa sim, mas a felicidade supera tudo.

— Temos que comemorar — adiciono, com um sorriso. — Vou tentar chegar mais cedo em casa. Podemos chamar a Nancy e tomar algo. O que acha?

O seu rosto fica iluminado.

— Seria ótimo, filha — diz ela com um largo sorriso. — Vou terminar de preparar o café. Vá tomar um banho.

Fico resistente em soltá-la, mas é inevitável, afinal preciso ir para o trabalho.

Corro para o banheiro o mais rápido que posso e tomo um banho, então, coloco a única farda limpa que tenho no guarda-roupas. O processo tem se tornado difícil porque não consigo olhar para o meu reflexo sem lembrar *dele*.

Parece que o meu corpo se tornou dele e eu sinto como se nada pudesse voltar a ser como era antes dele aparecer.

Poderia dormir sem pensar nele.

Acordar sem desejar os seus dedos tocando cada pedaço da minha pele e sentindo ele tão próximo a mim. Aquecida pelo seu corpo grande e braços fortes.

— Aria? — chama a minha tia do lado da sala de estar. — Já terminou?

Respiro fundo e encaro o meu reflexo mais uma vez.

Embora existam olheiras, eu me sentiria até melhor se não fosse acordada às quatro da manhã, estou bem... ou ao menos é o que eu quero acreditar.

— Sim, tia.

Saio do quarto e tomo o meu café ao seu lado, antes de pegar a minha mochila e sair para a rua.

Diante o tráfego de Ironbound logo cedo, pela manhã, não encontrei muitas dificuldades para chegar ao trabalho. Antes da hora de bater o ponto, eu já estava ali e isso me aliviou muito.

Caminho para a minha sala, mas uma breve comoção bloqueando a passagem chama a minha atenção.

As recordações me causam calafrios, por isso ando devagar o suficiente para não ser vista de imediato. Não faço ideia do que esteja acontecendo, mas não quero ser envolvida em nada aqui.

— Isso está errado! — É a voz do George. — Estou sendo acusado injustamente! Chame eles aqui agora!

Fico na ponta dos pés para ver sobre os ombros dos outros na minha frente e me deparo com a porta de vidro sendo aberta bruscamente.

Só que não é isso o que me choca.

O homem de terno, gravata e muito bem vestido ao lado dele é quem me causa arrepios, assim como os que estão o acompanhando.

O meu coração acelera em uma batida frenética de puro nervosismo.

O que Malcolm está fazendo aqui?

— Recebi muitas denúncias de funcionários sobre você — diz ele, com a sua voz soando como um trovão. — E agora o seu chefe está o demitindo. Peça desculpas pelo que fez e vá embora. É simples.

George, por sua vez, ergue as duas mãos para a cabeça e as esfrega ali com força.

— Eu sou inocente! — grita, transtornado. — Depois de anos me dedicando a essa empresa, não posso ser mandado embora acusado de algo que não cometí.

Pela porta de vidro da minha sala, Wade sai devagar com as mãos na frente do corpo. Um homem que vi poucas vezes na empresa, mas que é o presidente dela, foca o seu olhar sobre ele.

— Trabalha aqui há quantos anos? — questiona e o meu amigo solta um suspiro.

— Dois — responde e eu não sei se aguento tanto nervosismo ao mesmo tempo.

George, o nosso maldito carrasco, se volta para ele, então.

Com um olhar que transmite um desespero fora do normal, se aproxima.

— Diga, Wade! Sempre tratei todo mundo muito bem aqui e...

— Não é verdade, senhor — responde o meu amigo. — Nosso antigo supervisor tratava todo mundo muito mal e nos humilhava todos os dias. — Ergue o olhar para o presidente da empresa, com uma coragem que nunca vi ali. — Sinto muito se isso vai custar o meu emprego, mas a verdade é que ele nos fazia trabalhar dia e noite quando havia algum problema nos servidores... o que, nesse caso, aconteceu com muita frequência ao longo desses dois anos.

O presidente, então, em silêncio, desvia o olhar para George.

— Eu vi o vídeo em que você humilha uma funcionária desse setor e é por isso que estou aqui — afirma ele, encarando-o com uma expressão severa.

— Senhor, ela não fazia o seu trabalho direito e... e... — Os seus olhos desviam ao redor, inquieto. — Ela se atrasou tanto que eu perdi a paciência. Pensei que ali seria o bastante para chamar a sua atenção e que daria jeito, já que não podia perder o emprego...

Respiro fundo, incapaz de escutá-lo.

Não é possível que esse absurdo esteja sendo reproduzido aqui, como se ele não tivesse feito tanto mal a todos nós durante esses anos. É muita cara de pau desse homem.

O que ele está falando?

— Onde está essa funcionária? — Escuto alguém perguntar e antes que eu possa cronometrar, ergo a mão para cima.

— Aqui — digo tão irritada que mal sou capaz de raciocinar.

Não sei o que isso significa.

Ou o que Malcolm está fazendo aqui com essas pessoas para demitir George, mas os anos em que eu escutava tudo calada ficaram para trás.

Se ele está sendo denunciado por vários funcionários, quer dizer que não tem poder nenhum no momento para jogar alguém na berlinda. Ele é o único a ser julgado aqui e eu não vou pagar por algo que não devo.

— É ela, senhor — afirma George e a sua expressão é de ódio. — Diga a eles se você não se atrasou aquele dia!

Solto um suspiro, antes de erguer o olhar apenas para o presidente da empresa.

Não posso me deixar intimidar agora por nada, nem ninguém.

Já fui, todos os dias, incansavelmente.

— Sim, eu me atrasei naquele dia. — Ele vira o rosto para o presidente como se quisesse dizer que estava certo, mas eu não acabei. — Mas foi porque eu tive uma urgência que não vem ao caso. Aquele dia em específico foi culpa minha, mas os dias antes desse não foram.

Ele me encara, então.

— Tem provas? — questiona rápido demais para o meu gosto.

— Tenho testemunhas — afirmo apontando para as pessoas ao redor. — Ou achou que ninguém estava vendo o jeito como nos tratava?

Ele bufa alto, como se estivesse se controlando muito para não surtar. Bem, sinto muito, mas ele não está sozinho.

Controlo partes de mim que se eu deixar solta por muito tempo, sou capaz até de pular no seu pescoço e o esganar com

toda a força. São dois anos de raiva acumulada e só preciso de um incentivo para botar tudo para fora.

— Isso sem contar que todos os problemas que surgiam nos servidores eram muito estranhos. — Ele arregala os olhos, surpreso.
— A equipe o alertou várias vezes que deveríamos investigar a causa de todos eles, mas ele nunca nos deu atenção.

Ergue o braço e o aponta para mim.

— Está me acusando, Aria?

— Estou apontando um fato, senhor — afirmo diante os seus olhos febris.

O presidente solta uma respiração pesada em seguida.

— Você sabe que conseguiu essa promoção apenas porque agiu rápido e assertivo na solução de todos esses erros no servidores, não é? — O seu olhar no de George é tão intenso que mal consigo respirar. — Se isso foi uma armação sua, juro que não vai sobrar nada de você!

Ele sacode a cabeça, desolado, mas o presidente não está muito preparado para dar qualquer tipo de atenção para ele.

Desvia o olhar ao redor e solta um longo suspiro.

— Sinto muito por isso ter acontecido com vocês — diz ele, as duas mãos estão dentro dos bolsos. — Sei que não vai ajudar muito, mas posso oferecer uma semana de folga e o dobro do salário atual como forma de me desculpar. — Arregalo os olhos, sem conseguir controlar a minha surpresa. Ele se volta para George, então. — E você vai ser investigado a partir de agora.

E, sem mais, se vira.

Desvia o olhar para Malcolm e é nesse momento que consigovê-lo.

A sua atenção está inteira sobre mim com uma tensão pesada que me causa arrepios instantâneos.

— Vamos conversar mais um pouco sobre isso, Malcolm — chama ele, apontando para o caminho ao corredor.

Ele solta um suspiro e o segue.

Entorpecida demais para lidar com tudo isso, fico parada, observando o tempo passar na minha frente.

Foi ele quem fez isso acontecer? É isso? Como pode ser possível? E foi por minha causa? Esse homem ainda vai me deixar completamente louca.

26.

MALCOLM WALKER

Não sei o que diabos essa mulher fez na minha cabeça, mas me sinto à beira da loucura. A razão, o raciocínio mais certo do mundo que sempre me acompanhou de perto, me abandonou para dar lugar ao desespero.

Juro que nunca me senti tão elétrico e ansioso para ver uma pessoa.

Precisava ver, com os meus próprios olhos, que ela estava bem.

Ok, mandei esse babaca que a estava maltratando para fora, mas ainda não acabei com ele.

Irei mandá-lo para o inferno que é a cadeia, porque não vou conseguir dormir em paz se ao menos pensar que ele está solto.

E isso precisa acontecer logo.

— Nunca pensei que o veria assim — comenta Archer do banco da frente.

É noite.

Longe da razão que deveria ter me empurrado para a prefeitura, onde eu teria como lidar com os assuntos urgentes da cidade, escolhi ficar na porta da empresa esperando que ela saia a qualquer momento.

A minha cabeça pulsa com essa angústia contínua de não poder tocá-la mais uma vez.

Na noite passada, enquanto conversava com o presidente da empresa e deixava claro que eu não iria admitir que esse tipo de

gente trabalhasse ali, principalmente porque feria diversos artigos da constituição do trabalhador, não me moveria até ter certeza de que ele tomaria as providências cabíveis.

Aguardei que apurasse a denúncia e quando a tinha com testemunhas ainda transeuntes no setor dando a sua versão dos fatos, ele me garantiu que nesta manhã ele o puniria.

A insatisfação me perseguiu pela noite inteira.

Quis mandar uma mensagem para ela ou ligar para ouvir a sua voz, mas temi que isso, de alguma forma, a afastasse de mim de uma vez por todas.

Nessa manhã, assim que acordei, o meu foco foi apenas o de me arrumar e vir para essa empresa ver, ao vivo, o presidente tomando a decisão correta.

Esperava vê-la e a vi.

Só que... depois de me afastar, entendi que isso não era tudo o que eu queria.

— Assim como? — questiono, observando as portas da empresa.

Já é quase hora dela sair.

— Louco por uma mulher.

Desvio o olhar para o banco da frente e, com uma sinceridade que me domina, não consigo deixar de soltar um bufado.

— Trabalho com você antes mesmo de começar a corrida para o cargo de prefeito, mas ainda não me acostumei com os seus comentários idiotas.

É claro que estou louco por ela e não é sem motivos.

— Desculpa por não ter percebido que você é vingativo ao ponto de colocar o seu cargo em jogo para cobrar que o dono de uma empresa tome uma atitude que a beneficie — comenta ele,

observando muito distante de mim, mas escolho revirar os olhos. — Oh! E por falar nela...

O meu coração pulsa forte com a ansiedade me consumindo.

Ela sai dali com uma bolsa de lado no seu ombro.

Com o que deve ser um estojo em mãos, ela observa dentro dele. Coincide, para o meu ódio, com o momento em que o cara de ontem também está saindo logo atrás dela.

— E parece que tem concorrência — comenta Archer e eu juro que se ele não parar de falar, posso acabar descontando o meu ódio nele. — Ele é insistente.

Respiro fundo, mas sou interrompido do processo porque o moleque achou que seria tudo bem puxá-la de repente.

Surpresa pelo ataque abrupto, ela arregala os olhos e deixa o estojo cair no chão, mas ele a abraça com força.

— Estamos livres! — Escuto-o gritar, mas a minha mente está zonza.

As minhas mãos tremem.

A minha cabeça martela.

O meu coração bate forte.

Tudo está contribuindo para que eu abra a porta desse carro de uma vez e enfie o meu punho no rosto cínico desse desgraçado!

— Malcolm! — alerta Archer, travando a porta do carro.

Tento abri-lo, mas não consigo.

— Destrava essa merda. — Tento abrir a porta com força, mas ele não me obedece. — É uma ordem!

— O que vai fazer? — De olhos arregalados, encara-me pelo retrovisor. — A sua expressão é assassina. Não posso deixar que

saia para sujar a sua imagem! — Cerro os olhos e me jogo para o banco da frente. — Qual o seu problema?!

Acho que até o meu olho está piscando em desenfreio.

— É simples: esse cara a tocou. — Não é óbvio? Sinto como se eu acabasse de perder o que ainda me restava de consciência. Tudo zera em uma velocidade insana e eu só quero esganar essa cara. — Ele abraçou a mulher que tem o meu coração nas mãos.

Acho que se eu ainda tinha controle sobre os meus atos, acabou tudo.

— Mas você não pode...

A constatação inédita e abrupta de algo que rondava o meu ser por um longo tempo? Então, ela acaba de me atropelar a cem quilômetros por hora com um baque que não sei se vou conseguir me recuperar.

— Que se foda todo mundo! Vou pegá-lo para aprender a não se aproximar da futura primeira-dama de Newark!

Silêncio.

O som do meu coração é o único a ensurdecer o meu psicológico.

— Ok — responde Archer. — Vou sair e chamá-la para entrar.
— Ele respira fundo, afastando as minhas mãos de si. — Então, você vaivê-la distante dele e poderá conversar com ela como uma pessoa normal. Tudo bem?

Engulo em seco, ainda assustado demais para dizer qualquer coisa.

Ele não espera a minha resposta e só sai do carro de uma vez. Vejo, por dentro do carro, o moleque se afastar dela por um momento, então quando iria segurar o seu braço e o que ainda me restava de razão, Archer intercepta.

A minha respiração está descompassada.

— Senhorita, estou aqui para levá-la a uma reunião de última hora — diz ele para ela que, logo, desvia o olhar para o carro, onde estou. Sem dizer nada, ela logo volta o olhar para ele com o rosto vermelho. — Preciso que venha comigo.

Aria engole em seco, nervosa.

— Que reunião é essa? — questiona o moleque.

Fecho os olhos.

Se controle, Malcolm.

Se controle!

— Preciso ir, Wade... é pessoal. Desculpa por hoje.

Só consigo respirar mais uma vez quando ela caminha para o meu carro a passos rápidos.

Archer abre a porta de trás ao lado de onde estou e ela entra.

O seu cheiro penetra o meu sistema nervoso inteiro e a calma começa a se tornar presente dentro de mim aos poucos. Só não é o bastante para esquecer que aquele filho da puta existe e que deve tocá-la o tempo todo.

Esse pensamento quase me enlouquece novamente.

— O que você quer comigo agora? — É tudo o que ela pergunta, sentada ao meu lado.

Sacudo a cabeça, descontrolado.

— Para onde devo levá-los? — questiona Archer de repente.

— Para casa — respondo de uma vez, mas ela se assusta.

— A minha tia está lá... — Encaro-a, então. — Ela voltou a trabalhar.

Franzi o cenho.

— Como assim? Bianca já se recuperou?

— Sim — responde com inúmeros tons de vermelho nublando o seu rosto.

Encaro-a por alguns segundos, sentindo como se o meu coração pudesse sair de dentro do meu peito só para cumprimentar o seu.

Será que ela se sente como eu?

Respiro fundo, então.

— Há algum hotel aqui perto — digo, tentando manter a calma. — Precisamos conversar.

Muito.

Ela não diz mais nada e Archer nos conduz para o mais próximo da empresa.

Cerca de cinco minutos depois, o carro para no estacionamento e, enquanto Archer se afasta para resolver a nossa entrada, ficamos sozinhos.

— Por que fez isso? — questiona ela primeiro. — Por que...

— Me preocupo com você — responde o óbvio. — E odeio o fato de que ele a tenha maltratado. Se eu soubesse há mais tempo, já teria feito ele ser demitido.

De boca aberta em surpresa, ela só me encara sem piscar.

É surpreendente que eu tenha feito isso? Que eu a tenha defendido e protegido? Passo uma imagem de homem tão ruim a esse ponto?

Ela fecha os olhos e vira o rosto para outro lugar por um tempo.

Sem conseguir entender o que isso quer dizer, viro-me completamente para ela em busca de uma resposta.

— Você não pode fazer isso comigo, Malcolm — afirma ela, depois de um tempo. — Não parou para pensar no quanto isso pode me machucar quando você conhecer outra mulher mais interessante e...

Fiquei tão ultrajado ao escutá-la que não deixei que terminasse.

O meu coração retumba no peito como se estivesse em uma festa estrondosa e eu não consigo me controlar mais. Inclino-me para a frente e puxo o seu pescoço na minha direção.

Com a minha testa pressionada na sua, deixo as nossas bocas pairando uma perto da outra.

— Você é a mulher interessante que eu quero — afirmo sem nenhum espaço para qualquer dúvida sua. Ela coloca a sua mão nas minhas pernas como se precisasse se apoiar. — A única.

— Não faça isso — pede mais uma vez e eu preciso me afastar para ver os seus olhos marejados. — Somos diferentes... vivemos realidades distintas e você é tão...

Seguro-a mais forte, atraindo o seu olhar para o meu.

— Espero que você entenda o que vou dizer agora e que nunca duvide da minha palavra. — Atenta, vejo-a morder o lábio inferior. — Se eu estou com você é porque eu quero. Não faço nada forçado. — Percebo o seu desejo de desviar o olhar do meu, mas não permito. — E não existe mulher nenhuma depois de você. Para mim, você é tudo o que importa.

Isso é tudo, antes que eu a puxe para os meus lábios e a prove, matando a saudade com um beijo intenso, cheio de desejo e carregado de todo o sentimento conflitante que está batendo sem freio no meu peito.

Para provar o que sente, a melhor forma sempre foi demonstrando.

Palavras, embora sejam importantes e garantam a reafirmação do que se deseja, não são mais fortes do que atitudes.

E essas são declaradas com ações diárias.

Com escolhas.

— Malcolm, eu...

— Não, Aria. — Acho que posso enlouquecer aqui dentro. — Se você me quer tanto quanto eu a quero, pare de pensar demais. Vamos viver o que queremos. Nada mais vai importar se estivermos juntos.

Ela ainda olha nos meus olhos por um tempo, mas acena em seguida e aproxima os lábios dos meus.

Doce, calma, conduz um beijo lento que me arranca novas batidas do meu coração. Não me imaginava capaz, enquanto figura de poder na cidade, de me permitir qualquer tipo de atividade sexual em público, mas quando as suas mãos sobem pelas minhas pernas até o meio delas, só sinto que tudo isso pode ir para o inferno.

Não há nada em mim que não grite por ela.

O meu pau endurece junto com o calor que queima o meu peito em desenfreio e ela, logo está pulando em cima de mim.

Sobre o meu colo, sem se afastar por nenhum segundo dos meus lábios, ela movimenta o seu quadril na minha ereção, nos estimulando ao mesmo tempo.

É tudo tão rápido e intenso que só percebo que Archer está de volta porque ele bate a porta do carro com força.

— Oh, meu Deus! — murmura ela, surpresa, ao se afastar de mim.

— Reservei um quarto para os dois. — Sem olhar para nós, estende o papel para o banco traseiro e suspira. — Lembre de atender as minhas ligações e...

Ligo o maior foda-se da história para ele e abro a porta do carro.

O meu corpo está bombeando tanto tesão ao mesmo tempo que eu não sei o que fazer para me controlar. Rodeio o carro com o pau duro e pulsante dentro da calça social. Abro a porta do carro do lado dela e a conduzo para fora dele, puxando-a todo o caminho até o elevador do estacionamento.

Tento manter as minhas mãos para mim, mas não consigo.

Ainda bem que estamos só nós dois aqui, senão faríamos uma cena de filme adulto para quem mais quisesse ver.

Seguro a sua cintura com força, territorial como uma animal marcando o seu território. Quando as portas abrem no andar indicado pela nota que me foi entregue, sigo com ela para a porta reservada.

Abro-a em segundos e rodeio os meus braços em torno da sua cintura para entrarmos juntos no ambiente. Entre beijos necessitados, ela abre a minha calça e eu abro a sua, assim, como dois loucos e insanos.

Foram dois dias semvê-la, beijá-la, tocá-la.

E embora seja pouco tempo, parece uma década.

— Aria — sussurro em um gemido, conduzindo nós dois para a cama de casal centralizada no quarto. Tiro os meus sapatos e os deixo no caminho, então a guio para deitar na cama. — Estou com saudades de sentir o seu gosto na minha boca.

Com o seu olhar cerrado nos meus movimentos, ajudo-a a retirar a calça jeans.

Ajoelho-me entre as suas pernas e arrasto beijos suaves na sua pele com o aroma mais entorpecedor que já dominou os meus sentidos até que chego à sua intimidade. Por cima da calcinha de renda, aspiro o seu aroma e continuo a beijando, sem parar.

É viciante sentir o seu cheiro.

Quando ela geme, deslizo a minha língua na região do seu clítoris e a vejo se contorcer abaixo de mim. Noto, com prazer, o líquido brilhante escorrer da sua entrada e não preciso esperar nada para tirar o tecido de renda da sua calcinha.

Com a sua boceta lisa à minha disposição, deslizo a minha língua na sua excitação. Esfomeado, me lambuzo do seu néctar embriagante.

Ela geme, erguendo o quadril na direção da minha língua mais uma vez, mas estou tão louco, descontrolado e pronto para fodê-la ensandecido, que me ergui, tirei a minha roupa inteira e me posicionei entre as suas pernas.

O seu clítoris pulsa para mim, ávida pelo meu pau.

E não estou tão diferente dela.

Só em pensar, sinto-o corresponder a ela e eu só me movo.

Com o olhar focado no seu, aproximo os nossos lábios na mesma proporção que posicionei o meu pau na sua boceta.

— Malcolm — sussurra em um pedido e eu me afundo nela, capturando os seus lábios em um beijo que emana necessidade por cada pedaço de mim. — Oh!

Abro os botões da frente da sua farda e a deixo só com o sutiã. Movo-me devagar, ajustando-me na boceta mais apertada que já estive e a beijo.

A nova confusão de sentimentos é diferente.

Lembro do maldito que a tocava e isso faz com que o meu coração pulse mais forte. Odeio que isso volte ao meu pensamento e que eu, em resposta, esteja descontrolado demais para fazer ou falar qualquer coisa.

Afasto-me dela em segundos e mantendo apenas o meu olhar no seu.

— Não quero que nenhum homem a toque — afirmo, decretador. Ela engole em seco e fica sobre os próprios cotovelos.
— Quero que seja só minha.

Morde o lábio inferior, o rosto todo vermelho.

Dominado por uma nova onda de desejo diante desse ciúme possessivo e descontrolado, seguro a sua perna e a viro de uma vez na cama.

A bunda redonda empinada na minha direção me faz gemer só emvê-la.

— Diga! — ordeno, a estapeando. — Diga que é minha. Apenas minha mulher.

Sem fôlego, escuto-a soltar um novo gemido e eu a estapeio novamente, antes de enfiar o meu pau devagar na sua boceta toda melada.

— Oh, Malcolm! — Bombeio o meu pau em uma velocidade maior. É o vai e vem mais frenético que adotei até agora. — Oh, sim! Que gostoso!

Continuo dando tapas na sua bunda e admiro a vermelhidão que o meu gesto deixa na sua pele esbranquiçada.

Arremeto com mais força, segurando-a pelo quadril.

— Se não disser, eu vou parar e você não vai gozar!

O que não passa de uma mentira, eu nunca cumpriria essa ameaça. Por mais que ela não dissesse, com os sentimentos à flor

da pele que tenho neste momento, seria impossível parar de fodê-la.

— Sim, eu sou sua! — geme, agarrando os lençóis da cama.
— Ah! Eu vou...

As suas pernas começam a tremer e esse é o melhor sinal de que o seu orgasmo se aproxima. Não paro de me mover. Mantenho os movimentos mais intensos possíveis até que sinto as paredes da sua boceta apertarem o meu pau.

Guiado por ela, pelos seus gemidos altos, pela certeza do prazer que ela está recebendo de mim, sou conduzido ao clímax intenso.

As minhas pernas tremem, o meu pau pulsa dentro dela, duro.

Não vou parar, ainda que tenha gozado.

Não consigo!

Por mim, ficaria dentro dessa mulher para todo o sempre.

27.

MALCOLM WALKER

— É tão bom ver você, Bianca! — cumprimento-a com um sorriso, assim que entro em casa no dia seguinte.

Passei a noite no hotel fodendo Aria com toda a gana que pulsava dentro de mim e, enquanto nos devorávamos como dois bichos esfomeados, passamos tempo demais um olhando para o outro, curtindo detalhes que, antes, não havia notado.

E isso significa muito mais do que estou preparado para lidar.

São quase oito horas da manhã quando chego em casa, mas esse é apenas um detalhe.

— Estou feliz emvê-lo também, Malcolm — diz ela com um sorriso lindo no rosto.

Com uma mão na cintura, observo-a limpar a mesa para se preparar para servir o café da manhã. Solto um suspiro, sentindo o meu peito pesado por pensar que eu não deveria estar escondendo isso dela.

Será que se ela soubesse do meu caso com a sua sobrinha, aprovaria ou seria contrária?

— Faz tanto tempo — comento, desistindo de subir. Tomei banho no hotel e coloquei a mesma roupa. A urgência era a de me trocar para voltar, mas ao ver essa mulher, as coisas mudaram um pouco. Desfaço o meu caminho para a escada e sigo para a sala de jantar. — Senti saudades.

Ela não consegue disfarçar que não se sente diferente.

Conhecendo-me desde os meus vinte e *alguns* anos, ela é uma das pessoas que eu sinto que não consigo mais viver sem.

Como ninguém é capaz, me conhece e me trata como se eu fosse seu filho. Sou muito grato por todo o esforço que sempre fez por mim.

Ela, Finlay e, agora, *Aria*.

As pessoas mais importantes da minha vida.

— Eu também, menino. Espero que a minha sobrinha tenha cuidado muito bem de você no tempo em que estive fora.

Surpreso, encaro-a por um momento.

Ela tem cuidado de mim de algumas formas indecentes que, graças aos deuses, Bianca não precisa ficar sabendo.

Desvio o foco, então, para o seu pé.

— Está tudo bem? — questiono, apontando para ele.

Ela o pressiona no chão, com um sorriso.

— Graças a você e a fisioterapeuta maravilhosa que enviou, sim — afirma e, só assim, sinto que posso me sentir melhor. Ela está bem. Isso é o que mais importa, acima de qualquer outra coisa.
— Estou pronta para outra.

Arregalo os olhos, alarmado.

Aproximo-me mais dela e rodeio os seus ombros com os meus braços.

— Não fale isso — digo, antes de depositar um beijo no alto da sua cabeça.

Ela fica sem jeito por um segundo, como se estivesse arrependida do que disse.

— É uma forma de falar.

Suspiro.

— Não fale nem assim. Deus me livre de ficar sem você de novo — comento, sério. — Vou trocar de roupa e vou direto para a prefeitura. — Viro-me para me afastar dela e, enquanto caminho, lembro de adicionar: — Não faça esforço com qualquer tipo de faxina. Vá descansar!

E subo as escadas, escutando a sua risada de resposta.

*

Ignorando os assuntos da prefeitura, convidei Aria para sair comigo nesta tarde.

Sei que não deveria, que tenho responsabilidades para cumprir, mas não consigo me concentrar em mais nada a não ser ela.

Quero ter um tempo ao seu lado para conhecer mais dela, da sua história.

Não sei de quase nada ainda, além dos poucos momentos que passei ao seu lado nesses dias.

Já que está de folga, proporcionada pela empresa, ela consegue vir até mim.

— Onde você está? — questiona pelo telefone.

Indico o caminho que deve seguir e, em segundos, encontro a mulher que está me deixando maluco surgir do outro lado da rua. Usando um vestido florido lindo e sandálias baixas, Aria me arrebata por inteiro no auge da sua simplicidade.

Não há nada mais inebriante do que ela à altura dos meus olhos.

— Encontrei você — diz ela com um sorriso bonito no rosto.

Entra no carro e senta na poltrona ao lado da minha.

Inclino-me para roubar um beijo seu e me surpreendo quando ela o aprofunda de um jeito que me arrepia em lugares que não deveria.

— Vamos parar por aqui — murmuro com a voz rouca. — Não podemos fazer isso aqui, tenho certeza que não me controlaria ao seu lado.

Ela sorri, desviando o olhar para a rua.

— Tem razão.

Afasto-me para ficar direito no banco de motorista e coloco o carro para andar na pista.

— Para onde vamos? — questiona, curiosa.

Tive bastante tempo longe dela nessa manhã para pesquisar um lugar afastado, tranquilo e sem movimentações onde eu poderia ficar com ela, tendo a certeza de que não seríamos incomodados.

Em um campo aberto na outra extremidade da cidade, estaciono o meu carro depois de quase quarenta minutos de percurso ao seu lado.

Há uma cabana nas redondezas construída para turistas que querem ficar aqui e curtir um pouco o ambiente ao redor.

Aluguei-a hoje para nós dois.

Pego a sua mão na minha e a levo pelo campo até a pequena casa distante.

De acordo com o que o dono me informou, ninguém vem para essa localidade além de uma caseira que cuida dela e prepara refeições para os locatários. Pedi que já deixassem tudo preparado para quando chegássemos e, bem, assim que abro a porta, encontro a mesa cheia de comida.

— Oh! — Surpresa, ela coloca as duas mãos nos lábios e entra no espaço. — Que lindo!

Orgulhoso do meu feito, sorrio, feliz de um jeito que não me permiti ser por um longo tempo.

É incrível como ela mudou a minha forma de viver em tão pouco tempo de convivência.

Talvez seja essa a forma perfeita para o enlace entre as pessoas certas, certo?

— Só não é mais lindo que você — comento, o idiota mais piegas que já existiu. Não estou nem me reconhecendo ultimamente. — Mas com certeza se torna ainda mais porque você está aqui, fazendo parte dele.

Ela gargalha, desviando o olhar do meu e caminha para a mesa posta.

— Não acredito que escutei você dizer isso — diz rodeando a mesa e observando mais à frente.

Fecho a porta atrás de mim e antes mesmo que ela passe por qualquer outro lugar, puxo-a para os meus braços e selo os nossos lábios.

Estava morrendo de vontade de fazer isso desde o início.

— Como isso é gostoso — comento, sincero. — Beijar você, fugir de Bianca para ela não descobrir sobre nós, mesmo parecendo dois adolescentes... tudo é uma delícia.

Ela rodeia os braços em torno do meu pescoço.

— Me sinto péssima mentindo para a minha tia. Ela é tudo o que eu tenho e a nossa relação nunca se baseou em mentiras.

E é por minha causa que está acontecendo, certo?

Incomodado, afasto-me e observo a paisagem pelo vidro transparente da janela de vidro. Entrelaço a sua mão na minha e a

puxo para fora, onde podemos caminhar pela enorme plantação amarela e verde.

É o cenário mais lindo e romântico de todos.

O meu coração acelera uma batida intensa só com o pensamento.

— Bianca e você... são muito próximas, não é? — questiono, desejando saber o máximo possível sobre ela.

Acena em concordância.

Uma brisa suave nos cumprimenta e eu sinto como se fosse muito sortudo por tê-la aqui, em um momento calmo em que estamos caminhando para nos conhecer melhor.

— Sim, somos — afirma, apertando a sua mão na minha. — Desde que os meus pais morreram, ela é o meu lar. — Suspira, então. — Me sinto horrível em mentir para ela, mas não sei qual seria a reação dela se soubesse que me envolvi com você... — Há uma pausa e eu acho que ela está escolhendo as melhores palavras. — O chefe dela.

— Não acho que reprovaria.

Ela para de andar e ergue o olhar para o meu.

— Estou falando muito sério, Malcolm. Não quero que ela se magoe por minha causa.

Sacudo a cabeça, puxando-a para perto do meu peito.

— Se for assim, seria por *nossa* causa — afirmo, mantendo-a agarrada contra mim. — De alguma forma vamos encontrar uma maneira de contar para ela. Você vai ver.

Juntos, no meio do campo, ficamos parados, abraçados, curtindo o tempo que temos apenas para nós dois.

— E você? Como era a sua relação com os seus pais? — Há uma pausa, antes dela continuar. — Sei algumas coisas sobre você,

porque é uma pessoa pública e...

Mordo o meu lábio inferior, desviando o olhar para ela.

— Está tudo bem, eu sei — digo, tranquilizando-a. Afago as suas costas devagar, com carinho, mantendo-a contra o meu corpo.

— Eu era muito próximo da minha mãe... e, mesmo que fosse distante do meu pai por causa do seu tempo gasto na prefeitura, ainda tinha como meta durante muitos anos seguir a sua caminhada.

— Você o admirava muito, não é?

— Bastante. — E ao pensar nele, o desejo de que eu queria que estivesse aqui, agora, para ver onde estou e o que estou fazendo na cidade que dedicou tanto tempo só cresce. — Sinto muito a falta deles.

Aria ergue a cabeça e descansa o queixo no meu peito.

— Eu te entendo — sussurra, doce, e eu a beijo.

Não somos tão diferentes e mesmo que devesse pensar mais um pouco sobre isso, não consigo deixar de notar o quanto a sua beleza se destaca no meio desse campo.

Mais encantadora do que é normalmente, na cidade, ela está na minha frente.

E eu juro que quero ser o único homem na face dessa terra que tem o privilégio devê-la assim.

— Você é linda — sussurro de volta e me inclino para depositar um selinho nos seus lábios rosados. — E eu acho que estou ficando louco por você.

Ela sorri, então.

— E bobo também.

Sorrio, concordando com ela.

Quando iria abrir a boca para falar, o meu celular vibra no bolso.

A contragosto, retiro-o da calça e tenho o desprazer de ver o nome do Archer na tela. Se é ele quem está ligando, já sei que algo deu errado e que, automaticamente, tenho que ir embora daqui.

Isso é o que me mata.

Não quero ir.

Por mim, ficaria com ela pela máxima quantidade de tempo possível que eu tivesse, mas tenho um dever a cumprir.

Nunca pensei que poderia odiá-lo tanto como agora.

— Sim? — questiono ao atender.

— Preciso que você assine uns papéis para enviar para o cartório ainda hoje e há uma reunião com a construtora responsável pela obra da...

Respiro fundo e afasto o aparelho do ouvido.

Aperto-o entre os meus dedos, no auge da revolta.

— Sinto muito, Aria. Tenho que ir...

Ela sorri, sacudindo os braços.

— Tudo bem, Malcolm... — Ela tem um sorriso de lado no rosto, enquanto me observa. — Posso te esperar no hotel até você voltar.

Queria ficar aqui com ela.

Passar o resto do dia e da noite também.

Entre segredos, confissões e novas descobertas, queria me perder no seu corpo e afundar com tudo de mim nas suas entranhas e no seu coração. Talvez, assim, eu pudesse aplacar ao menos um terço da gana que me atormenta por ela.

28.

MALCOLM WALKER

Felicidade.

A definição deveria ser família, união, lar.

Nunca me senti tão feliz na vida como agora, observando a minha esposa e filha repousando no jardim da nossa casa.

Sinto, dentro do meu mais profundo ser, que estou ficando louco.

— *Eu falei que seria uma menina! — graceja minha mãe. — Ela é a sua cara, para o azar de Aria.*

A minha mãe bate palmas e dá pulos de empolgação ao meu lado.

Afastados das duas, observamos Aria e a nossa filha dormindo na grama mais ao longe. A bebê está sobre o peito da minha mulher, enquanto ela dorme, tranquila, recebendo a brisa suave de um dia fresco.

— *Sim, a senhora falou — digo sem conseguir parar de sorrir.*

— *E você não acreditou.*

Suspiro, com as duas mãos dentro da calça.

— *Porque sou um idiota.*

— *Incrédulo das coisas que a sua mãe fala — diz ela, antes de me empurrar devagar com o ombro. — Deveria me escutar mais vezes.*

*

O meu peito está apertado quando abro os olhos.

De repente, uma vontade incontrolável de chorar me atropela e eu só consigo sentar na cama. Massageio o meu peito, sem conseguir me conter.

Só sinto.

— Malcolm? — questiona Aria, movendo-se ao meu lado.

A lembrança do rosto da minha mãe mais uma vez é tão clara na minha mente que não consigo pensar em mais nada. Fungo, quando a torrente quente de lágrimas escorre pelo meu rosto e tenho o seu toque gentil ao rodear a minha cintura.

— Teve um sonho ruim? — questiona, curiosa.

— Eu só... — A minha voz embargada não me deixa terminar.

Ela estava ali em mais um sonho.

Antes eu não entendia como ela lembrava com tantos detalhes dos seus sonhos, mas agora, de repente, consigo lembrar de todos os que tive com ela presente. O primeiro, com Aria. O segundo, com ela, Aria e uma menina segurando a sua mão.

E nesse, em específico, a minha garota tinha um bebê.

Uma menina.

— Vou pegar um pouco de água para você — diz ela, antes de levantar.

Fica em pé e caminha para a cozinha, enquanto tento reunir os meus pensamentos mais uma vez.

Não é possível que eu esteja ficando louco ou que as palavras de Finlay estejam certas. E se estiver me fazendo uma visita

mesmo? E se estiver tentando se comunicar comigo? E se essa é a sua forma de dizer que Aria é a mulher certa para mim?

— Aqui, tome — diz ela, oferecendo-me.

Pego-o e sorvo um gole generoso, tentando não pensar sobre isso, mas a minha cabeça, de repente, está tão cheia de pensamentos conflituosos que não consigo parar.

Depois de um tempo, recuperado, deixo o copo de lado e volto a deitar, com Aria ao meu lado.

— O que foi? Quer falar? — Ela é hesitante e, ao mesmo tempo, delicada na pergunta.

Fecho os olhos e o sonho se ilustra na minha mente como se eu o estivesse vivendo mais uma vez.

— A minha mãe apareceu no meu sonho — revelo como se fosse um segredo. — Pela segunda vez.

E você também estava nele.

Com um bebê nos braços... *a nossa filha*.

— Foi algo bom? — questiona e eu sorrio, voltando a abrir os olhos.

Encaro o seu rosto perfeito na frente do meu e só consigo pensar no quanto seria incrível se esse sonho se tornasse realidade.

Eu, ela e um filho.

Uma filha.

Quem diria que eu pensaria nisso? Que desejaria ardenteamente que isso acontecesse?

Sem saber o que dizer, inclino-me para depositar um selinho nos seus lábios.

Por enquanto, é tudo o que consigo fazer.

29.

ARIA CORBIN

— Tem chegado cada vez mais tarde — comenta Nancy e, dessa vez, ela não está apenas com a minha tia. — E às vezes sequer dorme em casa.

O bicho de penas que me atormenta todas as manhãs está sobre a mesa da nossa cozinha, comendo algum tipo de semente.

Mas ainda que ele seja uma distração, não é o bastante para me afastar do frio que sobe a minha espinha tão logo entro em casa.

— É o trabalho dela, Nancy — responde a minha tia, mas é a mim que está observando. — O chefe dela é muito severo.

Solto um suspiro, sem conseguir olhar para a minha tia.

Odeio mentir e o peso na minha consciência por vê-la me defender perante a vizinha fofoca e o seu papagaio insuportável só aumenta.

Ao invés de respondê-las, vou para o meu quarto e sento sobre a cama, encarando as minhas mãos trêmulas.

Passei a semana da minha folga inteira com Malcolm.

Parece que a cada dia que passa eu só fico cada vez mais viciada nesse homem. Não consigo pensar em mais nada ou fazer qualquer tipo de movimento que não seja um que me leve diretamente para ele.

Estou prestes a ficar louca.

Estico-me na minha cama e encaro o teto, sem conseguir me mover para lugar algum. O que eu vou fazer para dizer a verdade

para a minha tia? E se ela descobrir de repente, por outra pessoa que não seja eu?

— O que estou pensando? — sussurro, fechando os olhos.

Não sou nenhuma atriz principal de uma novela mexicana.

A vida é simples, não há porquê complicá-la, certo?

Se eu me virar e contar para ela, nada vai acontecer.

— Aria? Você jantou, filha? — questiona ela, abrindo a porta do quarto.

Covarde, não consigo abrir os olhos.

— Sim, tia — respondo, fraca.

Escuto a porta fechar e, em seguida, os seus passos se aproximam de onde estou.

— Está tudo bem mesmo, filha?

O meu coração bate mais rápido, esmagado pela mentira que está prestes a sair pelos meus lábios.

— Sim, tia — confirmo e a minha voz quase não sai. — Estou.

Sinto o meu colchão velho afundar e o seu cheiro se aproxima de mim.

— Está estranha, diferente — comenta e eu engulo em seco.

— Conheço você melhor do que ninguém, Aria, e sei que não é normal ficar agitada e sumida de casa. — Abro os olhos e a vejo me observar com expectativa. — Mesmo quando está atolada de trabalho, quando precisa passar a noite, você não ficava tão distante. — Exibe um sorriso de lado e coloca a sua mão sobre a minha. — Está namorando alguém?

Assustada, sento na cama.

Como ela teve essa conclusão?

— Não, tia... eu....

— Está tudo bem se estiver namorando. Só quero que seja feliz — afirma, tentando me tranquilizar. — Não é um pecado amar e se deixar ser amada, querida.

O que eu digo agora?

É o momento perfeito para dizer que, sim, estou me envolvendo com um cara e que esse é o motivo pelo qual tenho dormido fora por tantas noites.

Diga, Aria!

Vai!

— Tia, eu... — Sinto os meus olhos encherem de lágrimas e um bolo estranho, acho que de nervosismo, se concentra no meio da minha garganta. — Eu...

O impulso de colocar algo para fora é tão grande que eu só consigo levantar da cama e correr para o banheiro como se a minha vida dependesse disso. Viro-me no vaso e vomito tudo o que ingeri nas últimas horas, o que foi muito.

— Filha? — A minha tia empurra a porta e entra, mas estou tão mal, com a vontade de vomitar voltando de uma vez, que não consigo me comunicar. — Deve ter comido algo estragado... vou preparar um chá. Talvez ajude.

Ela se afasta e eu, muito descontrolada, continuo ajoelhada no chão, vomitando sem parar.

A ânsia não passa, mesmo quando ela volta com o chá.

Tento tomar, mas não adianta.

— Vou ver com Nancy se ela tem algum remédio — diz a minha tia, antes de sair de casa.

Sequer sabia que ela já não estava mais aqui.

Céus!

O que está acontecendo comigo? Será que estou doente? E, se for, como vou para o trabalho amanhã? Droga!

Não precisava disso agora.

Depois dos dias maravilhosos que passei com ele, não queria pensar em doença ou me tratar, porque, além de ficar longe dele, ainda não poderia trabalhar.

O caso com George está em aberto e o fato dele ter me acusado de não ser uma boa funcionária me persegue.

Como vou lidar com tudo isso que está acontecendo ao mesmo tempo?

*

Passei a noite inteira vomitando sem parar.

A minha tia supôs que deveríamos ir ao hospital, mas eu não posso me dar esse luxo agora, porque posso perder o meu emprego se precisar ficar internada. Faz pouco tempo que George foi afastado, que não assumiu o que fez e, para completar esse inferno todo, ainda fui acusada por ele.

É por isso que, tão logo a manhã chega e o meu despertador vivo começa a gritar sem parar, levanto e vou tomar um banho.

Não dormi direito e me sinto prestes a ter um colapso nervoso tamanho o meu sono, mas não importa, contanto que eu esteja em pé e pronta para ir ao trabalho.

Quando saio do banho, a minha tia está preparando o café e é só eu sentir o seu cheiro que volto para o banheiro. Vomito um líquido que não sei de onde veio, porque tudo o que havia na minha barriga, coloquei para fora na noite anterior.

— Aria, como você vai para o trabalho assim? — questiona ela, assustada.

Sacudo a cabeça e prenho a respiração.

— Está tudo bem — sussurro, fraca. — Não posso faltar, tia. Isso pode custar o meu emprego.

É desesperador, mas é a realidade daquela empresa.

Não importa se mudou de supervisor, as regras não foram feitas por ele.

Elas estão ali desde o começo e George só as amplificou para nos torturar.

No meu quarto, troco de roupa o mais rápido que consigo, ignoro o café da manhã que ela preparou e, depois de um beijo terno, corro para pegar o ônibus da manhã e tento não vacilar no meu caminho.

Tenho que ir para o trabalho, afinal de contas.

30.

MALCOLM WALKER

Cheguei a conclusão de que não vou conseguir mais dormir sem ela.

O meu humor, às sete da manhã, está uma merda e a única coisa que eu queria era ter o seu cabelo dela à minha disposição com o seu aroma capaz de me trazer calma no meio de toda a insanidade confusa que é a minha vida.

Respiro fundo, irritado.

Folheio o jornal do dia, enquanto Bianca coloca a mesa com o café reforçado que, com carinho e atenção, sempre preparou para mim.

— Parece que não dormiu bem — comenta ela, empurrando a minha omelete preferida na minha direção. — Aconteceu algo?

Suspiro, deixando-o de lado e a encaro.

— Sempre acontece, minha doce Bianca — respondo, focando na comida. Poderia conversar facilmente sobre como me sinto sobre Aria com ela, mas uma vez que ela não deveria saber sobre nós dois, fecho a minha boca. — Como você está? Dormiu bem?

Ela suspira ao invés disso.

— Dormi um pouco — responde, recolhendo as duas mãos. Parece cansada, como se não tivesse descansado nada na noite passada. — Aria teve uma infecção alimentar e passou a noite toda vomitando.

O quê?!

A notícia me preocupa.

Até o momento em que a vi, ela parecia ótima.

— Ela está bem? — questiono, ansioso pela resposta.

— Não, querido. Ela está fraca pelo tanto que vomitou. — Suspira, sacudindo a cabeça. — Me preocupa que não queira ficar em casa em um momento como esse. Saiu cedo para o trabalho e já deve estar lá a essa hora.

Engulo em seco, impossibilitado de ficar quieto.

Como ela conseguiu pegar uma doença com a comida do hotel?

Ou será que foi algo que ela comeu depois que saiu de lá?

Suspiro, ficando em pé. Deixo o jornal de qualquer jeito e, ignorando o café que Bianca preparou, me afasto dali.

— Não vai comer, menino?

— Sinto muito. Lembrei de algo que...

Odeio ter que mentir para ela.

Isso não é algo que um homem certo faria. É por isso que não termino de falar. Ao invés disso, só caminho para fora de casa a passos largos, na intenção de chegar o quanto antes na dona dos meus pensamentos.

Na entrada, Finlay me encara com expectativa.

Há dias que não o chamo para seguir o caminho comigo e talvez isso esteja o deixando mal, mas não posso deixar que ele saiba do que tenho com Aria agora. Ao menos preciso conversar com ela antes de abrir para as duas pessoas que tenho como minha família.

Escolho pegar as chaves do carro e, na direção, saio da propriedade.

Com o celular em uma mão e a outra mantendo o carro na pista, tento ligar para ela, mas não me atende.

Ainda mais preocupado do que eu já estava, acelero em direção a empresa em que ela trabalha e, cerca de vinte minutos depois, cortando o caminho por ruas mais vazias, consigo chegar na entrada.

— Drogá — murmuro ao lembrar de um detalhe importante. — Deveria ter trazido algum remédio ou... foda-se. Vou apenas levá-la até o hospital. — Suspiro. — Doença tem que ser tratada. Não para ser negligenciada por causa da droga de um trabalho.

Irritado, deixo o carro na entrada e sigo para dentro.

Não me importa nada de ninguém aqui quando pego o elevador para o seu andar.

Segundos tortuosos decorrem até que eles abrem e eu percebo que não tenho nenhuma desculpa plausível para atraí-la até mim ou para estar aqui.

Poderia usar o presidente da empresa ou dizer que estou o procurando para saber sobre o funcionário sem escrúpulos que ele emprega.

Sigo caminhando até a porta, mas de repente, vejo-a abrir a porta da sua sala e correr a passos rápidos para fora dela. Cruza todo o corredor até que some à frente.

Preocupado, sigo-a.

Acontece que ela entra no banheiro feminino, mas consigo escutar o barulho dos vômitos do lado de dentro. Espero que ela saia por alguns minutos, mas não há nenhum outro barulho até ela voltar a vomitar novamente.

Respiro fundo, sem saber o que fazer.

Não sei quanto tempo passa, mas ela abre a porta e quando mevê, os seus belos olhos se arregalam ao cruzar o olhar com o

meu.

— Malcolm? — A palidez no seu rosto é ainda mais preocupante. — O que você está fazendo aqui?

— Conferindo o que você tem e por que não foi ao hospital já que está tão mal — murmuro, irritado.

Aprendi, com a perda abrupta do meu pai e da minha mãe, que a última coisa que posso deixar de fazer por alguém que gosto é ser omisso. Não é fácil ver um morrer depois do outro por um infarto repentino.

É certo que se tivesse descoberto que eles tinham alguma doença no coração antes, as suas mortes teriam sido evitadas por um longo tempo.

Não repetirei esse erro.

Seguro o braço dela, ainda que tenha resistência.

— Malcolm! — murmura ela, batendo na minha mão. — Pare. Alguém vai ver.

Respiro fundo, em busca do controle que perdi aovê-la sem cor alguma.

— Não me importa que vejam — responde, olhando no fundo dos seus olhos. E espero que, aqui, ao ver o quanto sincero estou sendo, que me entenda. — Contanto que você venha para o hospital comigo, nada mais importa.

Ela me encara por um segundo ou dois, mas engole em seco.

— Me solte — pede, mas não posso fazê-lo. — Malcolm, não posso sair daqui assim... posso perder o meu emprego.

— Foda-se o seu emprego. A sua saúde é mais importante que isso. Venha!

Ela bufa, irritada.

— Malcolm, eu...

— Nada do que você diga vai mudar essa decisão. — O meu coração bate acelerado, como se o mundo fosse se desfazer sobre a minha cabeça em segundos e eu não pudesse fazer nada para impedir. — Venha comigo de uma vez por todas ou eu vou carregá-la nos braços até o carro.

Os seus olhos voltam a arregalar e exibe uma careta.

Antes que possa me dizer qualquer coisa, retorna para o banheiro. De braços cruzados na porta, escuto-a ligar a torneira em seguida e, então, sai dali.

— Vou descer — responde por fim. — Mas vai antes, pelo amor de Deus.

Respiro fundo, desejando deslizar os meus dedos no seu rosto bonito e a puxar para os meus braços. Juro que há um bicho dentro do meu coração que não me permite sair daqui para deixá-la sozinha.

Mas ela só tem os seus passos decididos de volta para a sala com portas de vidro.

Faço o que ela pediu, sem tempo para perder, mas fico parado na porta do elevador até que ela se aproxima de onde estou com a sua mochila. O meu impulso é estender a mão para pegá-la, mas ela cerra os olhos, repreendendo-me em silêncio para não fazer nada.

E é essa a situação que eu odeio.

Não poder tocar em quem eu quero.

Não poder protegê-la quando precisa.

— Está melhor? — questiono, quando as portas do elevador fecham com só nós dois.

Vejo-a se encostar nas paredes de alumínio do elevador e a fechar os olhos. Preocupado, ergo a minha mão para a sua testa e a encontro com muito suor escorrendo por ali.

— Não — sussurra e eu tenho certeza que essa é a verdade.

Ansioso, espero as portas abrirem e quando acontece, fico atrás dela ao sair.

Ela sai da empresa a passos rápidos e eu aponto para o meu carro ali na entrada. Destravo-o e ela entra, sem esperar que eu me apresse para abrir a porta.

O nervosismo me domina de um jeito que não estou sendo capaz de lidar, mas ainda entro no carro e nos conduzo ao hospital que tratou da minha família desde que me entendo por gente no mundo.

— Eu nunca senti isso — sussurra ela, com a mão na garganta.

Ansioso, afago a sua perna, tentando enviar o máximo de tranquilidade.

Passo por todas as restrições da pista até que paro o carro no estacionamento do hospital. Mais pálida do que já estava na empresa, inclina o corpo para a frente, tentando respirar.

— Aria?

Ela não me responde e, se eu já estava morrendo por dentro ao saber que ela não estava bem, agora, vendo-a passar mal, é que estou mesmo.

Apresso-me em sair do carro e o rodeio.

Em segundos, tenho-a nos meus braços e a carrego para dentro a passos rápidos. A ala VIP, por muita sorte, está vaga e eu solicito, assim que paro na recepção, o médico da família.

Como sou rapidamente levado até uma enfermaria, coloco-a sobre uma maca, enquanto ela, de olhos fechados, massageia o peito, como se estivesse sentindo alguma dor. Que Deus não permita que eu a perca, assim como perdi os meus pais. Não sei se vou conseguir suportar essa dor.

Deslizo as minhas mãos nas suas costas, enquanto ela tenta se recuperar.

O médico, ao contrário do que eu esperava, se aproxima logo de onde estamos e, enquanto faz perguntas para ela, com muito custo ela responde.

— Ela estava bem até ontem — digo, encarando-o.

Ele coloca o estetoscópio no seu peito, depois na barriga e continua fazendo perguntas, que ela logo responde.

— Qual foi a última vez que você menstruou? — questiona de repente e ela, diferente do que estava respondendo rápido antes, para um pouco.

Encara-o por um longo segundo, em choque.

— Mês passado?

Ele acena.

— Tem tido relações sexuais sem proteção? — questiona e eu posso, enfim, me virar para ele com os olhos arregalados.

Antes, eu não estava entendendo o que ele queria dizer com isso, mas agora é diferente. Ele está supondo que ela está grávida? Apenas por que está vomitando?

— Sim — responde Aria, mas ela me encara agora. — Só tive relações sem proteção até agora.

O meu coração acelera uma batida frenética a esse ponto.

— Busque um teste — diz o médico para a enfermeira que o acompanha.

Mas Aria senta de repente na maca e coloca a mão na boca.

— O banheiro é naquela porta — informa, apontando para a porta ali na frente.

Ela levanta e, apressada, corre para ele, onde entra e fecha a porta com um baque. O barulho que sucede é dela vomitando sem parar e a sensação de desespero que me atropela é tão grande que não consigo ficar parado.

De um lado para o outro, sem conseguir parar de pensar em uma confusão de coisas ao mesmo tempo, ando.

— É possível? — questiono a mim mesmo, mas a quem quero questionar?

Ela era virgem antes que eu e o meu descontrole cruzasse o seu caminho.

Ela é a inexperiente da história e eu fui o único que a pegou nos braços para torná-la minha... sem camisinha.

Todas as vezes que nos envolvemos foi sem proteção e eu nunca nem me preocupei com isso.

— Aqui, doutor. — A enfermeira para ao seu lado.

— Entregue-a e instrua como deve ser feito o teste — diz ele, pacificamente.

Vejo o tempo passar diante os meus olhos, enquanto parado, sem reação, vejo a mulher entrar no banheiro em que Aria está. Espero não sei quanto tempo ali na frente até que as duas saem.

Aria pálida.

E a enfermeira com um sorriso que não entendo no rosto.

— Deu positivo, doutor. Ela está grávida.

31.

ARIA CORBIN

Não consigo falar.

Não consigo abrir a boca, a minha vida deu um giro de mil graus em menos de um dia.

Como assim estou grávida?

— O que vou dizer para a minha tia agora? — questiono mais para mim do que para ele.

Ao meu lado, segura o volante com força.

— Ela vai entender, Aria...

Sacudo a cabeça, sentindo a minha garganta apertar.

O médico administrou uma medicação na minha veia há pouco e esse foi o bastante para me fazer parar de vomitar. Agradeço a ele por isso, porque já não tinha mais forças ou o que colocar para fora.

— Traí a sua confiança — sussurro, a agonia dessa constatação não me deixa encontrar paz no meu peito. — Ela preocupada, achando que eu estava me desdobrando em trabalhar e eu, na verdade, estava me deitando com o chefe dela.

Cubro o meu rosto com vergonha de mim.

Do que eu fiz.

E de esconder isso dela.

Tia Bianca me protegeu e cuidou de mim como se eu fosse sua filha. Agora, no auge da nossa crise financeira, essa é a última

coisa que ela precisa de mim.

Estou grávida do homem que é o seu chefe.

O homem que ela respeita e que não esperava tamanha traição.

— Bianca não vai achar isso, Aria — diz ele, muito tranquilo, à frente do volante. — Ela gosta muito de você e de mim para ter uma impressão algo ruim de nós.

Sacudo a cabeça, confusa, perdida em pensamentos.

Há um conjunto de exames e encaminhamentos que devo fazer para saber se está tudo bem comigo e com o bebê, mas não tenho cabeça para mais nada.

O que vai ser do meu trabalho?

E o que vou fazer para contar para a minha tia?

— Eu a conheço melhor do que você — afirmo, com os olhos nublados de lágrimas. — Sei que não vai entender isso de um jeito bom. A sua reação será terrível.

Ele suspira e quando para o carro no primeiro sinal, vira o corpo na minha direção. Com o olhar voltado completamente para mim, espera que eu o encare, mas não o faço.

Preciso pensar em muitas coisas agora e encontrar uma saída para que o fim dessa história não seja triste, comigo sendo excluída da vida da minha tia, devido a maldita que sou, sem controle dos hormônios e que se deitou com o seu chefe várias vezes sem proteção, e estando na casa dele para trabalhar.

Deus, é o básico!

Aprendemos desde cedo que toda relação sexual deve ser feita com camisinha e, por que diabos eu não lembrei disso em nenhum momento enquanto estava com ele?

— Aria, olhe para mim. — É quase uma ordem e eu não tenho outra opção que não seja virar o rosto para ele. A sua expressão é séria, mas os seus dedos buscam o meu rosto, onde ele desliza com carinho. — Bianca ama você e me trata como se eu fosse o seu filho. Não vai nos expulsar da vida dela só porque nos envolvemos.

Sacudo a cabeça, desviando o meu olhar do seu.

Não sei.

A minha cabeça entrou em curto circuito no segundo em que afirmaram que eu estava grávida e, sem tempo algum para que eu processasse a informação, me deram vários exames para fazer de uma vez.

Ok, eu estou grávida.

Há lágrimas nos meus olhos e eu tento empurrá-las para longe, mas não é possível.

Estou grávida.

— Me deixe em casa, por favor — peço, em um fio de voz. — Preciso pensar no que fazer a partir de agora.

O silêncio se estende entre nós, antes do carro começar a deslizar na pista novamente.

Ele solta um suspiro e acelera.

— Deveríamos ficar juntos para encontrar uma saída.

Respiro fundo e fecho os olhos.

— Quero ficar sozinha, Malcolm — digo, pontuativa. Espero que não diga mais nada e só faça o que estou falando. — Há muita coisa ao mesmo tempo na minha cabeça e eu preciso colocar em ordem. Entenda, por favor.

Em silêncio, ele só acena e dirige até a minha casa.

Quando chegamos, para o carro na entrada e, diferente de todas as outras vezes, saio dele sem me despedir do homem que habita meus pensamentos.

Não é que eu esteja com raiva, é que preciso de um pouco de espaço para decidir o que vai ser da minha vida de agora em diante.

Uma gravidez muda tudo.

O meu trabalho, as minhas metas de vida e a minha instabilidade.

Como vou ter uma criança se sequer tenho estabilidade financeira? E a minha tia? Como, juntas, vamos sustentar sozinhas mais um ser que vai precisar de cuidados que não temos como suprir agora?

Há Malcolm... mas não eu nunca

Entro em casa, olho ao redor e sinto um peso surreal dominar o meu coração.

Deixo a mochila cair no chão e caminho, em silêncio, para o sofá da sala.

Tenho tantas coisas em mente que não sei qual focar primeiro. Só choro, encolhida no sofá da sala, sem saber o que fazer.

Como assim há uma vida no meu ventre?

Como eu...?

— O que fiz? — questiono em um sussurro embargado pelo choro. — O que vai ser de mim agora?

De tanto chorar e pensar em várias situações negativas, acabei adormecendo no sofá e só acordei quando a minha tia me sacudiu levemente.

— Está melhor? — questiona, sentada do meu lado.

Ainda pesada e exausta, arrasto-me sobre o sofá e me sento nele devagar.

— Sim — sussurro com a voz rouca.

Ela se aproxima mais um pouco e coloca a mão na minha testa.

Encaro-a preocupada comigo e não consigo deixar de me sentir uma maldita escrota por tê-la enganado desse jeito.

— Deve ter sido algo que comeu mesmo, então — diz ela com um suspiro, mais aliviada. — Nancy me contou que você chegou cedo em um carro... — Desvia o olhar do meu rosto para a porta. — Estava muito mal?

Mordo o lábio inferior, impossibilitada de manter contato visual.

Como digo para ela?

Como falo que...

— Estava — respondo, quase sem voz. — Fui ao hospital e...

Descobri que estou grávida.

— E quem levou você? — A sua curiosidade me faz erguer o olhar para o seu. Ao se deparar com as minhas lágrimas, vejo-a mudar imediatamente. — Oh, meu Deus! O que aconteceu, minha filha?

Apressa-se em me puxar para os seus braços e me aperta ali, como se pudesse me proteger de algo que não existe.

Sinto tanto por isso, eu...

— Tia, eu sinto muito — digo, sinceramente, entre soluços.

Ela não me pergunta mais nada.

Com os braços ao redor do meu corpo, aperta-me contra si na tentativa de me dar conforto.

Sou a pior sobrinha que esse mundo já teve.

32.

MALCOLM WALKER

— Papai! — grita a pequena menina correndo na minha direção. — Estou aqui!

Viro-me para o lado e a vejo correr no campo cheio de flores rosas. Ela pula com o seu filhote de pastor alemão a seguindo como um fiel escudeiro.

— Estou vendo você — grito de volta, sem conseguir me desfazer do sorriso idiota no meu rosto. — Tenha cuidado para não cair.

— Tá!

O cheiro de terra molhada preenche os meus sentidos, mas não é maior que o cheiro doce das rosas ao nosso redor.

— Ela é linda — sussurra a minha mãe ao meu lado e os seus olhos estão cheios de lágrimas. — Como você.

— Como Aria, a senhora quer dizer.

Ergue as duas mãos para o rosto e desliza ali, afastando as lágrimas dele.

— Tem o seu físico, mas o jeito tímido é todo de Aria — comenta e, ainda que as lágrimas não tenham se afastado do seu rosto, um sorriso brota ali. — É o bebê mais lindo do mundo.

Sim, ela é.

Pode ser porque sou pai e amo cada milímetro dela, mas a verdade é que a minha bebê é como um anjo, toda perfeita.

Não diria que se parece comigo ou com qualquer ser humano da face da terra.

Ela é única e tem todo o meu coração para ela.

— Aceitam um biscoito caseiro? — questiona Aria, aparecendo ao meu lado de repente. Tem um prato com vários biscoitos que aprendeu a fazer com a minha mãe e um sorriso enorme no rosto. — Vem, bebê!

A minha filha para de correr com o seu cachorro para vir até nós.

— Sempre amo tudo o que você faz — diz a minha mãe e logo pega um deles. Então, de repente, vira o rosto para mim. Até estranho por um momento, mas ela tem um sorriso tão grande no rosto, que é impossível não entregar o mesmo para ela. — Estou muito orgulhosa de você, da sua família e do que construiu, filho. Sente que é feliz?

A verdade está na ponta da minha língua.

— Nunca estive tão feliz na minha vida como agora, mãe.

*

Aria está grávida de um filho meu.

A minha mãe me visitou mais uma vez essa noite e em todos esses dias que tive a sua presença na minha cabeça, dessa vez é diferente.

Parece que ela veio para me guiar e iluminar o início de uma nova vida.

Para mim.

É estranho pensar sobre como eu vou ser pai, mas considero que tive exemplos incríveis, com exceção, é claro, do trabalho exacerbado que o meu pai tinha nas costas e que nos distanciou por um tempo.

Não vou cometer o mesmo erro, mas vou honrar a minha casa, a mãe do meu filho e ele... ou ela.

Sorrio, pensando nisso.

Em uma semana, sonho com a minha mãe e com Aria com um bebê. Na semana seguinte, descobrimos que ela está esperando um filho meu... nosso.

É surreal.

— Parece perdido em pensamentos — comenta Finlay do banco da frente. — Aconteceu algo sério?

Dou de ombros, encarando-o.

— Sempre acontece. — Essa resposta se tornou comum nos dias em que não quero dizer exatamente o que está se desenvolvendo.

Mas, dessa vez, é mais sério do que tudo.

Vou ser pai.

Pai de um filho de Aria Corbin, a sobrinha da mulher que a minha mãe confiou por muitos anos enquanto era viva.

— Bianca me procurou nesta manhã — comenta ele e eu desvio o meu olhar para a frente. — Quis saber se eu vi algum homem com Aria. — A surpresa da sua pergunta me faz arregalar os olhos. — Ou se vi algum carro vindo deixá-la.

Encaro-o em expectativa.

Será que aconteceu algo?

Enviei mensagem para ela na noite passada e nesta manhã, mas ainda não me respondeu.

— E o que você disse? — questiono com os olhos cerrados.

— A verdade.... que não vi.

Aceno em concordância, mas não consigo parar de pensar se Aria contou para a tia dela que está grávida ou que, de alguma forma, ela tenha descoberto sobre isso.

O pensamento me persegue quando chego na prefeitura e no decorrer do dia inteiro, enquanto resolvo as pendências da minha agenda lotada. Na última semana, passei mais tempo trancado no hotel com Aria do que trabalhando e isso me deixou com vários compromissos acumulados.

Já é noite quando saio.

A necessidade devê-la e de saber como ela está pulsa cada vez mais forte no meu peito. Confiro no meu celular se ela respondeu as minhas mensagens, mas não há nada.

Será que está bem?

— Para casa? — questiona Finlay, quando paro ao seu lado no carro.

Iria abrir a boca para responder, mas Archer surge correndo da parte externa da prefeitura. Passou o resto da tarde inteira resolvendo pendências do cartório por causa da falta das minhas assinaturas.

— É bom irmos para a empresa em que a Aria trabalha agora! — diz ele, alerta.

O susto é tão grande que não consigo evitar de revirar os olhos.

— O que aconteceu? — questiono, com medo do que posso escutar dele.

Sem fôlego, alcança a porta e a abre rapidamente.

Finlay rodeia o carro e entra de uma vez no banco de motorista. Liga-o e, em silêncio, acelera para fora da vaga.

— Tenho um informante lá dentro que me passou todas as informações que entreguei a você — diz ele, depois de engolir em seco. — E ele acaba de me ligar para dizer que o ex-supervisor entrou nas dependências da empresa parecendo que estava prestes a fazer uma besteira.

A minha cabeça começa a doer, mas Finlay é rápido em manobrar o carro nas ruas sem o trânsito tumultuoso desse horário.

— E por que você sabe disso? — questiona ele, parecendo irritado.

Archer desvia o olhar para mim, acho que em busca da resposta, mas sinto muito. Agora, a única coisa que me vem à mente é Aria e a sua segurança com o bebê.

Nada mais me importa.

— Porque ela é minha.

33.

ARIA CORBIN

Deveria ser uma noite normal, se eu não estivesse um caco.

Por causa da minha saída mais cedo ontem, tive que fazer hora extra hoje para preencher o horário que perdi. As minhas costas doem, o meu estômago não parece que vai melhorar tão cedo e eu não comi quase nada durante todo o dia. Sem contar o meu emocional, que foi pelo ralo juntamente com todas as vezes que vomitei.

Pelo o que pesquisei na internet, não deveria sentir muitos sintomas, afinal não tenho sequer oito semanas de gravidez ainda.

Mas, como sempre existem exceções...

Preciso mesmo fazer parte delas.

Sentindo o enjoô que só deveria ter quando estivesse com três meses, comi uma sopa que tia Bianca, muito cuidadosamente, preparou essa manhã.

— Já posso ir, certo? — questiono ao nada, encarando a hora no meu computador.

Fecho os olhos e isso é o bastante para me fazer pensar nele mais uma vez.

É difícil acreditar que estou grávida.

Ou que serei mãe.

Isso é estranho de pensar, mas se começo a imaginar como seria a mistura minha com Malcolm, um menino loiro de olhos azuis surge no meu pensamento.

Mordo o meu lábio inferior e, como estou perto de sair, pesquiso mais algumas coisas sobre bebês e gestação. O que preciso, o que não deveria fazer e quando vou perceber, estou me emocionando com vídeos de bebês dando gargalhadas.

Será que o nosso será assim?

— Tanta coisa para pensar, Aria — repreendo-me, sacudindo a cabeça. — Volte para a realidade, pelo amor de Deus. Esqueceu que tem uma tia que a qualquer momento pode descobrir sobre isso?

Sozinha, cumprí com tudo o que o supervisor me direcionou e como já terminei, reúno todas as minhas coisas, pronta para me afastar.

O andar tem poucas pessoas, acho que todas estão cumprindo o mesmo que eu, porque aqui se você não quiser ficar sem o seu salário completo, tem que cumprir todas as horas.

Depois de sair mais cedo, o novo supervisor afirmou que eu poderia cumprir o que perdi no dia seguinte.

Só assim tive leveza para sair.

Já com a bolsa nas costas, me encaminho para o elevador.

Clico no botão para que ele abra e espero.

Só não esperava que, no segundo que as portas estivessem totalmente abertas, George, o ex-supervisor sem escrúpulos, estivesse ali com um olhar cerrado de puro ódio.

— Vim encontrar você mesmo — diz ele com ódio, apontando para mim.

Arregalo os olhos e recuo, sentindo o meu coração bater em desenfreio no peito.

Sinto a parede contra as minhas costas, mas ele não parou de andar até que está a poucos passos de distância de mim.

Alerta soa na minha cabeça insistentemente.

— O que quer de mim? — questiono com a minha voz em um fio.

— Que diga que é mentira! — grita no meu rosto e eu fecho os olhos. — Que retire o que disse ou assuma a culpa pelo hackeamento do sistema.

O quê?! Ele ficou louco?

— M-aas...

Abro os olhos, mas ele, sem tocar em mim, aproxima muito o rosto do meu, como se fosse me destruir em segundos.

Nunca senti tanto medo na vida.

A ameaça é tão latente que automaticamente protejo a minha barriga com as mãos. Acho que nunca tive tanto temor em perder algo, mas, neste momento, tudo o que eu sabia que deveria fazer era proteger esse bebê no meu ventre.

— Não ouse me responder, sua vaca! — diz entredentes, o ódio severo no seu olhar. — Não vou deixar você escapar se não fizer isso agora!

Tremores inoportunos me fazem perder o prumo.

Ele, percebendo o meu nervosismo, se aproveita disso e agarra o meu braço.

Puxa-me como se eu não fosse nada para dentro do elevador e me força ali, enquanto ele clica no botão do último andar.

Encolho-me, determinada a deixá-lo o mais longe possível de mim.

E a proteger o ser indefeso que carrego.

— Por que está fazendo isso? — questiono, quase sem voz.

Ele, em contrapartida, cerra os olhos e aperta o maxilar com força.

— Você acha que vou ser preso? — grita na minha cara. — Ou perder o meu emprego de vez? Você foi a única culpada por tudo isso! Você!

Arregalo os olhos, tentando soltar a sua mão do meu braço.

— Me largue!

As portas abrem no momento em que eu estava quase conseguindo, mas ele consegue me recuperar e me empurrar pelo corredor até a sala do presidente.

A recepcionista fica em pé ao vê-lo me empurrar e tenta impedi-lo, mas ele faz o mesmo com ela.

Empurra a porta da sala do presidente de uma vez.

— Olá, senhor presidente! — graceja com um largo sorriso.

Fora de si, me empurra para a frente e, por muito pouco, não caio no chão.

A bile sobe para a minha garganta ao ver o presidente, sempre imponente, ficar em pé com uma expressão de puro asco.

— O que está fazendo aqui? — grita e eu me encolho onde estou.

— Garantindo que devolva o meu cargo — diz ele e, logo, aponta para mim. — A culpa é dela pelas sabotagens da empresa e eu sou inocente. — Empurra-me na frente da mesa e cerra os olhos, encarando-o. — Devolva o meu emprego!

Em choque, o presidente sai de trás da mesa e a rodeia até que fica de frente para ele.

— Está ficando maluco? — questiona em um brado. — Eu já tenho o resultado da equipe que fez a varredura no sistema. O único culpado é você. É do seu laptop que veio os ataques que

derrubaram o sistema inúmeras vezes e que nos fez perder muito dinheiro!

Vejo uma brecha para sair da sala, com a porta aberta, mas preciso me mover para isso e, agora, não consigo.

O choque por tudo que está acontecendo me paralisa.

— Sem o meu cargo de volta, vou transformar a sua vida em um inferno — ameaça, fora de si. Arregalo os olhos com muito mais medo do que antes. Lágrimas escorrem em desenfreio pelo meu rosto e eu tenho que me recuperar. — Eles me denunciam porque eu ia além no que impunha, mas nunca fiz nada que pudesse infringir as regras da empresa. Quer me demitir e me processar por uso indevido do poder? — Então, gargalha. — Vou processar a empresa por me fazer impor isso a eles.

Há um longo silêncio em torno de nós.

— Chame os seguranças e a polícia — brada o presidente, diante um George de olhos vermelhos.

Fecha o espaço entre eles e o peita.

— Faça isso. Chame-os e o processado será você!

O que acontece em seguida é muito rápido e eu mal consigo gravar.

— Aria! — Escuto Malcolm gritar e a única coisa que consigo pensar é que estamos salvos.

Eu e o bebê.

A onda de alívio que me domina é automática, mas ele se aproxima passo a passo de onde estou como um touro cheio de ira.

Atrás dele, Archer vem com a face retorcida de um ódio similar.

— Malcolm — digo e, como se as minhas pernas ganhassem vida, corro na sua direção.

Ele segura entre as suas mãos e confere o meu rosto.

— Ele machucou você? — questiona e eu engulo em seco.

— Só quero sair daqui — digo, nervosa.

— Está tremendo — constata e o seu olhar é duro para algo atrás de mim. — Archer, leve a Aria para o carro. Tenho um assunto para tratar aqui.

Arregalo os olhos, com medo do que ele possa fazer e tento segurá-lo, mas está irredutível no seu caminho ao escritório.

Archer me segura e afaga os meus braços, enquanto me guia para longe, mas ainda sou capaz devê-lo erguer um punho e derrubar George com ele, como se não fosse nada.

— Oh! — grito, assustada. — Archer, pare-o!

Ele sacode a cabeça.

— Ele está assegurando de que ele nunca mais tocará em você, a mulher dele.

Mulher dele? Eu?

Acho que sinto a minha boca secar por um segundo, isso porque não sei o que fazer, dizer ou pensar.

Eu sou a mulher dele?

Em silêncio, sem conseguir me mexer diante a sua afirmação, entro no elevador e Archer clica no botão, nos direcionando para o térreo.

— Você pode ir ajudá-lo — digo, ansiosa, com medo que George faça alguma coisa com ele. — Vou sozinha para o carro.

Archer sacode a cabeça em negativa.

— Ele me mandou deixá-la no carro e é o que farei — diz ele, sem abertura para discussão.

Engulo em seco e as portas do elevador abrem.

Antes que vários homens, incluindo policiais e seguranças, entrem ali, Archer me guia para fora. Sem parar de caminhar, sigo o caminho para o carro e é quando sinto o ar frio da noite bater contra o meu rosto, as lágrimas voltam a escorrer sem controle pela minha face.

O que aconteceu aqui, pelo amor de Deus?!

34.

ARIA CORBIN

Malcolm sai da empresa muito sério e parecendo cheio de ódio.

Sem olhar para nenhum outro lugar, encara Finlay ao lado da porta do carro com seriedade.

— Pegue um táxi — diz apenas, antes de rodear o carro e entrar no banco do motorista. — Preciso tirá-la daqui o mais rápido possível.

Vejo a expressão perdida dele, mas não tenho tempo de dizer nada, porque Malcolm acelera para longe dessa empresa.

No silêncio do carro, tento ver a sua expressão e até adivinhar o que está passando pela sua cabeça, mas não é possível. Ele se fecha dentro de si e se concentra apenas em nos tirar daqui.

Consigo relaxar no banco do carro, porque com ele, de alguma forma, o sentimento de que estamos protegidos é maior a cada segundo.

E eu sou muito grata por isso.

“Ele está assegurando que ele nunca mais toque em você, a mulher dele.”

Há pouco, o meu mundo quase desabou sobre a minha cabeça e eu senti que podia me perder nesse mar turbulento sem saber o que fazer para nos proteger, mas ele veio e garantiu que o faria isso por nós dois.

— O que vai acontecer agora? — questiono, depois de um tempo.

— Vou garantir que ele apodreça na cadeia.

Um alívio me preenche por saber que não verei aquele homem perturbado nunca mais, enquanto ele nos guia para a sua casa.

Não profere mais nenhuma palavra, apenas respira fundo e agarra o volante com tanta força que sou capaz de ver o branco ali.

Estaciona o carro na porta de casa, longe de qualquer perigo ambulante como o desgraçado do George.

Sai dele e o rodeia para abrir a porta para que eu saia. É tudo depressa, urgente e eu não faço a menor ideia do que isso significa para ele, mas agarra a minha mão e me puxa para dentro de casa.

Em seguida, escadas acima até que estamos no seu quarto.

Por um segundo, ele para e respira.

No outro, ele me puxa para os seus braços e me segura com força. É quando me dou conta do quanto ele está tremendo, sem controle algum.

Também estava com medo.

Na empresa, temi pelo bebê.

Fora dela, temi por ele.

E não tinha nada que eu pudesse fazer que não fosse esperá-lo sair dali com a esperança de que estivesse a salvo, sem machucados.

— Estava com tanto medo — sussurra de repente e, em seguida, ouço o seu fungado. — Nunca temi tanto por algo na vida como hoje nos minutos que me levaram até aquela maldita empresa.

A sua voz está embargada e ele parece perdido.

— Está tudo bem agora — sussurro, tentando tranquilizá-lo. — Estamos a salvo.

Ele me ergue nos seus braços e eu rodeio as minhas pernas em torno da sua cintura, sem conseguir me afastar dele também. Comigo nos seus braços, leva-me para a cama, onde deitamos juntos.

Coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha e solta um suspiro.

— Fica aqui — pede em um sussurro. — Comigo.

Engulo em seco, sentindo as batidas do meu coração aumentarem.

— Essa noite?

— A vida toda, Aria. — Arregalo os olhos e sento na cama, tamanha a surpresa. — Case comigo. Seja a minha esposa e me deixe garantir que ninguém nunca irá machucá-la.

O susto é tão grande que eu não consigo registrar o que está acontecendo.

Malcolm Walker, o prefeito de Newark, está me pedindo em casamento?

Por mais que eu pense, nunca imaginei que algo parecido pudesse nos conduzir ao matrimônio.

Eu e ele? Casados?

— Malcolm... — Não consigo terminar, embargada de emoções.

Ele senta na minha frente e desliza a sua mão fria no meu rosto.

— Nunca gostei tanto de alguém como gosto de você. Desde antes do primeiro beijo. — O meu coração acelera em uma batida surreal. — E nunca senti que podia ter uma família completa, mas

você entrou na minha vida e... — Ele sorri, então se inclina na minha direção e deposita um beijo no meu rosto. — Você me deu uma nova perspectiva de viver, Aria. Um novo jeito de olhar a vida. — Com outro beijo, agora nos meus lábios, ele me tem mole, derretida e completamente sua. É automático. — Hoje, com o medo que senti, percebi que eu não consigo me imaginar sem você. A ansiedade paravê-la, a preocupação capaz de arrancar o meu raciocínio e me fazer cometer besteiras, tudo... eu sinto tudo isso com você. E, sinceramente, é a minha primeira vez que estou tendo a certeza de que amo alguém.

Oh, meu Deus!

— Você... — Encaro o sorriso bonito que ele imprime nos lábios. — Você me ama, Malcolm?

— Como nunca amei uma mulher na vida inteira.

O meu coração acelera em uma batida frenética.

— Eu só estou... — Engulo em seco, então. — Chocada. Nunca imaginei que fosse escutar isso, muito menos de você.

Ele inclina os lábios para os meus e os sela juntos. No meio desse beijo cheio de ternura, sinto as lágrimas escorrendo entre nós. Agarro-o contra mim com força, recuperada do choque que foi escutá-lo dizer isso.

Fugi dele antes, temendo que ele se interessasse por alguém mais atraente, mas, então, ele disse que eu era a única mulher que o interessava.

E isso foi o bastante para me fazer ficar ao seu lado até hoje.

— Eu acho que amo você também — sussurro, quando afastamos os nossos lábios.

Ele abre um sorriso de lado, encarando-me.

— Você “acha”? — Desliza os dedos no meu cabelo e, como se nada tivesse acontecido até poucos minutos atrás, se inclina para

o lado, sobre os próprios cotovelos para me encarar. — Pensei que tivesse descoberto isso antes de mim. Lembro de como olhava para mim com cobiça desde o seu primeiro dia aqui.

Arregalo os olhos e o estapeio-o.

— Que mentira, Malcolm. — Sinto o meu rosto esquentar. — Eu só... nunca tinha visto um homem da forma como te vi.

Com um ar diferente, ele senta na cama e começa a tirar as roupas.

— É bom saber que eu sou o primeiro homem em tudo — comenta ele, todo arrogante.

Suspiro, voltando a deitar ao seu lado.

Levanta da cama e quando pensei que iria terminar de tirar a própria roupa, se inclina para uma pequena cômoda e, quando a abre, revela um cofre quadricular. Digita algo nele e, logo, retira dele uma caixa vermelha.

— Esse anel foi da minha mãe — afirma e eu, nervosa, sento na cama. — É o anel que o meu pai a pediu em casamento... e, agora, é seu. — Ao meu lado, ainda em cima da cama, ajoelha-se e aproxima o anel de onde estou. — Aceita ser a minha mulher e a primeira-dama dessa cidade?

O ar me foge, enquanto o encaro.

Uma confusão maluca de sentimentos me arranca lágrimas dos olhos e eu juro que, por um segundo, senti algo mexer na minha barriga. Não há tempo para o bebê se desenvolver o suficiente para mexer, mas... eu senti.

E isso me deixa ainda mais emocionada.

O que pulsa no meu peito e inebria os meus sentidos é que, talvez, ele esteja concordando com isso também, mas quando percebo, estou abrindo a boca para respondê-lo:

— Sim, eu aceito.

35.

ARIA CORBIN

Ainda é loucura para mim ter aceitado casar com Malcolm.

Mas sabe o que é maior do que isso?

Estar de mãos dadas com ele, na porta da minha casa, às sete horas da manhã, para que possamos encarar a minha tia e contar que estamos juntos e que estamos à espera de um bebê.

A chance de isso dar certo? Quase nula.

Eu poderia ter contado tudo desde o começo, mas não tive coragem.

Agora, estou tão nervosa que me sinto à beira da loucura, mas a presença dele ao meu lado me dá força.

A confiança que tenho, mesmo sem pensar muito sobre isso, em Malcolm, é tão grande que consigo abrir a porta de casa com tranquilidade. O cheiro de café é forte no meu olfato e eu pigarreio, quando uma náusea me impacta automaticamente.

— Quem é? Nancy? — A minha tia está de costas para a porta quando entro.

O meu coração bate em desenfreio, os segundos de silêncio entre nós começam a aumentar gradativamente e eu juro que não sei mais o que fazer.

Estaria tudo bem se eu empurrasse Malcolm para fora daqui e esquecesse essa ideia estapafúrdia que ele teve nessa manhã de comunicarmos a ela?

Ela perceberia? Ou Nancy?

— Sou eu, Bianca — diz Malcolm e eu juro que sinto que posso desmaiar, quando ela se vira de uma vez para trás.

De olhos arregalados, o observa.

— Malcolm? — Desliga o fogo e esfrega as duas mãos no seu avental rasgado. — O que está fazendo aqui? — Então, desvia o olhar para mim. — Aria? O que... — E então o seu olhar recai nas nossas mãos entrelaçadas. O meu coração acelera ainda mais, as palavras se perdem na minha cabeça e, de repente, a minha única vontade é a de correr daqui. — O que está acontecendo?

O nervosismo está me guiando para caminhos que eu não deveria seguir.

A ânsia volta com tudo com o cheiro incômodo do café e a sua careta confusa focada em nós dois, sem entender nada.

— Precisamos contar algo para você — diz ele, indo direto ao ponto.

Desvio o olhar para o seu rosto, perdida.

Como vamos pular tantas partes?

É capaz que a minha tia desmaie devido ao susto que será descobrir o que aconteceu entre nós... que estamos noivos e que, senhor do céu, vamos ter um filho.

— Então, tia, primeiro você precisa saber que não foi de propósito — digo, soltando a minha mão da dele. Afasto-me para me aproximar dela, que cerra os olhos me observando. — Aconteceu... de repente.

Ela solta um suspiro, olhando para nós.

— Ele é o homem que a trouxe aqui outro dia?

Engulo em seco, ainda mais nervosa.

A bile sobe para o meio da minha garganta e eu acho que vou vomitar.

— Sim, é ele, tia. — Sinto as lágrimas brotarem nos meus olhos, assim que vejo os seus nebulosos. — E... — As palavras se perdem no meio da conversa e eu fico perdida junto, porque ela desliza as mãos nos meus braços. — Tia, não quero decepcioná-la.

— E por que o faria? — questiona, apressando-se para limpar as lágrimas que escorrem pelo seu rosto. — Falei para você que estaria tudo bem se apaixonar. Amar e ser amada.

Fungo, vendo-a sem conseguir olhar no meu rosto, então.

— Bianca — chama Malcolm e ela ainda não consegue olhar para ele. — Aria está grávida.

Surpresa, ergue o olhar para mim e eu juro que a vejo perder o equilíbrio por um segundo. Se segura no sofá e, devagar, comigo a segurando, ajudo-a a sentar nele com tranquilidade.

— Tia, nos envolvemos — conto em uma tentativa de aliviar o seu nervosismo, embora eu não esteja diferente. — E acabamos nos apaixonando, então... engravidei. — Ela está no meio de uma confusão de sentimentos, eu sinto, mas o medo de que não volte a olhar nos meus olhos é tão grande, que seguro a sua mão na minha com força. — Ele me pediu em casamento... e eu aceitei.

— O quê?! — Ela bufa, ainda chocada, intercalando o olhar de mim para ele. — O que diabos é isso? Vocês... se conhecem há pelo menos dois meses! Não é assim que a vida... — Ela respira fundo, interrompendo o que quer que iria dizer.

Arregala os olhos, com o olhar perdido longe dele e cobre o rosto com as duas mãos. Pensei que iria chorar, mas ela está limpando as lágrimas.

— Nos apaixonamos, Bianca — diz Malcolm, como se isso fosse tudo. — Juro que serei um bom marido para a sua sobrinha e nada vai interpor entre nós que...

A minha tia fica em pé.

— Foi por isso que você levantou do nada quando eu disse que ela estava passando mal? — questiona com os olhos estreitos, o olhar nele. — É por isso que não me respondeu? Você não é assim.

Ele acena e ergue as duas mãos para apertar os ombros dela.

— Eu a amo — declara e escutar isso pela segunda vez em menos de vinte e quatro horas me deixa mole. Como pode um homem tão lindo falar palavras tão bonitas com tanta sinceridade assim? De repente? — E não consigo mais me imaginar longe dela.

A minha tia ainda está assustada.

Afasta-se para o lado e respira fundo.

Tenta entender o que está acontecendo entre eu e ele ou aqui, com ela.

Eu sei, é abrupto.

Rápido demais até para mim.

Ser pedida em casamento em menos de sessenta dias é estranho, mas eu não tive dúvidas da minha resposta quando a proferi. Ou nos beijos entorpecedores que sucederam a minha resposta. Ou do anel pequeno que está no meu dedo anelar agora.

— Isso é novo para mim — diz ela, afastando-se. — Só um...

Sequer termina de falar e se afasta para a cozinha.

Nervosa, com lágrimas nos olhos, vejo-a reacender o fogo e a terminar de preparar o seu café. Malcolm me abraça com um braço e eu fungo, sem conseguir lidar com a possibilidade de tê-la decepcionado.

Preferiria que o mundo caísse na minha cabeça do que de vê-la triste comigo.

— Vai ficar tudo bem — sussurra ele perto do meu ouvido, antes de espremer os lábios no meu cabelo.

Sim, vai ficar.

Mas só será possível se eu a tiver comigo.

Espero o seu tempo, enquanto prepara o café da manhã completo, incluindo uma panqueca no estilo que Malcolm gosta. Quando termina tudo, desvia o olhar para nós e chama para que nos juntemos à ela na mesa desgastada.

— Você está grávida — diz mais uma vez, como se precisasse que esse fato fizesse sentido na sua cabeça. — E Malcolm é o pai. — Aceno em concordância e ela suspira, derramando café em uma xícara. — E vocês vão se casar.

— Sim — respondemos ao mesmo tempo.

E isso a faz nos encarar em choque.

— Como vou me acostumar com isso? — questiona mais para si do que para nós, mas sai alto o bastante para que escutemos. Ao meu lado, escuto-o rir. — Aria, você só trabalhava, minha filha! E quando foi me substituir, era apenas para fazer os serviços da casa. — Encara-me sem entender. — Como diabos você foi se atracar com esse homem que mal fica em casa?

A sua curiosidade é óbvia e eu sinto o meu rosto esquentar.

— Bianca, desde a primeira vez que a vi, ela não conseguia falar, nem tampouco desviar o olhar do meu corpo...

Arregalo os olhos, morta de vergonha, e o cutuco.

— O que você está falando para a minha tia? — murmuro entredentes.

— A verdade, querida.

— Querida? — Ela tem os olhos arregalados e fecha os olhos. Passa um tempo assim, antes de indicar para a comida que preparou sobre a mesa. — Tomem café. Vou tomar um banho para tentar digerir todas essas informações.

Em expectativa, vejo-a se afastar, mas a ansiedade está me consumindo tanto que eu não sei se consigo aguentar a espera dela sair do banheiro.

Fico em pé e, antes que ela entre, seguro a sua mão, impedindo o seu caminho.

— A senhora... está triste comigo? — A minha voz sai em um sussurro embargado. — Deceptionada?

Ela solta um suspiro, então.

Mantém o olhar no meu rosto por alguns segundos e desliza a sua mão no meu rosto.

— Nada no mundo me faria ficar triste ou decepcionada com você, Aria — diz baixinho e é o bastante para me fazer chorar na sua frente. — Você é o orgulho da minha vida. Não será uma gravidez com o prefeito da cidade, que também é o meu chefe, e filho dos patrões mais incríveis que já tive, que vai mudar isso. — Ergue o olhar por cima dos meus ombros, diretamente para ele. — É um homem digno e esse é o único motivo pelo qual será aceito como marido da minha sobrinha.

Ela aceitou?

Ela nos aceitou!

Oh, meu Deus!

— Tia, eu...

— Está tudo bem, meu amor. — Puxa-me para um abraço forte e afaga as minhas costas. — A única coisa que me importa é a sua felicidade. Nada além dela.

Chorando, aperto-a nos meus braços.

— Eu te amo muito — sussurro no meio desse abraço.

Não sei se um dia falei isso em voz alta.

Mas é a verdade.

Ela é a minha maior representação de amor. Se eu sei o que sinto, sem titubear, por Malcolm, é porque ela existiu na minha vida.

— Eu também te amo, minha vida — diz em um sussurro. — Esse bebê será muito bem vindo nas nossas vidas, como qualquer criança é. — Aos prantos, ela se afasta de mim. — E, embora eu tenha aceitado tudo isso, ainda não processei a realidade. — Sacode a cabeça, limpando o rosto com lágrimas. — Preciso de um banho para acordar.

Tenho um sorriso no rosto ao recuar um passo para trás e, assim, permitir que ela entre no banheiro.

Aliviada, viro-me para Malcolm e ergo os braços.

— Ela nos aceitou! — gracejo, pulando.

Deus, nunca fui tão feliz.

36.

ARIA CORBIN | CINCO MESES DEPOIS

A minha barriga está enorme.

Com pouco mais de cinco meses de gravidez, as minhas pernas já estão pesadas e eu não consigo ficar muito tempo sentada na frente do computador.

Graças a Malcolm e a sua grande influência, consegui um novo emprego, que é muito mais digno que o meu anterior e me possibilitou tirar licença por causa da gravidez, o que me deixou muito aliviada, afinal, não é porque irei casar com um bilionário como ele que vou deixar a minha carreira de lado.

— Vou ao mercado comprar algumas coisas que estão faltando — comunica a minha tia na porta do quarto. — Volto já.

Aceno em concordância e ela se vai, deixando a porta aberta.

Mordo o lábio inferior e desvio o olhar ao redor.

Acabei me mudando para a casa dele junto com a minha tia, por causa da sua insistência para estar presente em todos os momentos da gravidez, pouco tempo depois que ela aceitou o nosso relacionamento.

Agora vivemos com ele.

Não há Nancy e o seu papagaio gritando no meu ouvido todos os dias. Sinto falta, confesso, mas não ao ponto de chorar e lamentar por finalmente ter uma noite completa de sono.

— Amor?

— No quarto! — grito.

Ele vem até mim com um sorriso de lado, aquele safado que provoca todos os meus hormônios muito mais que aflorados.

Por conta disso, temos transado várias vezes todos os dias, sem parar.

E eu não me sinto nem um pouco cansada.

Deitada na cama, com a protuberância da minha barriga em pleno esplendor, usando apenas um vestido solto. Não há calcinha no caminho, porque nos últimos dias elas não têm tido nenhuma serventia.

O meu interior ferve sempre que o vejo sem camisa, como agora.

Usa apenas uma calça de moletom pendendo na cintura, enquanto se aproxima de mim. Aproveito que está perto, que a minha tia está fora de casa e, como a safada em que tenho me convertido, afasto as minhas pernas.

Ergo o vestido para que ele veja que não estou usando nada.

— Você está se transformando em uma ninfomaníaca — murmura rouco e, sem pensar, pula na cama e aproxima a boca da minha boceta.

Fecho os olhos, sentindo a sua língua pressionar a minha abertura, lambendo a minha excitação, então sobe para o meu clítoris, onde ele começa a brincar entre chupadas, lambidas e foca em pressionar em movimentos contínuos.

Gemo, descontrolada e, muito mais intenso do que era antes da gravidez, sinto o êxtase se formar dentro de mim.

Como um caminhão de carga vindo a mais de mil quilômetros por hora em uma pista de corrida, sou atropelada sem dó por um orgasmo que me faz gemer alto o bastante para ser escutada do lado de fora.

— Oh! Malcolm! — grito e, quando sinto as sensações diminuírem, recupero a minha respiração aos poucos.

— Está ficando cada vez mais rápido — sussurra, arrastando-se para a minha barriga, onde deposita um beijo. — A sua mãe é tão despudorada que não tem vergonha de deixar todo o bairro saber que ela é a primeira-dama mais bem alimentada de Nova Jersey.

Por mais que eu saiba que, quando ele levantar daqui e as nuvens de paixão me abandonarem, vou estar morrendo de vergonha, solto uma risada.

— E que o prefeito não pode manter a sua língua longe da boceta dela.

Ele arregala os olhos, mostrando um sorriso idiota no rosto.

— Que boquinha suja é essa, senhora Walker? — questiona aproximando os lábios dos meus.

Beija-me devagar, me fazendo provar da minha própria excitação, o que só me deixa mais louca ainda e cheia de tesão para continuarmos. Solto um gemido, agarrando-o, mas ele se afasta.

— Você só pode estar querendo me deixar maluco — sussurra. — Tenho uma reunião agora, mas essa noite você é toda minha. — Fica de joelhos na cama e pisca um olho para mim. — Me espere acordada. Chegarei cedo.

Afasta-se e vai ao banheiro e eu volto a me cobrir com o vestido.

Durante os cinco meses em que estou aqui, tudo mudou entre nós.

O que já era quente, se tornou escaldante.

E eu sei que posso me acostumar ao que estou vivendo agora.

É tudo novo: a vida, a situação e as circunstâncias. Se eu fechasse os olhos e imaginasse como seria a minha vida daqui um ano, nunca se aproximaria da minha realidade agora.

Mas a verdade é que eu nunca me senti tão feliz na minha vida inteira como agora. Sinto o seu amor a cada momento. Nos olhos azuis intensos, nos beijos cheios de desejo, nos toques possessivos, nas surpresas abruptas que são quase diárias, nas tentativas bobas de me arrancar um sorriso.

Agora, tenho uma família.

E isso significa tudo para mim.

Epílogo

MALCOLM WALKER | DOIS ANOS DEPOIS

Um homem pode ser mais feliz se tem a esposa trabalhando ao seu lado, enquanto dá mamadeira para a sua filha?

Eu sou.

Feliz e realizado.

Desenhos animados estão passando na televisão e eu sigo na tentativa de entendê-los, mas o que importa é que a minha filha está muito entretida.

Aria, ao mesmo tempo, encara vários números na tela do computador.

Entendo? Não.

Mas só em estar aqui, ao seu lado, pronto para ir à prefeitura trabalhar e alimentando a minha filha, já é o bastante para me deixar tranquilo pelo resto da manhã. Levando em consideração que estamos há poucos meses das eleições, Archer está prestes a me deixar maluco com uma agenda que não tem o menor sentido na minha cabeça, uma vez que vou precisar passar muito tempo fora de casa.

E esse é um grande limite para mim.

Se é o preço que preciso pagar para me reeleger, eu não quero.

Deixei claro desde já e não vou admitir que ele me atropele com vários compromissos.

Por mais que Bianca esteja entre nós, e que nos ajude, Aria se sente muito sobrecarregada às vezes, porque precisa trabalhar e

a nossa filha, Victória Walker, em homenagem à minha mãe, precisa de muita atenção.

Quero ser responsável por isso também.

Não quero ser um pai ausente ou que só carrega o título, por causa da minha profissão. Dessa forma, estou pronto para desistir do cargo se for preciso.

— Não tem que ir, Malcolm? — questiona Aria sem olhar para mim.

— O leite não acabou ainda — responde e ela, finalmente, encara-me.

Olha para a bebê com a sua mão pequena sobre a minha e, então, para o meu rosto.

E aqui, nesse segundo, há uma troca magnética que aquece o meu coração em níveis que chegam a quase me enlouquecer.

A minha filha nos meus braços, o ser que contribuí para existir no mundo e, ao meu lado, olhando-me com olhos cheios de carinho, está a mulher da minha vida, a única capaz de me fazer perder a compostura com uma mensagem provocativa. Eu nunca imaginei ter esse cenário na minha vida. Não poderia estar mais feliz.

— Você pode ir. Eu termino de dar a mamadeira para ela.

Coloca o computador sobre a cama e afasta o bloco ao lado para longe, mas eu me recuso.

Do meu dia inteiro, esse é o momento que carrega as minhas energias.

— Não, amor. Eu termino — responde, voltando o olhar para a minha bebê. — Trabalhe tranquila.

Embora eu tenha o meu olhar em Victória, sinto a intensidade dos seus olhos no meu rosto.

— Eu amo você — diz ela, de repente.

Desvio o olhar para o seu rosto e sorrio, sem conseguir me conter.

— Assim? Do nada?

Ela se inclina e captura os meus lábios em um beijo.

— Nunca é tarde para dizer que o amo — sussurra, afastando-se.

Com o peito aquecido, encaro-a sem conseguir parar de sorrir.

Com essa declaração, ela garantiu que Archer não seja demitido por mais um dia. Foi o bastante para que o meu dia inteiro ganhasse sentido.

— Eu também te amo — respondo em um sussurro.

Ela pisca um olho para mim e pega o seu computador mais uma vez.

Observo-a trabalhar e alimento a minha bebê, como um pai de família deve fazer, orgulhoso do homem que me tornei.

Orgulhoso do que serei para sempre para a minha mulher e a minha filha. A minha família.

FIM!



@dansouzaarts

Agradecimentos

Sou muito sortuda por ter uma equipe perfeita, que não me deixa na mão nunca. E isso sem contar no círculo de apoio que é a minha base desde o início da minha carreira até hoje.

Aos meus pais, agradeço pela paciência e pelo apoio diário que dedicam a mim. Obrigada por não me deixarem esquecer quem eu sou e que, por ser filha de vocês, eu nunca poderia me considerar incapaz de nada. Amo vocês muito mais do que imaginam, de hoje ao eterno.

À Vanessa Pavan, a minha assessora que é muito mais que parte da minha equipe, é uma amiga perfeita que tem o meu coração todinho e que não consigo ficar sem. Se não fosse por você, minha irmã, eu já estaria louca e internada. Obrigada por organizar a minha vida profissional com tanto carinho! Amo você demais.

Ao Vinicius, que começou como o amor da minha vida em forma de amigo e, agora, é o revisor mais que essencial no *Barbverso*. Você sempre terá plena liberdade para tocar nos meus textos, porque entrega tudo no que faz. Te amo demais! Obrigada por entrar na minha rotina maluca. Você arrasa demais!

À Amanda Mont'Alverne, por ser uma revisora, leitora crítica e amiga maravilhosa. Você me entrega luz a cada análise e se eu cumpro os meus prazos é porque tenho você comigo. Perfeita, muito obrigada por entrar de cabeça em todos os livros sempre. Te amo muito!

À Emi M Colch, Lavínia, Adriele e Larissa, por serem as melhores pessoas que eu poderia ter na vida. Juro que são o círculo de apoio mais incrível, forte e verdadeiro que já tive. Muito obrigada por existirem. Amo vocês demais, amores da minha vida, metades da minha laranja, cenouras que completam a minha salada.

À todas as minhas leitoras e grupo de parcerias, a minha base. Eu amo vocês com tudo de mim. Muito obrigada por embarcar em mais esse livro.

Em breve volto com mais.

Até já!

PS: Se você encontrar algum erro ortográfico ou gramatical, por favor, reporte. Farei as alterações assim que receber as notificações, sem problemas.

Um abraço,

Bárbara.

Sobre a autora

Bárbara Lorrany é natural do Piauí. Formada em letras português pela universidade federal do Piauí, segue como escritora, sendo essa a sua profissão desde 2017.

Começou escrevendo romances no wattpad e, até o momento, já tem cerca de vinte romances escritos. A maioria arquivada, com promessas de que, em breve, será reescrita e republicada.

Acompanhe o trabalho da autora, seguindo:

[@autorabarbaralorrany](#)

Se quer interagir em grupo, o OFICIAL no whats é: [Clique aqui para ser direcionada para ele!](#)